

REVISTA DA SEMANA

N.º 33

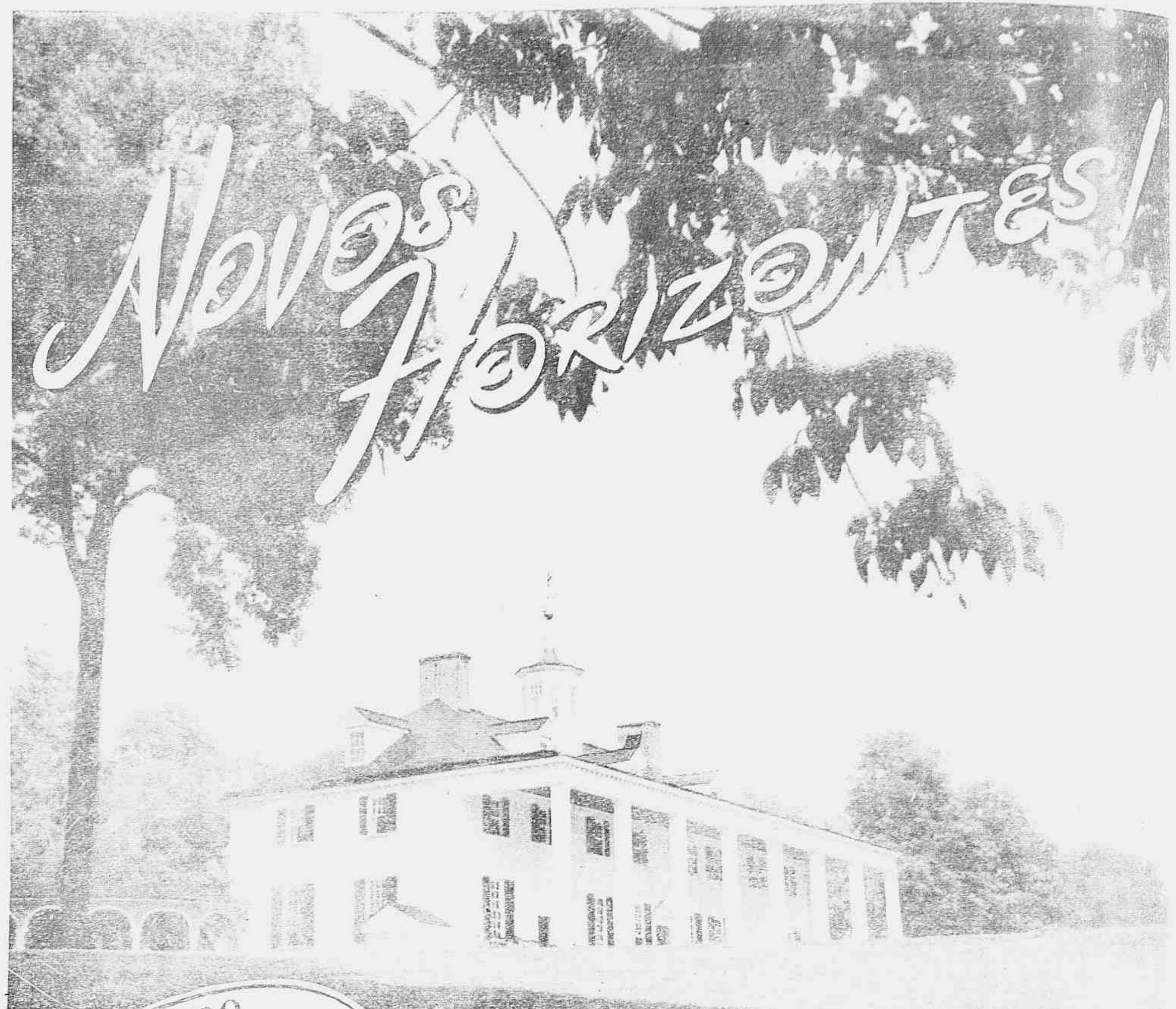
14-8-48

Cr\$ 3,00 em todo o Brasil



GA





14.500
EXEMPLARES
VENDIDOS NAS DUAS
PRIMEIRAS EDIÇÕES

CASA DE GEORGE WASHINGTON, EM MOUNT VERNON, VIRGÍNIA. FOTO DE VICTOR JOSE LIMA

NOVAS OPORTUNIDADES PARA O FUTURO!

PREÇO:

CR. \$
20,00



Éis o que oferece a língua inglesa: atualmente usada por milhões de pessoas em todo o mundo. Aprender o idioma proporciona imensas oportunidades de William Shakespeare pode adquirir maiores oportunidades comerciais, científicas e mesmo oportunidades para grandes viagens, entrando em contato direto com outros povos e culturas. E para todos aqueles que desejam aprender a língua com facilidade, eis o livro **INGLÊS BÁSICO E PRÁTICO** — uma obra rica, comprovada em duas edições completamente esgotadas. O vocabulário completo, inclusive palavras essenciais das atividades humanas. **INGLÊS BÁSICO E PRÁTICO** oferece a gramática, pronúncia figurada de todos os verbos e as frases mais usadas nos Estados Unidos da América do Norte. **INGLÊS BÁSICO E PRÁTICO** é um livro útil que lhe abrirá portas e caminhos.

INGLÊS BÁSICO E PRÁTICO

Por VICTOR JOSE LIMA
Ex-tradutor da "Military Review", em
Fort Leavenworth, Kansas, U. S. A.

Publicado originalmente
por Victor Jose Lima

VICTOR JOSE LIMA
Rua Cel. da 4.ª Div. 2
Tijuca, Rio de Janeiro

Loiras e Morenas

GILBERTO FREYRE, querendo explicar a gênese da predileção dos portugueses pelas mestiças, evoca a criação, entre os ancestrais lusitanos, da lenda da "moura encantada", idealização da mulher sarracena e que encheu de sonhos os sonos dos lusos de antigamente. De modo que não foi à toa que, na madrugada do Brasil, o português simpatizou em extremo com a tonalidade bronzeada da pele das índias. Gilberto aponta a transmissão para os brasileiros desta mesma predileção cromática (preferência senão pelas mulatas, por esse tipo que é muitas vezes um eufemismo de mulata, a morena). Onde ele parece pecar é, todavia, quando vem a afirmar que a morena ou a mulata constituem uma espécie de ideal constante dos poetas brasileiros, que seriam portanto decididamente contra as loiras...

Na poesia brasileira alternam-se loiras e morenas, sendo as primeiras sinal de influência estrangeira e as segundas testemunho de espírito nacional. A pesquisa não é anódina. Trata-se, nada mais nada menos, do que, através da cor dos cabelos das gentis inspiradoras dos poetas, identificar neles os veios autóctones e os alienígenas de inspiração.

Quando o Brasil nasceu, era pleno esplendor do quinhentismo português, o que vale dizer ditadura plena de Camões na épica e na lírica brasileiras. O tipo feminino de Camões nada tem de autóctone. E', em última análise, a Laura petrarqueana, loura e de olhos verdes, e que serviu de padrão para a primeira musa brasileira, a Musa clássica. Quando Gongora aparece, infiltra-se por Manuel Botelho de Oliveira e Gregório de Matos. Aqui temos uma ilustração típica da verdade que frisamos acima, a de que a Musa clara é estrangeira e a Musa escura é nacional. Botelho de Oliveira prende-se firmemente à tradição literária da Europa e é no ultramar que vai buscar a sua orientação poética e o seu canon de beleza. Ao passo que a poesia de Gregório de Matos é autóctone, brota violentamente da terra como se fosse um vegetal ou um bicho.

Na poesia da escola mineira continua a tradição petrarquista, Musa clássica por conseguinte. Dela não esteve imune nem mesmo um Tomaz Antônio Gonzaga. Neste, Marília, que os cronistas asseguram tratar-se de uma Musa morena, era contraditoriamente descrita ora como loura ora como morena. Esta contradição retrata um conflito de Gonzaga, oscilante entre uma musa brasileira e bronzeada, procurando irromper violentamente por sua poesia, e uma musa européia, de tradição milenar, para cujo alijamento o arcade convencionalizado não tinha o necessário ânimo.

Um dia aconteceu a emancipação relativa do romantismo. Aqui o sr. Gilberto Freyre começa a ter um pouco mais de razão. O romantismo surgiu, entre outras coisas, como uma grande força nacionalizadora, e com isso o prestígio da morena teve, evidentemente, que aumentar. Invadiu o romantismo com a onda de indianismo e sertanejismo que o veio avassalar. As morenas estão em Álvares de Azevedo, Casimiro e, principalmente, em Castro Alves. Mas as loiras continuam, atestando a existência de um estado de espírito, incerto, e com a mesma significação que no caso de Gonzaga.

As loiras continuam, não obstante o indianismo, a figurar em primeira plana em Gonçalves Dias. Aqui o sr. Roger Bastide gostaria de entrar com a sua explicação de que se tratava de um poeta mestiço e que com esse branqueamento de sua poesia procurava superar a "linha de côr", ascender socialmente, etc., como com muita argúcia explicou a branquidade lunar do simbolista Cruz e Souza.

Com a hora parnasiana nem Bilac, nem Raimundo, nem Vicente de Carvalho dão razão ao sr. Gilberto Freyre. O parnasianismo é francês e sobretudo helênico. Um vento violento de Grécia invadiu e devastou a poesia nacional e a prosa também, onde um sr. Coelho Neto gostava de proclamar-se o "último dos helenos". E' o momento de Nissia, Frinéia e de outras mulheres igualmente importantes. Momento europeu de nossa evolução lírica, a morena foi relegada para plano absolutamente inferior.

O simbolismo é enevoadado, branco, litúrgico; logo continuará em plena glória a loura pálida e de olhos verdes... O sr. Gilberto Freyre poderá, todavia, consolar-se com a poesia popular que, por ser ferozmente nascida da terra, não quer saber muito de brancuras nórdicas.

JAMIL ALMANSUR HADDAD

Para "REVISTA DA SEMANA"

REVISTA DA SEMANA

Sumário:

COLABORAÇÕES

Louras e morenas (Jamil Almansur Haddad)	3
Uma preciosidade iconográfica (Alberto Lamego)	34

BIOGRAFIA

A vida de Walter Scott (Henry Thomas e Danna Lee Thomas)	28
--	----

CARICATURAS

Bom humor	24/25
-----------------	-------

REPORTAGENS

Cada doido tem sua mania (Ney Machado)	6/11
O Grande Prêmio "Brasil"	12/17
Revolução na cinematografia colorida (Pierre Sandall)	28/29
A vagabundagem lírica de Vito Perona (Milton Pedrosa)	30/33

CONTOS

Sandra (Paulo Pinho)	19
Cidadezinha do interior (Marco Túlio Junior)	20/21
A feiticeira (Manuel Miranda)	22

SEÇÕES PERMANENTES

A Semana em Revista	4
O Mundo Marcha	5
Broadcast	23
Cine-Revista	26/27
Vida Literária	35
Livros Novos	36
Música	46
Cancioneiro internacional	47
Pelas estradas do céu	49

SUPLEMENTO DA MULHER

Nos bastidores femininos	37
Modas	38/49
Muro das lamentações	38
O espírito feminino através dos tempos	43
Mães e filhos	44
"Week-end" na cozinha	45
Caixa de ressonância	48

FOLHETIM

Melissa (Le Grand Cannon Jr.)	57/58
------------------------------------	-------

ILUSTRADORES

Armando Pacheco
Orlando Matos
Abelardo Zaluar
John Fulton

NOSSA CAPA



Ilustrando a nossa capa desta semana, temos a figura da talentosa atriz inglesa Ann Todd. Possuidora de uma beleza estranha, Ann tem-nos dado magníficos trabalhos, entre os quais a sua notável atuação em "Sétimo véu", ao lado de James Mason.

a SemanA EM REVISTA

UM MONUMENTO A RODRIGUES ALVES



sinalados serviços. Sem a energia férrea de Rodrigues

Em interessante artigo, intitulado "Rodrigues Alves e a ingratidão dos cariocas", o jornalista R. Magalhães Junior, secretário de REVISTA DA SEMANA, reclamou em nossa página de abertura a ausência de monumento público, em nossa capital, em homenagem a ilustre chefe de Estado, que foi um dos nossos maiores administradores e a quem a cidade, como de resto todo o Brasil, devem os mais as-

Alves, enfrentando uma intensa e injusta campanha de imprensa, para prestigiar a ação magnífica de Oswaldo Cruz, o saneador da cidade, não teria sido possível a eliminação da febre amarela do Rio de Janeiro, naquele quadriênio, reabilitando a nossa capital em face do mundo civilizado. Sem a energia e a coragem de Rodrigues Alves, Pereira Passos, o prefeito magnífico, e Paulo de Frontin, o engenheiro de comprovada capacidade, autor da façanha da "água em seis dias", não teriam podido empreender a remodelação da cidade, rasgando as primeiras grandes praças e avenidas de que hoje tanto nos orgulhamos. Rodrigues Alves, no seu governo, foi um paradigma de honestidade, de des-cortino, de espírito progressista, de visão ampla e ore-jada. Tudo isso foi salientado no artigo de R. Magalhães Junior, estampado em nossa página de honra, na

semana em que ocorreu o centenário do nascimento do eminente estadista. Esse artigo mereceu as honras de esplêndido comentário do professor e jornalista Roberto Macedo, no "Correio da Manhã", acabando por ter significativa repercussão na Câmara dos Deputados, onde já surgiu um projeto que estava fazendo falta: um projeto que autoriza o presidente da República a abrir o necessário crédito para a ereção de um monumento a Rodrigues Alves. Esse projeto, com certeza, não deixará de ser aprovado, pois não visa senão o resgate de uma dívida da nação para com a memória de um dos seus grandes benfeitores e um dos mais dignos homens públicos que o Brasil já produziu.

EM DEFESA DA ÉTICA PARLAMENTAR



submissamente, às influências todo-poderosas da Light and Power. Eram, em suma, uns cortejadores interessados da poderosa empresa canadense e, sem o prestígio

As casas do Legislativo, na capital da República, têm sido, nestes últimos dias, teatro de cenas verdadeiramente lamentáveis e que muito depõem contra os nossos foros de boa educação política, por serem infringentes da boa ética parlamentar. Para começar, o deputado Barreto Pinto, — sempre o incrível representante petebista! — acusou seus colegas da Câmara dos Deputados de se renderem,

desta, os projetos não tinham rápido andamento. — ou pelo menos tão rápido quanto o projeto que autoriza o governo brasileiro a endossar um avultado empréstimo que a Light and Power pretende fazer no Banco Internacional. Os deputados se consideraram insultados e resolveram reagir. Então, o sr. Barreto Pinto retratou-se. Dupla vergonha: acusar gratuitamente e retratar-se publicamente. Depois disso, tivemos, na Câmara Municipal, três episódios igualmente tristes: um vereador investe contra outro de punhal e outro saca de um revolver. Uma vereadora desmaia. Protagonistas: os srs. Alvaro Dias, Gama Filho e a vereadora Sagrador de Scuvero. Dias depois, um vereador, que deixara a Secretaria do Interior e Justiça da Prefeitura, depois de ter participado de um ato criminoso, — a depredação de um jornal, — entra em conflito, aos bofetões, com outro colega. Uma vereadora desmaia, como da vez antecedente. Protagonistas do episódio: Levy Neves,

Geraldo Moreira e Sagrador de Scuvero, que parece ter ido para a Câmara Municipal especialmente para desmaiar. Dias depois, um vereador, — o sr. Luis Paes Leme, com a responsabilidade de lider da UDN, insulta de tal maneira a mesa, que lhe querem cassar o mandato. Esse episódio, entretanto, é logo esquecido, quando um deputado sem a menor noção de lealdade e de ética, o sr. Pereira da Silva, abusa da boa fé do presidente da Câmara dos Deputados, sr. Samuel Duarte, que é antes de mais nada um homem bem educado, para fazer publicar no "Diário do Congresso", como se tivesse sido discurso lido, uma série de insultos contra outros deputados. Evidentemente, o Poder Legislativo, base do regime, precisa ser respeitado e prestigiado, — mas, quem o prestigiará e respeitará se seus próprios membros não forem os primeiros a dar esse exemplo?

A FAVELA DE JACAREZINHO



zes profundas e de difícil extirpação. As "favelas" resultam, antes de mais nada, das explorações imobiliárias que, no Rio de Janeiro, vão tornando cada vez menos possível a aquisição de casa própria, — sobretudo de casas baratas, ao alcance das classes menos favo-

Quando se iniciou a chamada "batalha das favelas" no Rio de Janeiro, — assim foi denominado um movimento que se destinava a eliminar os casebres dos morros da paisagem urbana, — desconfiamos logo que isso ia dar em nada. Sim, porque um movimento dessa natureza não pode resolver, por meios mais ou menos artificiais, ou perfunctórios, problemas de natureza social, que têm rai-

recidas. Por outro lado, o preço dos aluguéis vai se tornando proibitivo e quando, outrora, representava isso um ônus de quinze a vinte por cento dos salários de um chefe de família, hoje representa, na maioria dos casos, uma oneração de trinta, quarenta e até cinquenta por cento, — donde muitos preferirem o desconforto dos morros, em lugar de gemerem com as luvas e os aluguéis extorsivos, cá em baixo. Muitas vezes se tem argumentado com o fato de que há "faveleiros", ganhando de três a cinco mil cruzeiros mensais, possuindo rádio e geladeira, nos casebres do morro, — o que demonstraria a capacidade de viverem com melhor padrão de vida cá em baixo. Mas, se esses faveleiros pagassem de mil a mil e quinhentos cruzeiros de aluguel, fora as luvas, poderiam ter padrão de vida melhor do que o que têm? Não. Poderiam morar melhor, mas comendo pior ou vestindo-se menos bem. Seriam, quando muito, caudatários de outros interesses, — e antes de mais nada, acentuariam, pelo aumento da procura, a

alta ilegal dos aluguéis e o câmbio negro de casas e de apartamentos. Demolir "favelas", sem ter criado antes vilas operárias, ou parques de casas populares capazes de substituí-las, seria um contrasenso e uma des-humanidade, contribuindo, tão somente, para aumentar as aflições dos aflitos. Uma das características iniciais da campanha contra as "favelas" foi assim, violenta e reprovável. Agora, porém, o presidente da República, general Eurico Gaspar Dutra, indo visitar, em companhia do prefeito Mendes de Moraes, a "favela" do Jacarezinho, de onde verdadeira população estava ameaçada de despejo por um proprietário tão rico quanto desumano, garantiu que os direitos dos "faveleiros", — direitos baseados na necessidade maior e imperiosa, no "direito de morar" e de dar utilidade social a áreas desaproveitadas, — não seriam turbados, de maneira alguma. É uma declaração tranquilizadora, essa, de que não serão mais derrubadas as "favelas" pelos salvadores, "à outrance", dos pobres "faveleiros"...

ANO XLVII

N.º 33 — 14-8-1948

REVISTA DA SEMANA

Diretor-Secretário.

R. MAGALHAES JUNIOR

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 140,00; Seis meses Cr\$ 70,00

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 85,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 270,00; Seis meses — Cr\$ 140,00

O número avulso custa 3,00 em todo o Brasil: atrasado, Cr\$ 3,50

Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels. — Gerência: 22-2550; Secretaria: 22-4447; Publicidade: 22-9570;

Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Corres. na Bahia: J. Machado Cunha, Av. 7 de Setembro, 149, Cid. do Salvador, Bahia. EM SÃO PAULO — Vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Cap. Salomão, 67 — Tel. 4-1569 — Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, à rua Brigadeiro Tobias, 613 — 2.º andar, sala 217. Telefone 6-6718.

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Av. Fontes Pereira de Melo, 34 dt. Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituintes, 1746, Montevideu. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299. Tel. 32. Avenida 9109, Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor-Presidente: GRATULIANO BRITO

Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 60 PÁGINAS

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados.



EM Moscou, houve conferências amistosas entre Stalin e os representantes das democracias ocidentais. Houve alguns sorrisos, demonstrações de cordialidade e, afinal, diz-se que a hipótese de guerra está afastada... e menos por enquanto. ★ O Senado se agastou com o ministro Raul Fernandes na semana passada, porque, ao ser pedida a aprovação da nomeação do sr. Fraga de Castro para ministro plenipotenciário do Brasil na Checoslováquia, foi revelado que o boletim do Itamaraty, há quinze de julho, já o dava como efetivado naquele posto, à revelia da Câmara Alta. Depois de prolongados debates, nos quais se censurou e se defendeu o sr. Raul Fernandes, ministro das Relações Exteriores e responsável pela publicação, foi aceita pela Casa uma sugestão para que o senador Mello Vianna, presidente do Senado, fôsse ao Itamaraty para em caráter oficial e reservado, chamar a atenção do ministro Raul Fernandes para a descortesia feita ao Senado. "O Globo" ouviu o ministro Raul Fernandes, que disse que não recebera ainda comunicação oficial do incidente, dele tomando conhecimento apenas através do que fora publicado nos matutinos. Acrescentou o sr. Raul Fernandes que igualmente desconhecia o fato de o nome do sr. Fraga de Castro ter sido publicado antecipadamente, e que sobre isso se informaria com detalhes hoje no Ministério. ★ Ninguém deve por em dúvida os sentimentos patrióticos dos portugueses. Como demonstração dêsse entusiasmo patriótico, podemos referir este caso pitoresco: exhiba-se, na semana finda, em um dos cinemas do centro um filme português, mostrando os novos navios da esquadra lusitana, e descrevendo-se aos espectadores as realizações do ministro Salazar. Seja pela voz do locutor do filme, com forte acento lusitano, seja pelo que dizia sobre o Governo salazarista, o fato é que entre a assistência originaram-se manifestações de desagrado ao filme e ao seu assunto, repetindo-se as vaias e os assobios, principalmente de parte de estudantes que ali se encontravam. Não se conformou com isso D. Laura Ferreira Bragança, portuguesa de nascimento, que assistia ao filme e que decidiu desagrar Portugal e seu Governo, insultando o Brasil e os brasileiros. Tal foi a reação de D. Laura, cada vez mais provocando os apupos dos espectadores, que a sessão foi suspensa, sendo ela, sob os mais vivos protestos verbais e físicos, retirada da sala para a via pública, onde já se reunia uma pequena multidão, e de onde foi conduzida por um carro da Rádio-Patrolha. D. Laura, que é solteira, conta 34 anos de idade e reside à rua Domingos Magalhães, 200, foi recolhida ao xadrez do 5.º Distrito Policial. ★ Fala-se, neste momento, mais do que nunca, nas perspectivas da televisão no Brasil. O "broadcaster" Cesar Ladeira, figura popularíssima em nosso meio radiofônico, acaba de embarcar para os Estados Unidos, a fim de adquirir uma estação transmissora e de obter a representação de aparelhos transmissores para instalar, aqui, um grande centro de televisão. As rádio "associações" e a Rádio Nacional também estão pensando nisso. Quem chegará a realizar primeiro o objetivo em vista? Cesar Ladeira garante que será sua estação. E informou, em entrevista dada no aeroporto, por ocasião de sua partida: "Conhecedor das condições apresentadas pelas diversas firmas industriais, com as quais mantemos contacto, procurarei adquirir a estação televisora a ser montada aqui no Rio, que como já e do conhecimento público caberá à Rádio Mayrink Veiga a primazia do seu lançamento. Será, disso pode ficar certo, a que melhor se coaduna com a topografia do Distrito Federal, oferecendo as melhores garantias de visibilidade e raio de alcance, pois, segundo os sistemas em execução nos Estados Unidos, cidades diferentes e mais distantes da estação televisora são alcançadas, por meio de torres especiais, ou "links". E é do nosso plano, de início, estender a visibilidade da nossa primeira estação até Petropolis, usando essa tecnica. Niterói, pela sua vizinhança do Rio, será também beneficiada pela recepção perfeita da televisão. Também é um dos nossos objetivos a distribuição desses aparelhos receptores, cujos preços, segundo as últimas informações, já estão estandardizados. Claro está que, com a produção em massa atualmente em vigor nos Estados Unidos, tais aparelhos poderão ser adquiridos por toda a gente, como acontece com os receptores comuns de rádio." ★ O nosso magisterio acaba de perder dois ilustres professores: Otelo Reis, autor de vários livros didáticos, catequético do Colégio Pedro II e autoridade acatada em assuntos linguísticos, e o compositor Paulino Chaves, que preparou várias gerações de musicistas. Por faltar em musica, o eminente compositor brasileiro Heitor Villa Lobos, uma das figuras mais importantes do mundo artistico contemporâneo, foi submetido a denuncissima intervenção cirúrgica, no Memorial Hospital, em Nova York, encontrando-se em estado gravissimo. O Itamaraty está respondendo pelas despesas do tratamento do grande compositor naquele hospital, o que representa um gesto digno de aplausos. Os amigos e admiradores de Villa-Lobos, entre os quais nos inscrevemos, fazem votos pelo seu pronto restabelecimento. ★ Volta-se a falar em intervenção federal em São Paulo. Parece que o sr. Azeimar de Barros está realmente com seus dias de governo contados, mas também se assevera que o sr. Novelli Junior, genro do presidente Dutra, não será beneficiário da situação a ser criada com a intervenção. Diz-se que está agora dependendo tão somente da escolha de um interventor capaz de satisfazer ao mesmo tempo aos proceres do PSD e aos da UDN. Não nos surpreenderemos se, quando circular esta edição, a precisão interventorial já estiver na rua... ★ Continua no cartaz o novo crime da machadinha, no qual, ao invés do caso de Aracy Abeilha, a vítima foi uma mulher, Kenita Castro, senhora de vida alegre e movimentada. Um dos seus admiradores parece que quis ver de que cor era a sua massa encefálica... ★ Deu entrada em nosso porto o navio-escola "Guanabara", que o Ministério da Marinha adquiriu na Alemanha. É um belo veleiro, que também é provido de motores Diesel. Chegou, não há dúvida, em boa ocasião... Temos dois navios-escolas, mas o que não temos é guardas-marinha para treinar neles. O que nos faz pensar no velho estribilho popular: "Ferreiro da maldição, quando tem ferro falta carvão"... ★ A Associação Brasileira de Escritores protestou contra os artigos da chamada "Lei de Segurança do Estado", que pretendem liquidar com a liberdade de pensamento escrito e falado. E fez muito bem! Por falar em pensamento escrito e falado, — teve grande repercussão a saída do jornalista Carlos Lacerda do "Correio da Manhã", onde tinha a sua explosiva "Tribuna da Imprensa". Renunciando à verança, para se entregar ao jornalismo e ao rádio, é agora apenas "speaker" da Mayrink Veiga... E, por hoje, é só. Até sábado!

Estômago Sujo

As vezes, sem saber porque, sente-se de repente grande abatimento geral, aborrecimento, moleza, indisposição profunda, mal-estar em todo o corpo, preguiça para fazer qualquer esforço, até dores e peso no estômago, na cabeça e no ventre; emfim não se tem vontade nem coragem nenhum.



Sempre que estas perturbações aparecem assim de repente, deve-se ter a certeza de que o estômago e intestinos estão muito sujos e cheios de matérias fermentadas e tóxicas, e neste mesmo dia convém usar **Ventre-Livre**, afim de prevenir complicações e moléstias mais graves

Um Conselho

Evite as medicações violentas
e debilitantes !

Para tratar racionalmente a prisão de ventre, use **Ventre-Livre**, remédio brando e suave, que alivia, limpa e tonifica o estômago e intestinos e exerce uma ação muito salutar sobre as funções do fígado.

Todas estas qualidades é que fazem com que **Ventre - Livre** seja largamente usado em tão numerosos e importantes países.

Use **Ventre - Livre**

CONTOS PARA A "REVISTA"

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DOS SEUS LEITORES

1 — Só serão aceitos contos escritos em torno de temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam discurrir com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores procurar a importância de sua colaboração na caixa. Os autorizados nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e, no máximo, oito folhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este será utilizado apenas para efeito do pagamento. E' desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: --
Conto para a REVISTA DA SEMANA.

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os autores devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

INDUSTRIAS * * * * * Rua Rosa e Silva, 74 — Fones
5-1311 e 5-1323 — São Paulo

Rua Rosa e Silva, 74 — Fones
5-1311 e 5-1322 — São Paulo

VENDAS E EXPOSIÇÃO

ÚNICO REPRESENTANTE

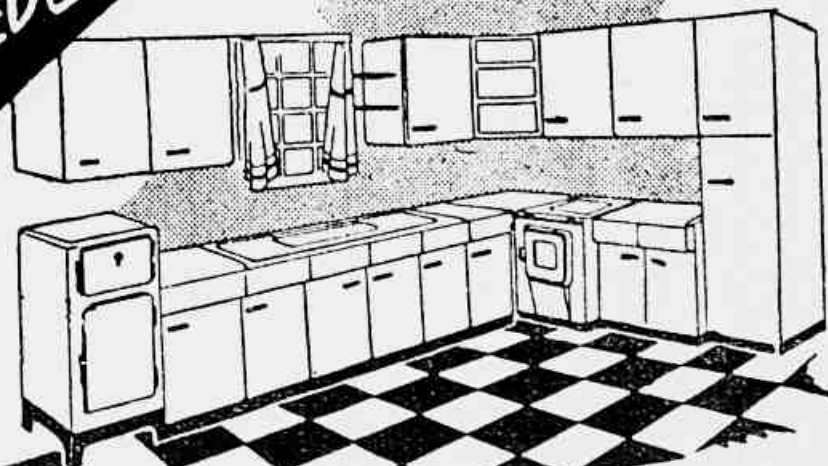
A BLUM SOBRINHO — 42-2455

RUA DO CARMO, 6 — 10.º AND.

— SALAS 1.009/1010

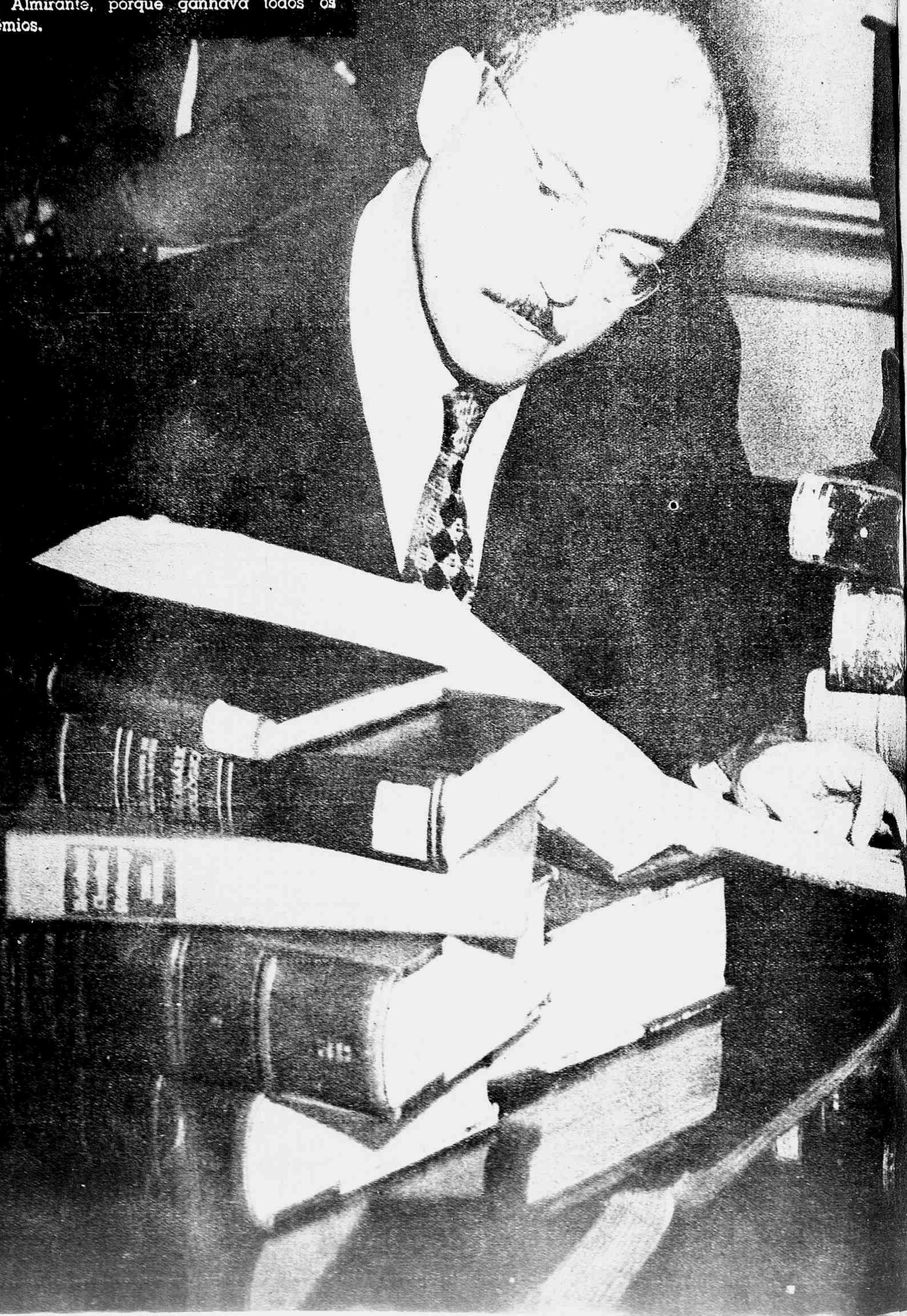
NEVE

**AS FAMOSAS COSINHAS
TIPO AMERICANAS
KITNEVE**



**VISITE A NOSSA EXPOSIÇÃO PERMANENTE OU
PEÇA A VISITA DE UM NOSSO VENDEDOR
ESPECIALIZADO.** Atendemos a qualquer consul-
ta relativa ao nosso campo.

Este é o sr. Romário, professor da Força Pública de Estado do Rio e colecionador de palavras pouco comuns. Chegou a ser proibido de tomar parte na Caixa de Perguntas, de Almirante, porque ganhava todos os prêmios.





O sr. Burges e sua esposa, senhora Allie Cobb Burges, diretores do Instituto Central do Povo, têm uma grande coleção de xícaras antigas e, também, de colherinhas de prata, de variados feitios. Quando servem o café, as xícaras surpreendem as visitas pela variedade...

“CADA LOUCO TEM SUA MANIA”...

O HOMEM QUE COLECIONA PALAVRAS ★ ALVARO MOREYRA E A HISTÓRIA DOS NOMES PRÓPRIOS ★ PAULO GRACINDO TEM UM NOVO “HOBBY” ★ SAGRAMOR DE SCUVERO E SUA COLEÇÃO DE CAIXAS DE FÓSFOROS ★ XÍCARAS ROUBADAS, UM GRANDE ATRATIVO ★ EDMAR MACHADO E AS FOLHINHAS COM DATAS AZIAGAS ★ SOCIALISTAS E INDIVIDUALISTAS ★ COBRAS MANSAS E VENENOSAS, TAMBÉM SERVEM PARA COLECIONAR

Texto e fotos de NEY MACHADO

CADA louco tem sua mania, diz um antigo ditado do povo. E a gente vê que o refrão está certo quando começa a conhecer os colecionadores. Há colecionadores para tudo, desde as humildes caixas de fósforos até as aristocráticas orquídeas. Há os que colecionam moedas antigas — os chamados numismatas, tais como o Armando Louzada, Radamés Gnatalli e outros — e há também os que colecionam dinheiro corrente, como os srs. E. G. Fontes, Souza Costa, Eduardo Duvivier (que também coleciona apartamentos), etc. Vamos deixar de lado esses grandes colecionadores e tratemos de focalizar os mais modestos, principalmente aqueles que resolveram catalogar coisas originais. São esses os mais interessantes, como iremos ver.

O COLECIONADOR DE PALAVRAS

O mais curioso colecionador que encontramos foi, sem dúvida, o niteroiense Romário. Esse professor da Força Pública de Niterói resolveu colecionar uma das coisas mais fáceis de ser encontradas: palavras. Apesar da abundância do material, é o único colecionador dessa espécie. A coleção de Romário começou da seguinte maneira. Desde garoto ele se interessou por charadismo e palavras cruzadas. Para responder às perguntas sobre sinônimos e antônimos, era obrigado a manusear constantemente os dicionários. Foi exercitando assim sua memória. Com o correr dos tempos, tornou-se o mais premiado decifrador de palavras cruzadas e enigmas do Brasil. A diferença entre Romário e outros amantes dessa diversão, é que cada palavra aprendida fica gravada para sempre na sua memória. Contou-nos ele que o seu vocabulário de termos pouco comuns é atualmente de dez mil palavras, incluindo-se nesse formidável acervo estudos completos de botânica, zoologia, terminologia do exército, marinha e aeronáutica, prefixos, sufixos, etc. Seu forte é o conhecimento de arcaísmos e sinônimos de termos vernáculos. Romário começou a ser conhecido do público por intermédio do programa “Caixa de Perguntas”, realizado por Almirante, anos atrás, pela onda da Rádio Nacional. Decifrou tantas charadas e ganhou tantos prêmios que “a maior patente” se viu obrigado a proibir sua intervenção no concurso, a fim de não tirar a “chance” de outros concorrentes. Apesar das restrições e proibições, Romário chegou a ganhar um total de seis mil cruzeiros naquele programa e em outros semelhantes. Atualmente tira partido de “sua coleção de palavras” trabalhando todos os sábados no “Programa César de Alencar”. Nessa audição o auditório abre vários dicionários e faz a Romário um total de nove perguntas. Pedem-lhe a significação das palavras mais disparatadas. Ele consegue responder, em

média, a sete perguntas das nove que lhe são feitas. Para avaliar sua capacidade, vamos transcrever o questionário do último programa, dando ao lado as suas respostas, todas corretas. Pediram-lhe e ele deu a significação de:

Enefia = furacão no mar das Índias.
Esplenocle = tumor no baço.
Anáfega = fruto do Brasil, quase silvestre.
Ipo = planta venenosa da Malásia.
Afragar = não respondeu.

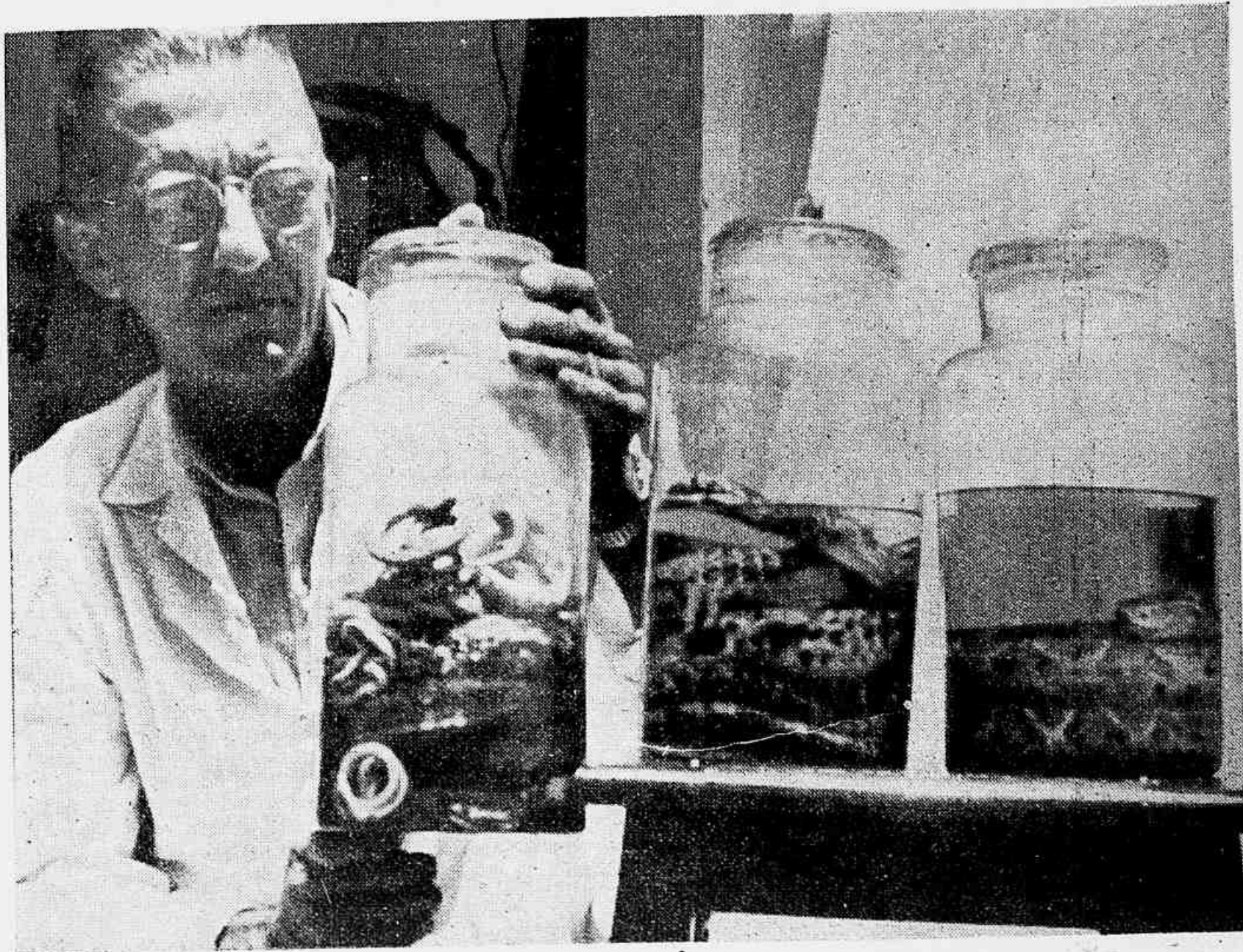
Badénia = não respondeu.

Ocre = terra argilosa de cor amarelada.

Cangirão = panela, caldeirão grande.

Acre = azedo, ou, também, áspero, desabrido.

Em todos os programas acontece a mesma coisa. Pelo seu concurso, Romário recebe mais de três mil cruzeiros mensais. Sua coleção de palavras aumenta diariamente. Segundo nos afirmou, decora vinte novos vocábulos esquisitos diariamente. Dentro de alguns anos terá decorado



Este é o sr. Fernando de Castro Lima, que, mordido por uma jararacuçu e, depois, por uma cascavel, passou a colecionar cobras venenosas, mortas, em vidros, e cobras sem veneno, vivas, no quintal, em Fortaleza, no Ceará...



Colecionar elefantes de marfim, recebidos de presentes, leques e outras peças antigas, faz parte das preocupações do sr. Mauricio de Souza, um homem que nasceu com a vocação de antiquário ou de diretor de museus...

todas as palavras estranhas do vernáculo. Sua capacidade de retenção varia de cinco a dez anos, dependendo a maior fixação em sua memória do reencontro da palavra em outro lugar.

ALVARO MOREYRA E SUAS MANIAS

Disseram-nos que Alvaro Moreyra, o delicioso cronista que todos nós admiramos, também tinha uma mania. Colecionava burricos e elefantes. Contudo a mania mais singular de suas coleções é, sem dúvida, a de nomes próprios curiosos. Falamos-lhe a esse respeito e ele se prontificou a nos fornecer alguns exemplos. Passaria na redação e nos deixaria um bilhete. Cumpriu o prometido e o bilhete aqui está. Para não desvirtuarmos sua maneira de dizer, vamos transcrever o recado. Diz ele:

"Conheci, num dia de chuva, um homem chamado Nogueiras. Foi meu companheiro de ônibus, e sabia todas as coisas que acontecem segundo os jornais. Não me admirei porque conheço outros plurais: Menozes, Marcondes, Magalhães, Vargas, Flores, Borges, Medeiros. Desses não faço coleção. Guardo outros nomes, encontrados numa lista de pretendentes a benefícios do Instituto dos Industriários. Por exemplo: Um Dois Três de Oliveira Castro, Olindo Barba de Jesus, José Casou de Calças Curtas, Dezenovecento e Oitenta e Cinco, João Cólica, Antônio Dodói... Na Bahia, há uma família de óperas: Traviata, Trovador, Rigoletto, Crepúsculo dos Deuses, Rodrigues da Silva, Graca Aranha deu-se, no Maranhão, com dona Holofetina. Soube há muitos anos, esteve no porto de São Luís um navio de guerra, em viagem de instrução. Na noite da chegada, o holofote do navio passou pelo céu a sua faixa luminosa, fazendo saudações. Perto da capital, numa vila, um habitante viu aquela claridade estranha; alarmou-se, pôs-se a gritar. A população, acordada, ao olhar para o céu, não quis saber de mais nada: correu para a igreja. Com certeza, o mundo lá se acabou! Na população, uma senhora estava muito grávida. Com o susto, não conseguiu esperar mais; trouxe o filho para a luz. O filho era uma filha. O caso, depois, se explicou. Não se tratava de qualquer sinal do céu.

Tratava-se (o vigário descreveu o aparelho) de um holofote. Como homenagem e lembrança, a menina foi batizada com o nome de Holofetina..."

Aqui acaba o bilhete. Simples amostra. Mas muito boa...

PAULO GRACINDO TEM NOVAS IDEIAS

Paulo Gracindo sempre teve gosto por coleções. Uma de suas últimas foi de caixa de fósforos. Depois desfez-se dessa e iniciou uma outra, na qual parece ser o único na especialidade. Aproveitou a sua estada nas praias longínquas do Estado do Rio, durante a filmagem de "Estrela da Manhã", e iniciou uma coleção de objetos artísticos feitos de conchas marinhas. Andou comprando de pescadores na Restinga de Marembaia uma infinidade de enfeites caseiros, todos eles trabalhados em conchas. Rosas, margaridas, bonecos e uma porção de bibelôs formados por conchinhas justapostas são o novo "hobby" do "astro" da Rádio Tupi. A mania de Paulo Gracindo por objetos exóticos, fora do comum, já é antiga. Quem entra no "living" de seu apartamento, à rua das Laranjeiras, fica impressionado com a decoração salvador-dalista do ambiente. Um dos abajures é um velho pistão, outro é uma bota russa e o terceiro é um bojudo vidro de ácido, desses encontrados nos laboratórios de química.

SAGRADOR E MIGUEL GUSTAVO, DOIS MANIACOS

A vereadora Sagrador de Souvero e seu marido, Miguel Gustavo, têm a mania das coleções. Podíamos dizer que a atual representante petebista — atual porque foi eleita pelo P.R. e virou a casaca... — coleciona até programas de rádio, pois em cada dia da semana a Rádio Globo apresenta um programa diferente, sob sua orientação. Na vida particular, a locutora de "O mundo não vale o seu lar" começou colecionando moedas, passou-se depois para antiguidades e fez ainda coleções de livros de cozinha, xicaras, copos, autógrafos, terminando com a maior coleção de caixas de fósforos existente no Rio. Essa última coleção conta atualmente mais de mil exemplares. Na saleta de entrada de seu apartamento existe uma mesinha e uma bandeja farradas com caixas de fósforos trazidas por Sagrador dos Estados Unidos. Nessa especialidade ela colecionou somente caixas de reclame, distribuídas por "botes", bebidas, marcas de cigarros, clubes, jornais e até de organizações de auxílio à campanha de guerra norte-americana. As duas caixas de fósforos que Sagrador considera de maior valor dentro de sua coleção, das quais não se desfaria por dinheiro algum, são a da Conferência de São Francisco, distribuída pelo "bureau" de imprensa e propaganda daquele conclave, e a de um jornal-espetáculo dos Estados Unidos, "The Hobo News", o jornal dos vagabundos, como é conhecido, editado de vez em quando e especialmente dedicado à defesa da classe dos desempregados, mendigos, etc. Sagrador não venderia sua coleção de caixas de fósforos por menos de cem mil cruzeiros — isto é um preço hipotético, pois ela não tem o menor interesse em vendê-la. Da coleção de moedas, Miguel Gustavo ainda conserva o seu mais precioso exemplar, certa moeda persa, cunhada há mil e duzentos anos. De cada coleção o casal conserva uma ou duas lembranças. Dessa modo, em um velho armário do apartamento, existe um verdadeiro "bric-à-brac", não faltando mesmo uma estatueta de Getúlio Vargas, a qual Sagrador se considera uma das mais ardentes filhas.

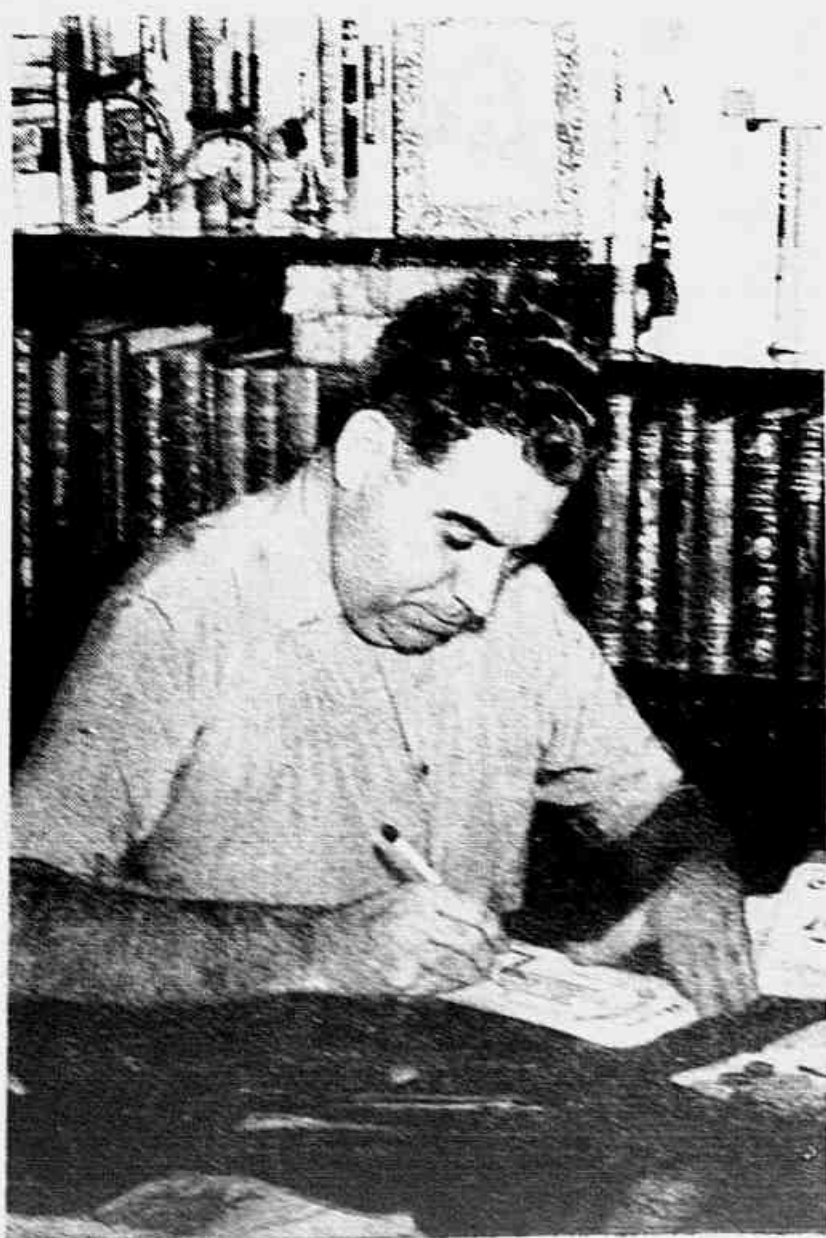
UMA COLEÇÃO QUE CUSTA UM SUSTO E UMA CARREIRA

Não é difícil descobrir coleções baratas. Basta conhecer um colecionador. Este será o meio de ligação para um amigo seu. Este amigo, por sua vez, venderá um outro que também tem o seu "hobby". Também uma

espécie de cadeia sem fim, necessitando-se, apenas, de tempo para visitar cada um deles. Um amigo nosso, o sr. Almor Baleeiro, tem uma coleção de xicaras, com uma singularidade. Não são de louça antiga, nem famosas por seus brasões. São todas xicaras roubadas. De cada hotel, restaurante ou café, desde que o nome do estabelecimento esteja gravado na louça, o sr. Almor Baleeiro traz para sua coleção um exemplar. Amigos seus também o ajudam a enriquecê-la, e assim já conseguiu xicaras do café que funciona na Torre Eiffel, de um famoso hotel de Londres, das Forças Aéreas Brasileiras, do Departamento Nacional do Café e de mais trinta lugares diferentes. A coleção é ainda pequena, mas aos poucos irá aumentando, com as visitas que o colecionador fizer às estações de águas, etc. Não deve mesmo ir muito depressa, porque cada xicara pode custar ao colecionador um susto e uma corrida. Foi este original colecionador que nos indicou um amigo seu, dono de uma lindíssima coleção de grampos.

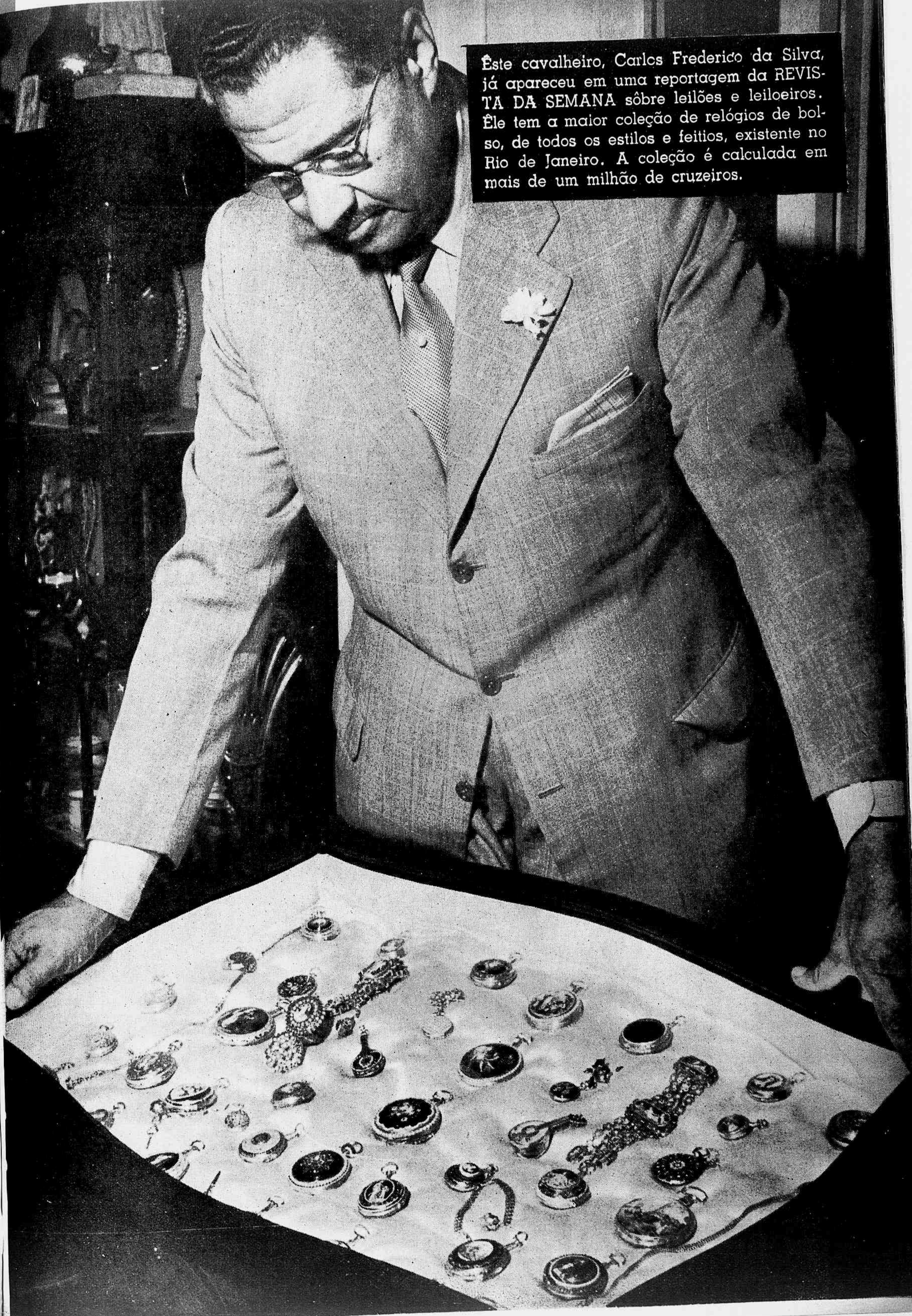
OS MARAVILHOSOS ALFINETES DE CHAPÉU

O sr. Mauricio de Souza iniciou há cinco anos uma coleção singular: a de alfinetes de chapéu. Antigamente, quando os coques estavam em moda e os chapéus tinham esse obstáculo à sua segurança, era muito comum o uso de grampos, dos feitos mais variados. Geralmente a sua coloração acompanhava a tonalidade do chapéu, e por isso vamos encontrar na coleção do sr. Mauricio de Souza grampos dourados, prateados, negros, multicoloridos, confeccionados em metal, em osso e em vidro. Em uma viagem que fez há pouco pela Europa, aproveitou para enriquecer a série, adquirindo belos alfinetes em Portugal, Espanha, França e Itália. Sua coleção conta ao todo cento e trinta alfinetes e, embora existam alguns de grande valor extrínseco, sendo um deles adornado com brilhantes, o seu proprietário gastou apenas cinco mil cruzeiros para reunir todos os espécimes. Como toda coleção, possui o seu valor próprio, resultante da dificuldade para a obtenção dos objetos, e por isso o sr. Mauricio de Souza não a venderia por dinheiro algum. Além deste "hobby",

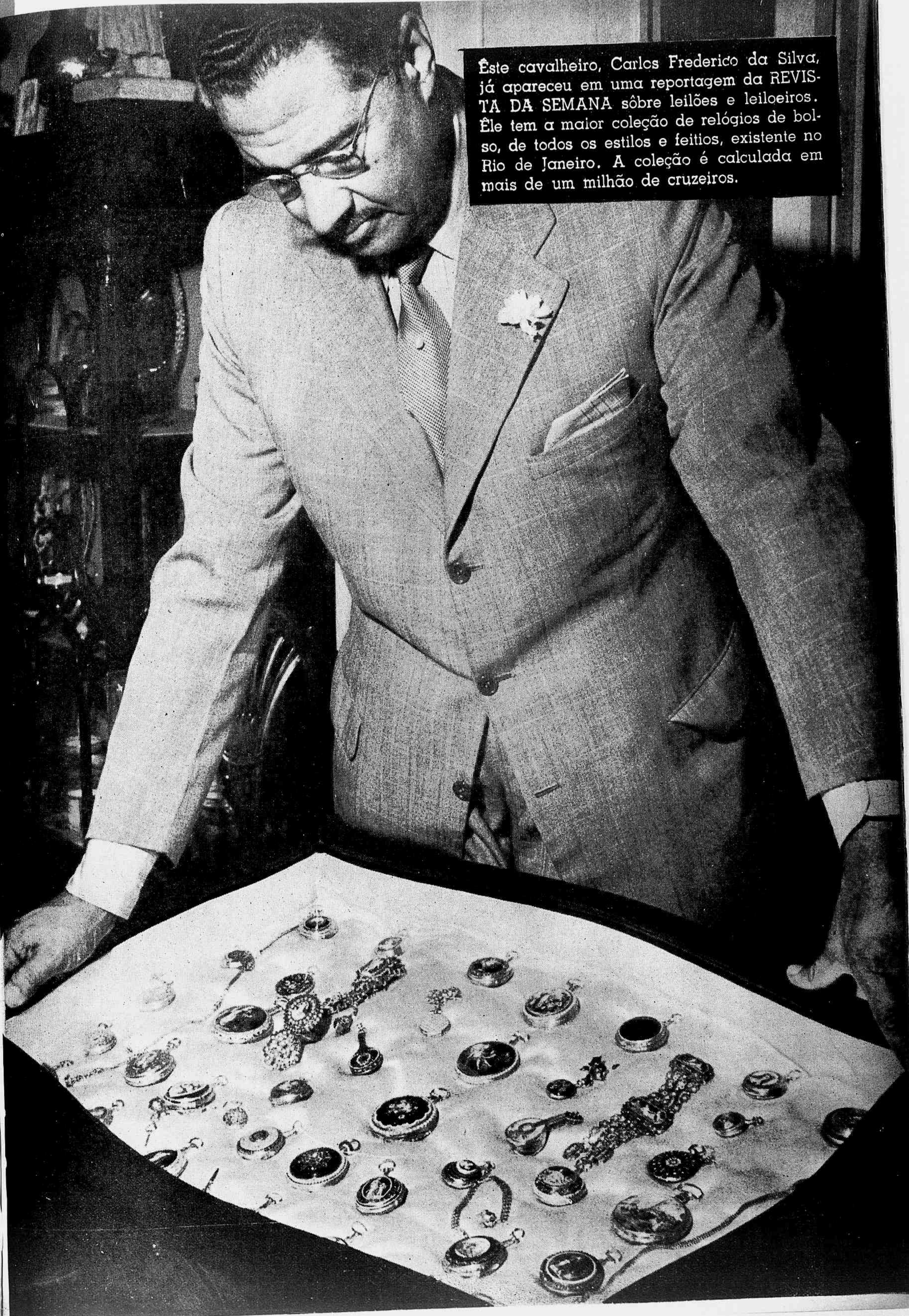


A ESQUERDA — O ex-librista Alberto Lima, — que, a cerca de dezenta-los, acabou também colecionando. Hoje, faz intercâmbio com ex-libristas de vários países. A DIREITA — Alvaro Moreyra, o delicioso cronista que é ouvido pela Rádio Globo, é um inveterado colecionador de nomes próprios pitorescos. Para ele, a dona Holofetina do Maranhão ganha de todos.

Este cavalheiro, Carlos Frederico da Silva, já apareceu em uma reportagem da REVISTA DA SEMANA sobre leilões e leiloeiros. Ele tem a maior coleção de relógios de bolso, de todos os estilos e feitios, existente no Rio de Janeiro. A coleção é calculada em mais de um milhão de cruzeiros.



Este cavalheiro, Carlos Frederico da Silva, já apareceu em uma reportagem da REVISTA DA SEMANA sobre leilões e leiloeiros. Ele tem a maior coleção de relógios de bolso, de todos os estilos e feitios, existente no Rio de Janeiro. A coleção é calculada em mais de um milhão de cruzeiros.





Ao lado de um piston-abajour, Paulo Gracindo, ator de teatro, cinema e rádio, apresenta com orgulho uma parte de sua coleção de conchinhas do mar.

possui também uma coleção de paliteiros de prata e uma outra de elefantes de marfim. A respeito desta última, ele segue a tradição de uma lenda indú que garante ao colecionador de elefantes de marfim a realização de um desejo, ao obter o quadragésimo. Todos eles terão que ser recebidos de presente. Nem um só poderá ser comprado ou trocado.

SOCIALISTAS E INDIVIDUALISTAS

Depois de muito peregrinar, fizemos uma conclusão que poderá ser aproveitada, mais tarde, para o manual dos colecionadores. Estes se dividem em socialistas e individualistas. Há pessoas que gostam de colecionar objetos que poderão ser trocados, vendidos e comprados. Têm prazer no intercâmbio e se organizam em sociedade, logo que o número de filiados o permita. Estão neste ramo os filatelistas, os colecionadores de antiguidades em geral, os numismatas e os ex-libristas. Estes são os colecionadores socialistas. Contrapõem-se a eles os indivíduos que têm prazer em descobrir um objeto novo para colecionar, ficando eles os únicos representantes da classe. São os individualistas. Nesta categoria soubemos de coisas curiosíssimas. Nilza Magrassi, por exemplo, coleciona amuletos número 13. A idéia lhe veio aproveitando a data de seu nascimento, treze de dezembro. Não descobrimos o ano, mas soubemos que caiu numa sexta-feira. Um primo de Teresa de Almeida, a maior premiada em nosso Concurso de Contos, coleciona rótulos de farmácia. Um amigo de um nosso companheiro de redação guarda os invólucros de marcas de lâminas de barbear. O compositor Dorival Caymmi tem um violão com autógrafos de todos os "astros" e "estrêlas" do microfone. Lourival Marques, radialista da Mayrink Veiga, concorrendo com a Biblioteca Nacional, arquiva todos os primeiros números de jornais e revistas que pode encontrar. César Ladeira colecionava cachimbos. Outra coleção excêntrica é a do sr. Edmar Machado, diretor da P.R.A-9. Contou-nos uma prestigiosa figura do rádio que aquele diretor tem o seu gabinete de trabalho decorado com páginas de folhinhas. Cada data arrancada do calendário e pregada na parede, representa um dia em que qualquer coisa não andou bem na sua estação. Um contrato desfeito, uma desinteligência com uma "estrêla" temperamental, representa mais uma folhinha grudada no seu gabinete. Que as coisas lhe corram bem, desejamos nós. Caso contrário, dentro em pouco todo o prédio da Mayrink será pequeno para colecionar as suas folhinhas fatídicas.

UM "HOBBY" QUE SE ALASTRA

Depois dos filatelistas e numismatas, vem, por ordem de importância nas coleções que se organizam em sociedade, o grupo dos ex-libristas. Vamos explicar o que é ex-libris. Dá-se este nome a um pedacinho de papel desenhado, espécie de marca patente, pregado pelos bibliófilos em todos os livros de sua propriedade. Dessa maneira, quase todos os colecionadores de ex-libris possuem o seu próprio ex-libris e a sua biblioteca. A escolha do desenho que figurará no papelucho varia muito. Os descendentes de aristocratas optam pelo brasão da família. Os militares escolhem símbolos que lembrem sua carreira, e assim fazem também os escritores, poetas, jornalistas, etc. Não nos foi preciso procurar muito para descobrir um ex-librista. Nosso companheiro de redação, o desenhista Alberto Lima é um deles. Começou desenhando ex-libris para os amigos e terminou interessando-se pela coisa. Atualmente tem o record de ter desenhado o maior número de ex-libris no Brasil (setenta e seis ao todo), e sua coleção compreende mais de três mil exemplares. Como já existe grande intercâmbio entre os colecionadores, Alberto Lima possui exemplares de outros países, tais como de Portugal, Estados Unidos, Espanha, Bolívia e Colômbia. Parece-se um pouco com coleção de selos e por isso muitos filatelistas estão também colecionando ex-libris. Entre nós já existe uma sociedade de ex-libristas que organizou duas exposições nacionais. A primeira, em 1940, congregou dezessete ex-



Sagramor de Scuvero, a vereadora carioca que virou a casaca, passando do P. R. para o P. T. B., e seu marido, Miguel Gustavo, colecionam, ela, caixas de fósforo e, ele, moedas antigas.

positores; a segunda, no ano passado, apresentou noventa e dois expositores. Possuem grandes coleções de ex-libris no Rio de Janeiro os srs. Oldemar de Alvernais Oliveira, Abraão Carvalho e frei Pedro Sinzig.

COLEÇÕES PERIGOSAS

Finalizando esta apresentação de colecionadores, temos que acrescentar o sr. Fernando de Castro Lima, inspetor federal de Obras Contra as Secas, no Estado do Ceará. O sr. Fernando de Castro Lima, um belo dia, depois de ter sido mordido por uma jararacuçu e, tempos depois, por uma cascavel, resolveu colecionar cobras. Ele mesmo as captura vivas, colocando no álcool as espécies vene-

nas. Os ofídios não venenosos são deixados pelo estu-
diosos inspetor em completa liberdade em sua residência. Sua família custou bastante a se acostumar com as cobras mansas que serpenteavam por todos os cantos da casa. Tanto se dedicou aos ofídios que é atualmente uma autoridade sobre o assunto e o seu serpentário rivaliza com o do Museu do Estado do Ceará. Estas é uma das poucas coleções perigosas que conhecemos. Mais perigosa do que esta só nos lembramos da proeza daquele marinheiro nortista, falecido há pouco. Depois de sua morte, oito viúvas legítimas apresentaram-se ao Instituto reclamando o montepio que por lei lhes era devido. E colecionar espôsas deve ser ainda mais perigoso do que colecionar serpentes...



A ESQUERDA — O senhor Maurício Souza, um dos maiores colecionadores do Rio, examinando, juntamente com sua mãe, uma vasta coleção de grampos de chapéus femininos. A DIREITA — Este é o senhor Alaor Baleeiro, colecionador de xícaras furtadas. Tem até xícaras do café da Torre Eiffel. Mas só são furtadas as que tragam estampado o nome do estabelecimento...



A ESQUERDA — Enorme assistência presenciou o Grande Prêmio Brasil de 1948. Esta fotografia, apanhando parte da "pelouse" e a arquibancada social do Hipódromo, mostra o aglomerado humano que vibrou ao delírio com as peripécias da famosa carreira do turfe nacional.

O Grande Prêmio "Brasil" de 1948, realizado no dia 1º do mês corrente, ficou na história do turfe nacional como um dos mais grandiosos espetáculos a que temos assistido. A maior prova do continente sul-americano, dotada em um milhão de cruzeiros e corrida na distância de três mil metros, foi ganha espetacularmente pelo famoso cavalo nacional "Heliaco", que assim repetiu o feito de "Albatroz", vencendo essa grande prova duas vezes consecutivas. O filho de "Formasterus" e "Saphinha", juntamente com outro crioulo, "Apuro", seu "runner-up", elevou bem alto o renome da criação indígena, abatendo os mais destacados "performers" estrangeiros, como "Bambino" e "Vucencia", os primeiros cavalos da Argentina e Uruguai, respectivamente.

Cerca de 40.000 pessoas afluíram ao majestoso campo de corridas da Gávea, comprimindo-se por todas as suas dependências, predominando o elemento feminino, que tanta vivacidade e graça deu com as suas vestimentas e plumas de tonalidade variada, numa maravilhosa "big-parade" de elegância e beleza, que já enquadrou a carreira famosa entre os acontecimentos sociais de maior expressão no continente. O Grande Prêmio "Brasil" de 1948 reafirmou as suas credenciais de maior festa da Capital da República. E o hipódromo da Gávea viveu momentos de grandiosidade sem par, marcada pelo inconfundível brilho social da reunião.

O GRANDE PRÊMIO BRASIL



O desfile de elegâncias foi, mais uma vez, a nota de maior esplendor da grande prova turfista. As nossas gentes patricias, exibindo as mais lindas e vistosas "pelouses", com a graça e o encanto que lhes são peculiares, mostraram a evidência o seu completo domínio da arte de bem vestir. A beleza e o donaire da mulher brasileira completaram a maravilha daquele cenário magnífico, onde a majestade do Hipódromo e tão realçada pelo esplendor patrimonial que o circunda, dando uma nota de fina espiritualidade à maior festa hippica do continente sul-americano.



NA PAGINA A DIREITA — O grande cavalo nacional "Heliaco" inscreveu pela segunda vez o seu nome como vencedor da carreira máxima do turf sul-americano. Ele-lo retornando vitorioso da pista para a repouso, seguro pelo seu proprietário e cercado pela multidão em delírio.

Gran-
hando
pódro-
delirio
cional.

lizado
stória
gran-
maior
m um
e três
o fa-
epetiu
prova
terus"
"Apu-
enome
acados
no" e
tina e

gestoso
se por
o ele-
ça deu
alidade
e ele-
ra fa-
maior.
Brasil"
maior
mo da
m par,
eunião

L

nacional
me como
ano. Ei-lo
n. seguro
m delirio.





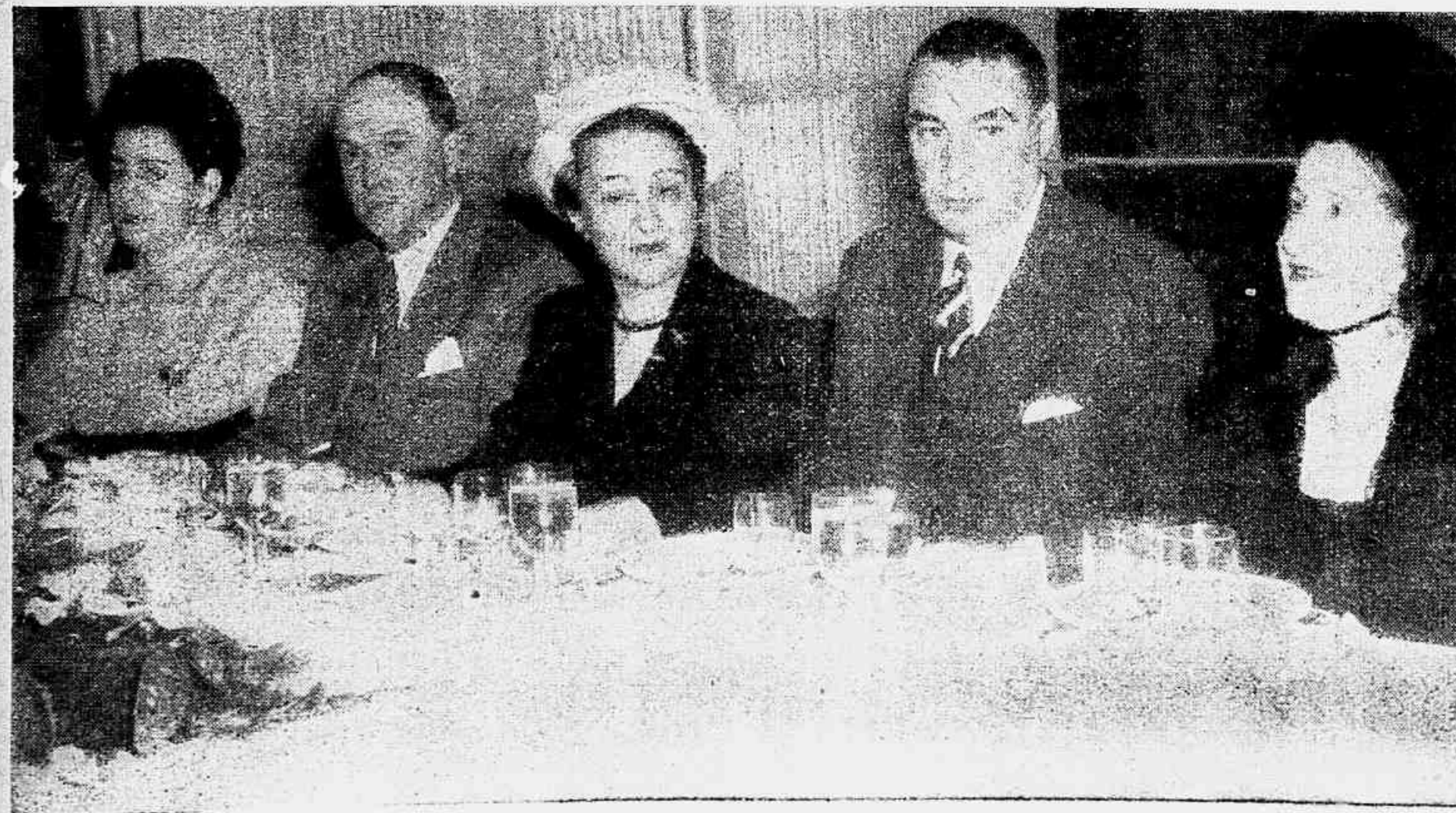
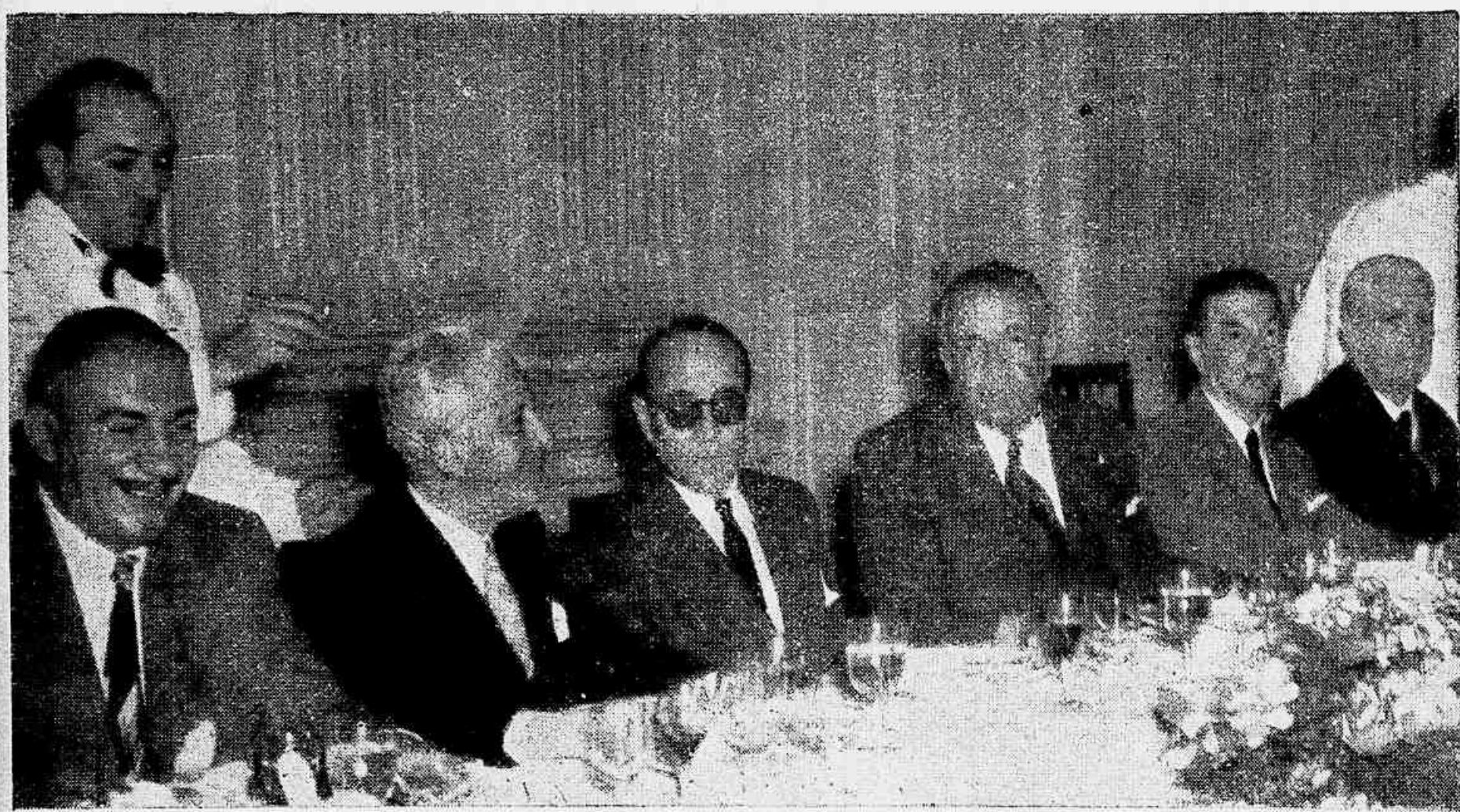
AO ALTO — O prefeito Angelo Mendes de Moraes e os srs. João Borges Filho, presidente do Jockey Club, e Herbert Moses, presidente da A. B. I., saudando a sra. Heloisa de Paula Machado Libanio, co-proprietária de "Heliaco", momentos após o feito magnífico do grande "crack" brasileiro. EM BAIXO — O prefeito do Distrito Federal levanta um brinde ao sr. José Francisco de Paula Machado, um dos felizes donos do esplêndido puro-sangue nacional bi-campeão do Grande Prêmio Brasil (1947-1948).





AO ALTO — A sra. Angelo Mendes de Moraes, ladeada por ilustres damas da nossa sociedade, prestigiando com a sua presença no Hipódromo da Gávea a tarde memorável do Grande Prêmio Brasil. EM BAIXO — Os sugestivos flagrantes estampados nesta reportagem realçam a contribuição de beleza e fino-gosto dada pelo belo-sexo à maior reunião social do País, que é inegavelmente o Grande Prêmio Brasil. As grandes "toilettes", os chapéus de plumas vistosas, os adereços caros, formaram um conjunto de raro esplendor.





A grande carreira do turf continental teve este ano a prestígio-la o comparecimento de várias delegações estrangeiras, que tiveram por parte do nosso mundo turfista a mais carinhosa acolhida. Estiveram presentes delegações do Jockey Club de La Piedad, de Maracaibo, do Peru, de Pelotas, Paranaense, de Pernambuco, de Porto Alegre, de São Paulo e do Rio Grande, chefiadas respectivamente pelos srs. dr. Gualberto R. Lacerda, dr. Benigno Paiva Irissari, cel. Isaac Portugal, José Manoel Morone, Wenceslau Glaser Jr., prof. Antônio Coelho de Almeida, dr. Rubens Gonçalves Penna, dr. Luis Nazareno Assumpção e dr. Fulvio Gaudio. Foram elas homenageadas pelo Jockey Club Brasileiro com um grande banquete, que contou com a presença do brigadeiro Alvaro Hecksler e esposa, convidados de honra daquela sociedade. Também o prefeito Angelo Mendes de Moraes ofereceu às mencionadas delegações um almôço, que se realizou na Ilha de Brocoló. Nesta página vemos diversos aspectos do banquete oferecido pelo Jockey Club Brasileiro aos representantes das sociedades congêneres do País e do exterior, expressando o elevado apreço dos turfistas cariocas pelos seus co-irmãos de outras terras.



O banquete
Prêmio br
elegante ap



O banquete oferecido pelo Jockey Club Brasileiro às delegações dos Jockey Clubs estrangeiros e dos Estados, constituiu uma das mais destacadas festas da semana do Grande Prêmio Brasil, congregando a numerosa família turfista sul americana num ambiente da mais pura confraternização. Nesta página estão outros flagrantes colhidos durante o elegante agape realizado nos suntuosos salões do Jockey Club Brasileiro, vendo-se os delegados e suas famílias presentes, diretores e associados da nossa maior sociedade carreirista



A VIDA DE WALTER SCOTT

(1771 — 1832)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela
REVISTA DA SEMANA com a Livraria
do Globo, de Porto Alegre)

No outono de 1777 Mrs. Cockburn, prima da mãe de Walter, foi visitar, à noite, a família Scott. Na manhã seguinte escreveu uma carta ao ministro de sua paróquia:

"...Ontem jantei com os Scotts. Eles têm um menino inteligente como nunca vi outro. Quando entrei, ele estava lendo uma poesia para a mãe. Insisti para que continuasse a leitura. Era a descrição de um naufrágio. Ao descrever a tempestade, o menino exaltou-se. Levantou os olhos e as mãos. 'Parte-se o mastro', dizia ele. 'Todos vão morrer!' Passada a agitação, volta-se para mim: 'Estes versos são muito tristes', diz. 'É melhor eu ler para a senhora alguma coisa mais divertida'. Preferi conversar com o menino e perguntei sua opinião sobre Milton e sobre vários livros que ele estava lendo. Externou-se sobre eles de uma forma encantadora. Uma de suas observações foi esta: 'Como é estranho que Adão, mal chegado ao mundo, conhecesse tudo!' Quando o levaram para o quarto, disse à tia que gostava daquela senhora. 'Que senhora?' perguntou ela. 'Ora, Mrs. Cockburn. Creio que ela é uma virtuosa como eu'. 'Mas, meu Walter' disse a tia Jenny, 'o que é uma virtuosa?' 'A senhora não sabe? É apenas uma pessoa que deseja saber tudo'.

E então Mrs. Cockburn chega ao ponto mais interessante de sua carta ao ministro: 'E que idade pensa o senhor que esse menino tem? Responda-me antes que eu mesma o diga. Catorze? Deze? Nada disso. Ainda não tem bem seis anos!'

II

O pequeno virtuoso de seis anos tinha uma inteligência prodigiosa, um corpo vigoroso e uma perna defeituosa. Aos dezoito meses sofrera um ataque de paralisia infantil. Uma de suas pernas ficara aleijada para toda a vida. Mas o resto do seu ser permaneceu, para usar suas próprias palavras, "sadio, bem humorado e robusto", aprendeu a andar, a montar a cavalo e até a correr, como qualquer outra pessoa.

Tinha sangue "azul" tanto pelo lado materno como pelo paterno. A nobreza era, para ele, um motivo de ufania mas não de arrogância. Durante toda a sua vida foi um bom camarada entre bons camaradas. "Sir Walter fala com a gente" — disse um operário muitos anos mais tarde — "como se fosse um parente".

Desde a infância foi "irrequieto como um redemoinho". Estava sempre dizendo ou fazendo alguma coisa. Sua memória era como uma folha de mata-borrão: absorvia tudo o que lia ou ouvia. Corria pela casa recitando — ou antes, *gritando* — poesias. Era impossível a alguém fazer-se ouvir quando estava presente Walter Scott. O ministro da paróquia costumava dizer: "Quando aquele menino está presente, é inútil alguém mais falar, é como se a gente falasse para dentro da boca de um canhão".

Era um "diabrete voluntarioso" com um apetite devorador pelo estudo. Quando entrou para a escola aos 8 anos, conhecia Shakespeare e Homero quase de cor. Mas não sabia nada de aritmética e seu professor o colocou entre os "alunos mais atrasados" nos últimos lugares da classe.

A princípio os colegas faziam pouco caso dele por ser manco. "Não convém brigar com um manquinho". Mas ele os desafiou, fez jorrar sangue de vários narizes, conquistando por fim o respeito de todos.

Conquistou-lhes também a admiração, pois viram que ele sabia contar histórias. E que histórias! Narrativas sobre a alta e a baixa Escócia e sobre as "sangrentas escaramuças" entre os serranos escoceses e os habitantes das baixadas escoceses na "Terra de Ninguém" da fronteira.

Enquanto lia, brigava e contava histórias, não perdia de vista a sua aritmética, e dentro de quatro anos estava apto a matricular-se na universidade.

Uma doença grave, porém, veio interromper-lhe os estudos e quase lhe ia dando cabo da existência. Rompeu-se-lhe um vaso sanguíneo nos intestinos. Seguiram-se semanas de agonia e meses de convalescença. Depois estava de novo apto a continuar com os estudos. Entrou para a universidade e ali se preparou para seguir a mesma carreira abraçada pelo pai — a advocacia. Walter Scott preferiria ser militar a ser advogado, porém a carreira das armas estava fora das cogitações de um rapaz aleijado de uma perna. E assim recebeu seu diploma e resignou-se a copiar documentos forenses no escritório do pai.

Mas sua mente continuou a errar pelo mundo e sua vocação permaneceu cheia de música marcial. Chegou a

alistar-se algum tempo num corpo de voluntários da cavalaria, tomando parte nos exercícios diários. Mas o defeito físico deu como resultado sua exclusão. Voltou então para sua casa de trabalho e para aventuras de sua mente.

Começou a escrever versos a fim de emular com o seu compatriota escocês, Robert Burns. O pai fazia por dissuadi-lo. "Esses versos impropriedades de tua fantasia — diz-lhe — não te levarão à estrada do progresso". Scott, porém, persistiu. Fazia parte de suas obrigações, como escrevente do pai, viajar pela Escócia cobrando aluguéis para os clientes do escritório paterno. Nessas viagens Scott conheceu muitos tipos fascinantes e ouviu muitas histórias igualmente fascinantes. E ele próprio era um contador de histórias tão hábil! E que bom ouvinte! "Nunca vi," observava um serrano escocês, "tanta graça como a que tinha aquele homem! Não dizia dez palavras sem que sorrissemos, saltássemos gargalhadas ou cantássemos".

Dessas viagens à Escócia, empreendidas para a cobrança de aluguéis, surgiu a poesia de Scott e mais tarde suas *Waverley Novels*.

III

Apaixou-se por uma jovem que se recusou a casar com ele e casou-se com outra que se recusou a amá-lo. Admirava-o, no entanto, pela solidez do seu caráter, a alegria do seu coração e a grandeza de seu espírito. Foi um casamento de afeto duradouro, embora não muito ardente, tipo do clima temperado necessário ao crescimento sadio de seu gênio.

Ele próprio chamava seu gênio "um simples talento de escriba".

Rabiscou alguns poemas escoceses e fez traduções do alemão. Embora já contasse vinte e oito anos, não tinha a mais leve ambição de fazer carreira literária. Por essa época estava de inteiro acordo com o pai em que "não há futuro nos versos da fantasia". Escrevia para "se distrair nos momentos de folga da advocacia". Estava resolvido a fazer carreira no foro. Tinha sido nomeado delegado de Selkirkshire, cargo de que tirava uma boa renda e que ocupava apenas uma pequena parte de seu tempo. Dava-lhe ampla liberdade para exercer a sua profissão de advogado nos tribunais.

Dava-lhes ainda tempo suficiente para seu entretenimento literário. Passara vários anos recolhendo velhas baladas da fronteira escocesa. Resolveu então fazer uma seleção do material e publicá-lo — não, porém, para sua própria glória mas para ajudar um antigo colega de escola, o impressor James Ballantyne. Este precisava de serviço para manter sua tipografia e Scott ofereceu as baladas da fronteira a um editor com a condição de que a obra fosse impressa nas oficinas de Ballantyne.

E assim foi que Scott, obsequiando um amigo, entrou para a carreira das letras.

O *Cancioneiro da fronteira escocesa* (título da coletânea) não foi um êxito comercial. Nem Scott esperava que o fosse. "Minhas atividades literárias", escreveu ele, "constituem antes um divertimento do que uma fonte de renda".

Não esperava tampouco que o seu primeiro poema original, *Cantilena do último menestrel* fosse um triunfo financeiro. Mas aconteceu que o foi, com grande surpresa para o autor. Seu destino estava agora nitidamente traçado: as letras e não as leis eram o verdadeiro rumo da sua vida. Todavia, mesmo então, aos 34 anos, não tinha consciência de sua verdadeira vocação. "Quanto ao meu apêgo à literatura", escreveu, "sacrifico, pelo prazer de dedicar-me a ela, excelentes oportunidades de enriquecer e de fruir honrarias profissionais". O que ele desejava acima de tudo era tornar-se o mais obscuro dos juristas escoceses. Sentiu-se fortemente decepcionado quando se viu transformado no maior dos escritores escoceses.

E os escoceses de seu tempo tinham-no na mesma conta em que ele a si próprio se tinha. Scott "encontrava um lar", segundo sua própria expressão, "em cada casa de fazenda", não como o grande Poeta do Norte, mas na sua qualidade de jovial "Shirra" (delegado) de Selkirkshire. E se alguém pedisse aos contemporâneos de Scott que analisassem seus sentimentos em relação ao escritor, diriam que nem era ao Walter Scott "Shirra" que adoravam mas ao Walter Scott, "Homem". Ele era tão simpático, despretençoso e modesto, sabia tanta anedota, era tão despido de pedantismo, tão dedicado aos amigos, tão deliciosamente humano até em seus erros e em suas virtudes! "Você me achará", escreveu ele a um dos seus leitores "um meio advogado de cabeça ôca, um meio desportista em cuja cabeça faz exercícios um regimento de cavalaria desde os cinco anos de idade; semi-educado, semi-louco, como às vezes lhe dizem os amigos; em suma, um meio-tudo, mas inteiramente a si mesmo muito grato, afetuoso e fiel criado".

"Inteiramente seu... criado". Foi esta a nota dominante do caráter de Scott.

IV

Walter Scott era generoso, mas era também prudente. Desejoso de dar conforto à sua família (tinha então quatro filhos) empregou suas economias na tipografia de Ballantyne. E assim tornou-se sócio numa especulação que poderia ter tido êxito se não fossem dois fatores: a instabilidade de Ballantyne em avaliar o estado das coisas

econômicas e a multiplicidade de Scott em atender Ballantyne. Durante vários anos o negócio foi-se arrastando em precárias condições e Scott sempre a aplicar nele o dinheiro que ganhava. Caminhava decididamente para a ruína mas só muito tarde foi que Scott o percebeu.

Enquanto isso ia exercendo a advocacia que lhe proporcionava uma escassa renda, e compondo seus versos que — esses sim — lhe davam uma renda substancial. Escreveu *Marmion*, *A dama do Lago* e vários outros poemas menores. Acolhia com um erguer de ombros seus lauros literários e com um sorriso seus reverses literários. Certa vez ao ter conhecimento de uma opinião desfavorável à *Dama do Lago* soltou uma gargalhada complacente. A autora da "crítica" era nada menos que sua filha Sofia, menina de 13 anos. James Ballantyne, encontrando-se com ela na biblioteca de Scott pouco depois da publicação daquele poemeto, perguntou sua opinião a respeito. "A resposta", referiu ele a Scott, "foi dada com toda a simplicidade". "Oh! não o li. Papai diz que não há nada pior para os jovens do que ler má poesia".

No entanto, a poesia de Scott, sem ser propriamente grandiosa, também não era má. Sabe-se se o belo é bom ao comê-lo. E quem o come não necessita ser um homem fino, para apreciar-lhe o sabor. Um dia Scott experimentou ler o canto de *A dama do lago* — A casa ao verde — para um seu amigo fazendeiro, homem sem instrução mas inteligente e apaixonado desportista. O homem espalmou a mão na testa", escreve Scott, "e ouviu com muita atenção toda a narrativa da caçada até o ponto em que os cães se atiram ao lago seguindo o dono. Ai ele me interrompeu com uma súbita exclamação, deu uma palmada na mesa e declarou, num tom de censura, calculado para a ocasião, que os cães deviam ter ficado totalmente impréstáveis depois que lhes deram permissão de meter-se na água após uma correria tão esfaltante".

Para o fazendeiro ignaro, como para o leitor instruído, o poema possuía o sabor da vida. E até hoje, apesar de sua cadência monótona e da prolixidade de alguns trechos, *A dama do lago* possui movimento e vida.

O sucesso desse poema ultrapassou a expectativa. Enriqueceu não somente o autor mas também todos os estalajadeiros, cocheiros, palafreiros e criados das proximidades de Loch Katrine. De todos os recantos da Inglaterra e até do continente, "vinham multidões para ver o cenário do poema que o Feiticeiro do Norte tornara famoso... e todas as casas e hospedarias da vizinhança viam repletas de visitantes".

Loch Katrine convertera-se num santuário e o poema numa evangelho e num grito de guerra. Em 1811, quando uma companhia lutava sob as ordens de Wellington na Península, o seu comandante, um capitão, leu alto para os combatentes a descrição da batalha no canto 6.º. Os soldados, deitados no chão, escutavam os inspirados versos enquanto a artilharia inimiga lhes zunia por sobre as cabeças. Ouviam com muda e extasiada atenção "salvo quando um hurra entusiástico saudava a queda de um projétil francês na ribanceira que lhes ficava logo às costas".

A venda do poema aumentava a cada nova edição. O dinheiro que Scott com esse livro permitiu-lhe realizar um sonho de toda a sua vida — construir um solar no campo. E agora, estabelecido aí às margens do Tweed, o "senhor de Abbotsford" abriu as portas de sua casa e de seu coração a "toda a gente do lugar, desde o duque até o lavrador". Quando seus amigos o preveniam contra a extravagância daquela confraternização exagerada, assegurava-os de que todos os seus visitantes "pagavam sua contribuição de uma maneira ou de outra".

(Cont. na pág. 56)



Sir Walter Scott, autor de "Ivanhoe".
obra prima

COM uma voz linda, que tinha qualquer coisa de castelhanho, ela cantava em surdina, sentada na maior das três pedras arredondadas da encosta, cinco metros abaixo da estrada e talvez quatro acima do mar esverdeado, que dava roncões espaçados espalhando uma poeira d'água. E dizia a meia-voz, olhando sem ver as ondas encarnearadas, soltando as palavras uma a uma como se as estivesse pendurando na linha do horizonte:

"La vai o barquinho,
correndo mansinho
pelo mar a fora..."

"La vai a morena,
de boca pequena,
lá se vai embora..."

"Pisou na Bahia
seu passo miúdo;
notou que vivia,
tinha alma e tudo..."

"E viu o Farol,
e o Senhor do Bonfim,
e o clarear do sol...
...e o mar... e a mim..."

Ajeitou com a mão direita uma faixa de cabelo da testa, deixando sair a respiração, num jacto longo, presa por uma saudade grande como o mar que tinha à frente.

Eram três horas da tarde. Com os braços juntos, sustentou o queixo; com os cotovelos nos joelhos transformou a base de apoio em um triângulo de carne e ossos tendo as mãos espalmadas pelo rosto e as coxas coladas. E nessa posição considerou-se como em ampla platéia e viu, projetado pela recordação, na tela irregular do mar, iluminado pela sua imaginação, o desfilar do filme da sua vida.

★

Um nascimento banal; dois vagidos ainda meio irracionais, sem os solfejos estudados de gente educada: isso pelas duas da manhã de um dia de dezembro de 1925, numa casa com pouca luz de uma rua estreita do Recife.

Os pais, naturais das Canárias, se gostaram e se juntaram com os papéis da igreja e do Cartório, tudo muito bonito, com florezinhas brancas no cabelo da noiva, um colarinho lustroso nele e o alfinete de coral na gravata; muita gente até as dez horas na casinha pequena de porta e janelas verdes; mais tarde, quando o galo gritava na madrugada, menos uma virgem na aldeia.

"Vocês devem vir para o Brasil; aqui a vida é fácil; tem leite, muito; cebolas também; e de verduras nem se fala que é só se abaixar para apanhar. Depois, a gente trabalha em tudo e a nossa casa está às ordens para logo depois da chegada. Depois de uns dias — ó Manuel! — você então muda e se defende com a patroa... Depois..."

Aquela carta com tanto "depois" era do irmão mais velho do seu pai — o tio José — que saíra a correr mundo e parara logo no primeiro pórtico que o navio tocou. Era Recife uma cidade com espécies de rios se misturando com o mar, com pontes de ferro para todos os lados. Quando José pensava que atravessava um rio — o tal Capiberibe ou Capibaribe — estava com o mar por baixo, e o contrário também acontecia. Mas trabalhava "no açúcar", no escritório de uma usina do interior, não como burocrata, e sim na limpeza com esfregão e vassoura. Tudo isso as cartas diziam.

E chegaram na casa do José; e ficaram dezoito dias e "depois" já estava "defendido" também "no açúcar".

De dois para três anos era gordinha e sua tia lhe dera uma boneca com cabeça de massa — bunheca, como chamava; dela gostava tanto que os únicos retratos daquela idade — de cabelo espichado — tinham a "bunheca" sentada, fiscalizando.

Com seis, corria para a casa do vizinho fazer "comidinhas" em tampas de latas e fogõezinhos complicados de pedaços de tijolos e ferros, tudo às escondidas e com coisas furtadas das casas dos membros da "quadrilha". Sim, porque tinham organizado uma lambança com guris e gurias — 12 a 14 ao todo — em que valia tudo, desde os passeios por dentro das valas d'água até as pedradas perto ou a distância, — as guerras, — entrando também nos trabalhos os banquetes de "comidinhas" furtadas e ervas apanhadas. Por sinal que cozinham uma vez o que chamam de "mata-cavalos" e depois de fazerem um mólho com açúcar queimado, deram para o burro que puxava a carrocinha do verdureiro... O burrico desconfiou daquela frutinha redonda, cor de tijolo, meio desmanchada, que não conhecia, e, após

duas lambidelas em que a "quadrilha", suspensa de emoção, aguardava o resultado, desandou a zurrar com quantas gargantas tinha...

O que é isto? O que não é isto? E foi uma das surras mais perfeitas que levou até confessar a organização do conjunto quadrilheiro e suas finalidades...

Oito, nove, dez, onze, até quinze anos, colégios e mais colégios, aulas, mais colégios e mais aulas. Já sabia muita coisa tanto de estudos como da vida. Nascimento, Papai Noel e até operação de apendicite (tinha visto a barriga da Lia espiando por baixo do curativo: tinha uns pontos de ferro e saía entre eles uma aguazinha; — não é tripa não, Lia — e passaram as duas a discutir enquanto a mãe estava fora do quarto); nada disso era segredo; também tinha olhado no banheiro — que pecado! — um livro de "Anatomia Humana", que não sabia mais qual das colegas emprestara. Correria logo a ver o corpo do homem — meu Deus, que pecado! — mas se lembrava bem que tivera a princípio muitas decepções, porque as figuras eram todas chelas de músculos e veias azuis, como se tivessem tirado a pele... e naquele volume era tudo assim!... Foi um custo para a tal colega emprestar um corpo como era de verdade! Nas "matinées" do cinema Moderno, aprendera a namorar. O artista deixava a moça "assim"; dava beijos "assim". E como ficava então com o olhar mortificado

— você viu, Lia? Mamãe já deixava ir ao banho de mar com as colegas; papai não gostava, não; mamãe sempre dizia, desculpendo a gente, que o bonde demonstrava mesmo... mas qual nada! A gente pegava a jogar bola na areia, se esquecendo de tudo e depois já tarde é que ia para a água... E como era bom!... O Eugênio é que era muito "metido"; e com aquele calção largo tão indecente, mergulhando e querendo se encostar com parte de ensinar a nadar... Depois deu para mandar bilhetinhos: "que queria que o nosso amor fosse só nosso..."; "que nunca ninguém soubesse de nada..."; e um dia atrás do muro quis fazer coisas — que pecado!

A Escola do Comércio é que era uma folga! Foram três anos e tanto! Cinema, cinema, banhos de mar nas praias de Boa Viagem e de Olinda! Retratos escondidos nas dobras da roupa... e mamãe pegou o do Alvaro com aquela dedicatória doida: "A mulher que com seu beijo me atraiu a alma no dia... e cujo corpo de marfim tem reflexos irisados de amor selvagem" — reflexos irisados de amor selvagem... que coisa doida! O que vale é que ele era do Rio e estava passando férias... eu disse que era troça das meninas com a cara de um artista de cinema... até hoje não sei se a mamãe engoliu aquilo

(Cont. na pág. 51)



CIDADE ZANHA

I

— "Torrão de açúcar", de duas uma: ou você me traz açucareiro ou então salte já para dentro da xicara... pilheriou o comandante, risonho. "Amarguras bastam as da vida..." concluiu, acompanhando com os olhos a figurinha graciosa da copeira, no seu vai-e-vem de fim de janta, seriam seis e pouco, num dia de frio intenso. Do rádio vinha a voz pomposa e fátua dum locutor, entre um "choro" e uma embolada, impingindo panacéas farmacêuticas. — "Fala a Voz do Serião". Caro ouvinte, tome isto e aquilo... (e depois não se queixe!)

— Sê besta, sê. Pra gripe "perfiro" mel... Num diante ocê falá difíce... resmungou um tropeiro alto, boca cheia de comida, que, a um canto, "pastava" de prato feito, muito mais barato.

A meninota não para, parece um azougue. Abre cerveja para um. O homem — que é do contra — reclama, não está bem gelada. Traga outra.

— Ora, moço, tome esta mesma, gelada pra quê, com um frio "desgramado" dê-se, ocê é gente ou "arigó da mata fria?"

Depois, já tirei a tampa, que qu'eu pague o prejuízo? Demais, tem um andão de gripe na cidade, enjôu de vivê?!... E sorria, um sorriso de dentes claros e certinhos.

O arigó tomou aquela mesmo. Um sorriso bonito mexe com a gente.

Outro quis uma água mineral. Estava gelada. Antes que o viajante reclamasse, Torrão foi logo explicando a situação:

— Essas águas só bem geladinhas, de suar o copo... Doutra jeito num vai, né mesmo?...

"Torrão de açúcar" sempre acabava vencendo. Tudo isto em meio ao indefinível rumor duma sala de jantar de hotel do interior, onde por doze cruzeiros você tira a barriga da lama, sem perigo de envenenamento.

Muita gente nas mesas, de toalhas de xadrezinho vermelho. Hóspedes, viajantes, fazendeiros, vagabundos de misteriosas profissões (inclusive o rei da vermelhinha...), meganhas da Força Pública do Estado, uma fauna variada e divertida, escassamente complicada... Um japonês com cara de espão de filme de série. Um contraventor do jôgo do bicho. Ua madalena por conta dum candidato a vereador pelo distrito de São Simão Barjonas... Teatrinho de fantoches... Farrapos de conversa no ar:

... pra mim vence a UDN, ocê escreve só o qu'eu tô lhe dizenô... eu só nascida em Caratinga, sim sinô, numa quinta-feira da Paixão eu "se fiz" moça, sim siô, na Alelúia eu "se perdi", sim siô... assim também ninguém pode, só dando dois bailes, um no Grupo... se o PR aderir vai ser macuco no embornal... se eu tivesse invertido pegava a centena e o milhar... ô parceiro, dê um passe aí no molho inglês, munt'obrigado... então o cavalo, veja só, cumpade, que já tava meio cego, tanto assim qu'eu alforriei êle, deu um trem nele e quiz se fazê de bobo com a vaca, quá, quá, quá... êsses ingleses só a tiro... pois é, sargento, êles tão pensano qu'isto aqui é faroeste... plantei três quartas de abóbora de porco... quem?!... tirar o delegado?! Tira nada, cadê peito?!... êta "adevogado" safado... o nosso partido nunca faria uma vergonha dessas... acho que vão mandá o preso pra Barbacena, tá louco varrido... meu navio respondeu ao fogo, seu Sena, que foi mesmo um chuá...

Farrapos de conversa no ar... Agora um "barriga-verde" muito do sem graça tenta imitar o sotaque típico dos gaúchos, numa rancheira nostálgica, mas não con-

segue mesmo nada... Desligue este rádio, menina. Um frio medonho. Quinze para às sete. Da rua vem a voz do Zé do Onofre, cantando para espantar as maguas, rumo ao bar do Karin... Cantando muito melhor.

III

— E ande logo, que senão o café esfria, e no domingo você não ganha "tem-tem" para ir à matinê, disse o comandante. Jogou um miolinho de pão no gato, que pirou.

Hóspede antigo pode esperar um pouco. A copeirinha limpa uma toalha, sacudindo as migalhas no chão muda os talheres doutra mesa (sai da frente, gato manco do inferno!), numa azáfama, aqui sorrindo, ali se esquivando a um bocó de mola metido a lovelace, ora arrastando as palavras, ora sibilando os "ss" à doce maneira do povo de Minas Gerais... Numa chocarrice, numa garrulice...

O comandante brincava assim, mas no fundo vivia triste. A guerra inutilizara-o para o serviço ativo. Viera para a cidadezinha a consêlho médico, por causa da calma estirada em tudo, do clima, da quietude mansa... que sei eu? Era do nordeste, de Alagóas, mas desde que fora reformado, (psicose de guerra, um profundo abalo nervoso em consequência dum ferimento grave na cabeça) — passava a mór parte do seu tempo nessa amena cidadezinha da zona da mata, onde fizera amigos, com quem conversava horas esquecidas, contando e ouvindo "causos", nos bares da Iêda, do Jorge ou do Karin, recordando horrores... Primeiro estivera em combóios, no Atlântico Sul. Mais tarde, no Mediterrâneo: — "as italianas são lindas e ardentes no amor, sêo Chico Marques, mas os demoninhos de Marselha, as francezinhas do meridiano, upa! (e aqui estalavam admirações francamente intraduzíveis, de "gourmet"...)) — nem te conto, velhinho, nem te conto... Ora, conto sim: — "um dia... e por aí se derramava, expansivo, loquaz, enquanto a rapaziada, a cavalo nas cadeiras, com os braços apoiados nos espaldares, boquiabria... Sim senhor! grande era o mundo, cheio de belíssimas mulheres...

Naquele mar, um dia, um estilhaço de granada, ponha a mão aqui, é platina, veja bem, interrompera-lhe a carreira. E ali estava, moço ainda, naquela cidadezinha do interior, longe do mar, seu vital elemento, vivendo, recordando, pilheriando, intimamente sofrendo como um desesperado...

Muita vez, à hora do crepúsculo, fumando o seu cachimbo, parava, absorto... E quem passasse poderia ouvi-lo dizer, entre dentes, baixinho, duas palavras estranhas: — "Tálassa! Tálassa! Mas como ninguém ali sabia grego, nem nunca já mais ouvira sequer falar dum remoto cidadão chamado Xenofonte e da sua Retirada dos Dez Mil, passavam, ouviam e calavam: "mas porêni" êsse homem é meio doido, coitado!

Quanto à retirada dos Dez Mil, aqui houve engano manifesto. Havia na cidade um bobo alegre, alto como um coqueiro e pobre de espírito como êle só, metido a culto e importantão...

— De retirada dos Dez Mil nada sei, e é duro, é duríssimo confessar que nada sei, pois "eu sei tudo!" (gostava de trocadilhos, mesmo infames) Mas sei duma retirada de dezessete mil e setecentos, do samba popular! Bôazinha, não?! Como ninguém risse da besteira, êle mesmo consigo próprio se esbaldava, julgando-se um talento! Coitadinho do Manézinho...

III

Entrou na sala de jantar um "capião" da roça, com um balão cheio de garrafinhas, preso às costas por um correia de couro que lhe passava pelos sovacos.

CONTO DE MARCO TÚLIO JUNIOR

ILUSTRAÇÃO DE ORLANDO MATTOS

DO INTERIOR

— Licença, dona... Basnoite proce- tudo.

— Bóas... responderam-lhe.

— Qué qu'ocê tá vendendo aí, sêo?

— Méle...

— Qué?!...

— Meledabêia...

O tropeiro que não acreditava em anúncios de rádio contra diversas moléstias, pegou duma garrafinha, mirou-a e remi-rou-a contra a luz, admirando-lhe a pureza, e perguntou:

— Quanto?

— Onze cruzêro, patrão... "Direito" à garrafinha...

— Caro, né mesmo?

Um sorriso indiferente como resposta.

— Tome lá, uma pelega e uma azinha-vrada... Vou hoje mesmo perparar um "quentão" com cachaça e canela, que vai ser mesmo um porrete nesta gripe misedráve... aa! aaa... aatchim!

— Domesnotêco, patrão! E enquanto des- sejava saúde ao tropeiro o capiau fez re- tinir a pratinha no mármore do apara- dor, "às vêis é farsa..."

— Tá suja, mas porém tá boa, sêo. Tá pensano o quê?

— Num tou pensano nada, patrão. Tou só brincano com o destão... Basnoite pro- cês tudo, fiquem com Deus e a Virge...

O tropeiro, satisfeito com a compra, es- tendeu a gadanha, que o outro apertou. Depois o vendedor tirou de dentro da ca- mida de risquinhos uma sacolinha seben- ta, de boca de barbante, olhou mais uma vez a nota e a prata, e ia retirar-se quan- do, curioso de saber qual o apicultor da- quelas bandas, o tropeiro falou assim:

— Hei, ocê aí, escuta aqui. Quem fez êste mel?

Um largo sorriso estupefacto de gengi-vas podres.

— Uái, ocê num sabe?...

— Soubesse não perguntava...

— As "abêia", sêo, as abêia... Quã, quã, quã...

Todos riram e o tropeiro encabulou.

IV

A jardineira de Cataguazes passou ron- cando, na rua, atrasada pra burro. A barra da direção, antes do Maripá, qua- se leva o diabo por causa dum toco infe- liz num "facão" da estrada e, para de- samassá-la, sem macacão, pôe hora nisso, daí o atraso. Em frente ao bar Menfis, numa roda de gente, que ali bebericava, o chofêr, descabelado, de tanta raiva, promovia um "mitingue": — Um absur- do, essas estradas... Os senhores ve- jam, nós já tava perto do Maripá, quan- do a barra da bicha... etc.

Das grandes árvores da praça do Fo- rum vinha uma chilreada de pássaros as- sustados. Um moleque, sem serviço, atirava pedra nas árvores, e as avezinhas davam o estrilo, nem era para menos. Zé do Onofre, folgado naquele dia, entrou cantando uma cantiga tão triste, tão la- nueria, onde havia cemitério, melancolia, mulher safada e não obstante ines- quecida, uma cantilena tão estranha (e mais estranho era o baritonio!), que o Sebastião, de dentro do balcão, deitou doutrina anti-alcóolica:

— Hoje, nem que o padre Antônio man- dasse, eu te dava nem mais um traguinho só que fosse de "machadinha"... Cachaça é uma desgraça. E bebeu, em três tragos, meio copo da "desgraça", só para poder falar de cadeira. Cuspinhou longe.

— E' o que eu digo. Bebida é a tris- teza dos viventes...

— E' isso mesmo, cumpade, concordou o Zé do Onofre. Ocê tem tóda a razão. Ocê num serve nem um traguinho pro compade?

— Já disse que não.

— Então dê cá dois traguinhos, quã, quã, quã...

— À sua saúde!

— À sua... e vá com Deus.

E lá se foi o Zé, em direitura à rua 15, onde havia um furdunço numa "bitacula", pois o dono, tendo tirado meio bilhete da aproximação do prêmio maior da Mineira, julgava-se um semi-deus, um creso, um milionário... Coitado: quem nunca comeu melado... E a cachaça, o quentão, cho- pe, pernil de porco e carne de vitela, (vi- tela, hein? boi velho é que é...) iam com- er soltos!... Zé do Onofre, que desde a tarde andara temperando a garganta, limpando o alambique, não poderia fal- tar... E lá se foi, cantando a cantiga mais triste e mais estranha dêste mundo, cemitério, melancolia, coruja, mulher sa- fada e lágrimas... Sobretudo com muita pressão nas caldeiras.

V

— Hi! saia fogo pelas narinas do po- bre. Maneira de dizer, está visto. Sim, na porta do Karin o chofêr da jardineira de Cataguazes estava com a "avó atrás do toco", como se diz, de tanta raiva.

— Nem sei como a barra não se es- trombicou tóda. Uma pancada forte que só vendo. Também êsses malditos só cui- dam de política, política, política... Ad- ministração mesmo, neça de pitibiriba! Cadê peito? O povo que se arrebeite... Que pague os impostos e não bufe, cor- ja! Quem nos manda ser povo? Qual, êste nundo está perdido, e o outro, quem sabe? Não tem mais jeito mesmo não.

Um sujeito de cabelo corrido, liso liso, de índio, descalço apesar do frio, culotes sem cadarço nas pernas, um dolman sujo e desabotoado da "briosa mineira", uma carapuça basca no alto da cabeça, uma ve- lha manta de lã enrolada no pescoço, es- tava ali, e ria desassissadamente...

— De quê você está "sirrindo", Puri?... Vá dizendo logo.

Puri descansou no chão um fardo de abóboras de porco — como é que o siô sabe? — passou a mão no nariz pra lá pra cá, tomou háusto e deitou falação:

— Deixe estar, moço, no dia qu'eu fô prefeito, (como é que o siô sabe?...) essa joça melhora tudo, como é que o siô sabe? eu tô dizendo e ninguém me aquerdita, isso é um povo "besteiro" tóda a vida, hi-han, hi-han, (quando ria era mesmo que relincho...) Como é que o siô sabe, hein?!

Tia Julinha, que vinha vindo da rua barão das Catas-Altas, onde fôra procurar, numa horta, cebolinho para o hotel, parou para ouvir a conversa, deu um pulo ágil para trás (quem diria que tinha mais de oitenta anos!), pôs as mãos nas cadeiras, rebolou o traseiro, enrolou o lábio inferior até o queixo, e foi logo comentando, tudo entremeado de — ahs! — sonoros e sem motivo algum, numa micagem:

— Ah! num tá direito, ah! não, num tá certo, ah! Nu dia que tu fô prefeito e Oeride no mine será governadô, ah! — o beirão dêste tamanho! — vai caindo fora, índio ambicioneiro dos quinto...

Todos se riram das macaquices da Tia Julinha. Era uma figura típica da cida- de, e o Oeride (o Euclides...) era a sua paixão hipotética e senil.

E lá se foram os dois, a preta velha de cabeça de neve e o mameluco Puri de cabeça de vento, aos pinotes, aos pinchos, aos risos, felizes na sua inofensiva ma- luquice.

Ambos os dois "inocentinhos da cabeça..."

VI

Passou o reverendo vigário, de bicile- ta. Era um tipo de atleta, cinematográ- fico. Orador seguro, fácil, imaginativo, muita donzela suspirava quando sua ex- celência reverendíssima, no púlpito, so- fria verbalmente as dores de Nosso Se- ñhor Jesus Cristo.

(Cont. na pag. 54)



PREMIADO NO CONCURSO PERMANENTE DA
REVISTA DA SEMANA



A FEITICEIRA

PEDRO LAMBOQUE, desde o seu casamento com a Felícia do Constantino, que andava com um ar atoleimado, assim como quem está com a bola virada.

Ao contrário do que acontecia dantes, não mergulhava mais com aquêle desembaraço, quando ia deitar rédeas nas cambosas, nem o seu anel, que passava por ser o primeiro do Puxi, mostrava já com aquela perna que espantava os colegas, a ponto de dizerem que ele tinha mandinga...

Agora, macambúzo, concentrado, não bebia e quando voltava da pesca não dava tréguas à mulher, pondo-se no terreiro a remendar as malhas silenciosamente, com um olhar amalheado, mal respondendo às interrogações que lhe dirigiam os companheiros.

As vésperas, largava-se para as dunas e por lá se ficava, esparramado ao sol ou ao luar, mudo e triste, até que os companheiros o chamassem pelo nome do bicho, avisando a hora da maré.

Que tinha êle? Ninguém o sabia.

Chico Pebe era o único que parecia conhecer o que acontecia a Pedro Lamboque, porque, quando os outros lamentavam o rapar, julgando-o doente, êle ria, dando de ombros.

— O cumpade Pêdo tem suspenção.

Uma festa, em que havia sambas no El Matias, foram convidado diversos a fim de ver se êle melhorava.

Debalde! Pedro recusou-se a acompanhá-los, pretextando uma coisa ruim, que êle não sabia explicar, uma coisa que o fazia muito triste.

Os amigos voltaram desapontados.

Em caminho, pararam a um pé das dunas, para um pouco descansar.

E Chico Pebe, enquanto distribua fumo para os outros, entre outras coisas, camaráram alguns assuntos...

irmãos, quer nas borrascas da vida, quer nas tempestades do mar, foi dizendo aos companheiros, em voz baixa, apesar da imensidade dos areais desérticos:

— Vocês pensam que o cumpade Pêdo num vem à festa e porque tendo-se casado, que se fazê de grandelão...

— E por que é, entence? — retrucou o Silvino, um caboclo atarracado de pé de légua e meia, que naquele momento sungava as calças, lembrando-se do namôro que tivera num relado, há tempos, com a Felícia.

E despetado:

— Porque se contristou-se a Felícia, moça branca, fia de seu Constantino, que é dono de curral, já num qué anda com nós, far-se de fidalgo? Qui chibante! Qui quele pensa a Felícia? Uma danada qui namorou cum tudo quanto foi peixeiro e qui intê...

— Num tem isso, nem aquêlo — interrompeu-lhe o Chico Pebe — num é por êle tê-se casado cum quem se casou o qui era uma moça donzelal qui êle tá assim. E por esta coisa? Eu conto. Escutem. Adispôis me digam se êle tem ou num tem razão. Cada qual bote o caso em si. Apôis dêmo quando a gente casa, pra qui é? E pra tá mudo, num é? E casô? êle tem elá? Num tem. Entendem a minha questão?

— Eu sei! — gritou o Mané de Quadro, numa gargalhada estridente, que acordou os tréguas ao longe nas barradas lamboqueiras. — Ora, lá em casa nasceu uma vez uma bebezinha assim e qui por assim nunca puduru.

— Mané e fêmea, não! — protestou com veemência, o velho Ambrósio, deano dos peixeiros das Almas, que gostava sempre de gabar-se de ter corrido este mundo.

dão, desde o Camocim até as águas de São Luis, passando pelo Pontal, Amarração e Parnaíba.

E acrescentou:

— Si ela fosse assim, havera de se tê dado fê, apôis não faz muito tempo, me alembro bem, ela andava nua-zinha pur estas praias cum tudo quanto era menino macho, catando buzo pras vadição!

— Agora... isto é mesmo! — concordaram os outros, em côro.

— Entence que pulutrica é esta, Chico Pebe?

— Nem distrinchou, Silvino? — perguntou, por sua vez, o interrogado. Num adivinhou ainda pur qui é qui êle num pode fazê vida ca muiê?

— Eu sei! — tornou a dizer o Mané de Quadro. — E' renitente. Mais porêrm cá cumigo ela tinha qui se chegá ao reio, qui era serviço! Ora! Ora! Nunca vi barbatão q'eu num amansasse, no tempo qui meu pai era vaquero do seu Diego, lá na Arara, quanto mais poldral...

— Eita! Tá munto a diverso! — chesqueou o Chico Pebe, a rir, perdidamente. — Vocês tudo são uns mama na besta, apôis o caso é munto diferente. A Felícia é muiê interada; êle é qui num tá mais cum a os outo; tá agora sem podê fazê vida ca muiê. Dêda qui casou-se, cristão que levou água de batismo, quá!

E o qui é isto? Foi coisa que botaro nele, num ta-se vendo logo?

— Home, aquerdite em Deus! — replicou Ambrósio, cuspiendo o melão acre da moicuna por entre os dentes limados. — Estas coisa apareço na gente sem se sabê cum a, mas nem é feitiço, nem nada. Eu mesmo já tive um tempão assim, mas tomei uma chá de castuaba cum farinha asserenada e fiquei bennum. E só o Pêdo tomá, e eu agaranto qui êle fica novim travex, fica o bicho home!

E, muito convicto, batendo com a mão fechada no joelho, enquanto os camaradas, de oboças, rodeando-o, curvavam-se muito atentos:

— Esta historia de espaço de home pur o rasto, é busão... De bicho vai ali num negô, mais porêrm de cristão que levou água de batismo, quá!

Cont. na pág. 54

CURIOSIDADES



BROADCAST



RADIO-MAIS

Parece mentira, mas é verdade. Teófilo de Vasconcelos, locutor da Rádio Jornal do Brasil, assinou contrato com a Centauro, a fim de participar das filmagens de "As sete viúvas do Barba Azul". O locutor oficial do Jockey Club Brasileiro faz, assim, sua primeira tentativa frente à camera, depois de ter conquistado público nas ondas hertzianas.

★ Luis Tito desligou-se do elenco rádio-teatral da Tupi a fim de poder ensaiar para os Festivais Dramáticos do Quitandinha. Tão logo foi conhecida a rescisão de seu contrato com a P.R.G-3, Vitor Costa endereçou-lhe vantajosa proposta, para que retorne ao "cast" da P.R.E-8. Também a Guanabara, considerando o valor desse festejado artista, cobiou-lhe o concurso. Porém Luis Tito decidiu só voltar ao microfone depois de setembro.

★ Anselmo Domingos entrou na lista dos "conversados" pela direção da P.R.C-8. Mas o autor das novelas religiosas, considerando sua situação nas "emissoras associadas", achou melhor continuar a produzir para a P.R.B-7, ao lado de Júlio Louzada, que também não aceitou o convite que lhe foi endereçado por Atila Nunes. Isto equivale dizer que nem todos confiam na força da veterana estação...

★ Aloísio de Oliveira "fez a América" com o Bando da Lua. Depois, desgostoso com os companheiros, procurou ganhar a vida como assistente de Walt Disney. No país amigo permaneceu até este ano, quando as saudades o trouxeram de novo ao convívio dos velhos companheiros do Brasil. No primeiro encontro com os jornalistas cariocas, Aloísio contou que o samba está vitorioso na América.

★ Cuquita Carballo, apesar de sua formidável plástica, não conseguiu despertar o interesse dos rádio-ouvintes, razão de seu imediato regresso a Cuba. E' possível que a televisão a torne popular, uma vez que suas linhas estão muito acima de sua voz...

★ Continuam as alterações no quadro redatorial da P.R.E-8. Após a saída de Alziro Zarur, outra fuga vem de se verificar. Referimo-nos a Osvaldo Gouveia, que nem chegou a esquentar o lugar. Quando se anunciava a apresentação de uma sua novela pelo elenco da Nacional, ele batia à procura de outro prefixo.

★ Galhardo Guaianaz é um aficionado do turfe. Acompanhando o movimento das corridas de cavalos, dedicando-se a estudar as possibilidades dos "cracks" e pesquisando os assuntos relacionados à vida turfista, seu nome é uma garantia para o êxito de "Panorama Turfista", que a P.R.E-3 acaba de lançar.

★ A volta de Olavo de Barros à direção do elenco de rádio-teatro da Tupi foi um desafio para os veteranos da casa. Tanto assim que Paulo Porto acaba de retornar ao "cast" da P.R.G-3, do qual se desligara por motivo de sério desentendimento. O vitorioso artista, além de emprestar sua colaboração ao rádio, continua atuando no cinema.

★ "Ribalta", programa conduzido por Sérgio Brito, que a Roquete Pinto transmite às quintas e domingos, acaba de instituir um concurso permanente de críticas, com prêmios de três em três meses. Os interessados devem



SERGIO BRITO

Médico, jornalista, ator teatral e radialista, Sérgio Brito revelou suas qualidades artísticas em "Romeu e Julieta", de Shakespeare, quando essa tragédia foi encenada pelo Teatro Universitário, no decorrer de 1945. Três anos mais tarde, fez o papel de Horacio e, depois, o do rei, em "Hamlet", com o elenco do Teatro do Estudante. Com este conjunto trabalhou, ainda, em "A Castro", de Antonio Ferreira. Apareceu entre os novos críticos da coluna de Paschoal Carlos Magno. Trabalhando já há três anos na Rádio Roquete Pinto, foi o apresentador durante algum tempo de programas musicais, como "Seleção de Peças Famosas" e "Compositores Modernos", além de ter sido, durante quase um ano, o programador das transmissões noturnas da PRD-5. Atualmente, responde pelo programa "Ribalta", através do qual já apresentou "trailers" e radiofoniações de peças famosas, vividas por artistas de grande projeção. Sérgio Brito trabalha numa peça original e deverá participar do elenco profissional organizado pelas principais figuras do Teatro do Estudante.

mandar suas críticas sobre as peças assistidas, candidando-se, desse modo, ao prêmio a ser distribuído por Sérgio Brito, através de seu programa.



FLAVIO CORDEIRO, locutor da Roquete Pinto e da Jornal do Brasil, é, nas horas vagas, ardoroso cineasta. Já o vimos em "Uma aventura aos quarenta", fazendo interessante papel, o qual lhe valeu o prêmio dos cronistas cinematográficos. No momento, éle trabalha em "As sete viúvas do Barba Azul", que na realidade são oito... Nesse filme éle vive um milionário. Isto, porém, não o impediu de, numa cena, ser obrigado a vender peixe. Aliás, o robalo que Flávio "torrou" na feira-livre da praça Nossa Senhora da Paz saiu mesmo no "câmbio negro", pois valendo quinze cruzeiros, conforme manda a tabela, foi vendido por trinta e cinco...



ESTA é Carmelia Alves, intérprete de nossa música popular. Radicada em São Paulo, onde participa do "show" de uma das principais "boites" de lá, de quando em vez aparece no Rio. Vem matar saudades do velho tempo da PRA-9. Ainda no mês de julho tivemos-la entre nós, juntamente com Jimmy Lester, seu esposo e "crooner" de orquestra. Carmelia, quando de sua presença no "broadcasting" carioca, participou de interessante concurso cinematográfico promovido pela Cinédia, conquistando honrosa classificação.

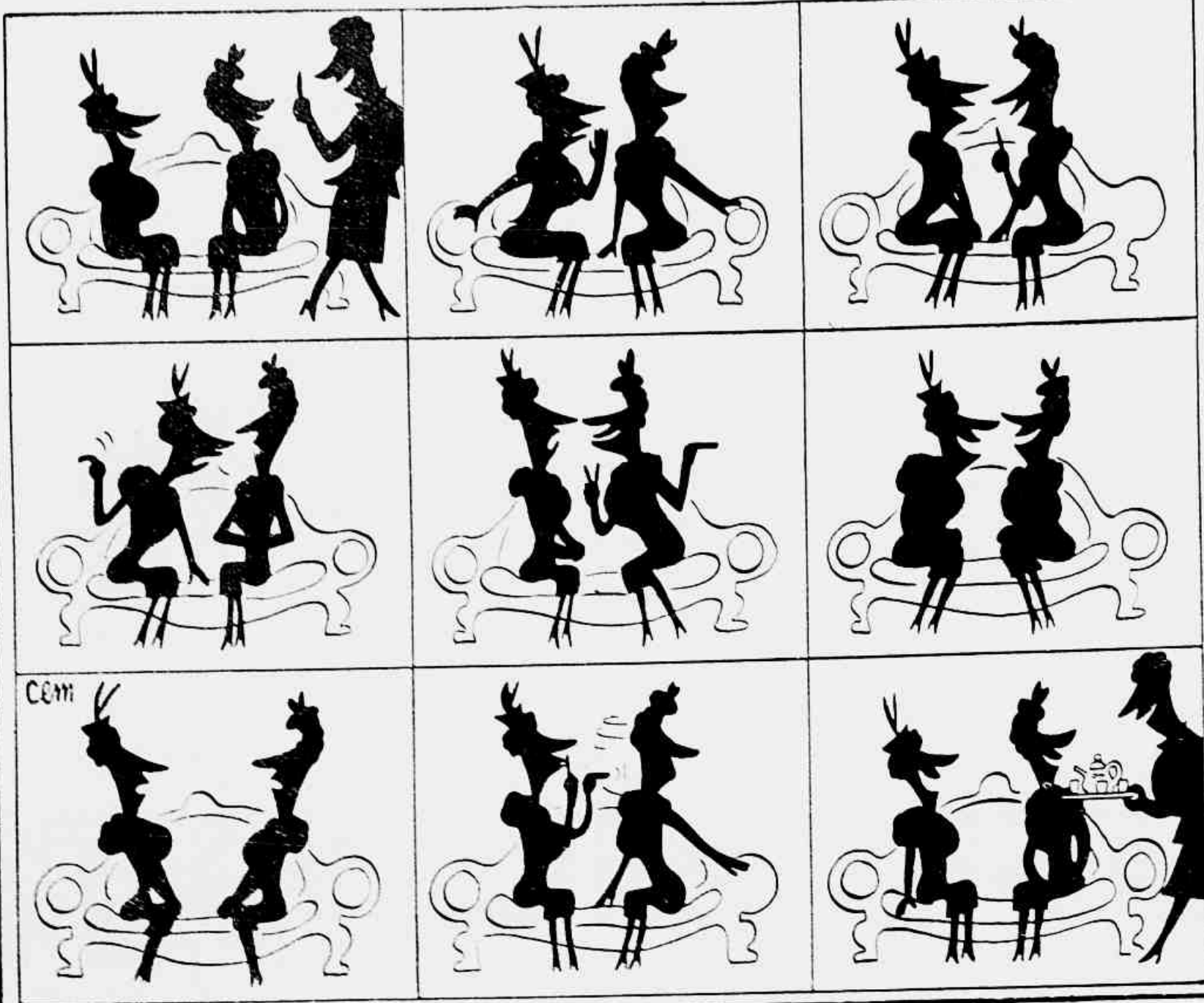
PROGRAMAS DE AUDITÓRIO

OS programas de auditório estão cada vez piores. São, na sua grande maioria, absolutamente lastimáveis. Que vemos por aí? Chalaça. Grosseria. Falta de espírito e de originalidade. Nesse lamentável panorama, pseudo-animadores se lançam à aventura, acenando com máquinas de costura a um público que não tem preferências artísticas, nem sabe distinguir qualidades neste ou naquele "astro". Com as vistas voltadas para os prêmios tentadores, aqueles que comparecem a esse gênero de programas, só o fazem cobiçando a conquista de qualquer brinde. Além do mais, tais "broadcasts" desrespeitam a regulamentação do limite de textos a serem lidos, caceteando aos que buscam diversão nas ondas hertzianas.

Felizmente, existe a lei das compensações. Há uma outra exceção. Neste caso está o "Programa César de Alencar". Com

brincadeiras à altura, sem espalhafatosas distribuição de brindes e apresentando números de agrado geral, esse cartaz da Rádio Nacional às vezes foge à vulgaridade do que se faz por aí. César de Alencar é um bom animador, atraindo a atenção de todos. Tem um ou outro deslize. Mas não tantos quanto os outros. Ainda nesse gênero, incluímos "Rapsódia Carioca" e "Fim de semana". Ambos se limitam a distrair os ouvintes, colocando-os frente a seus cantores prediletos. Quanto aos demais, preferimos fazer silêncio, deixando que seus "criadores" se convençam da inutilidade que os mesmos representam. E' que, nos dias atuais, o rádio já não comporta mediocridades. Se, porventura, estas ainda tentam reagir, a culpa cabe à ganância comercial de alguns diretores e à facilidade com que muitos se sentem atraídos pelos prêmios... — A. Migueis.

"AS MULHERES"

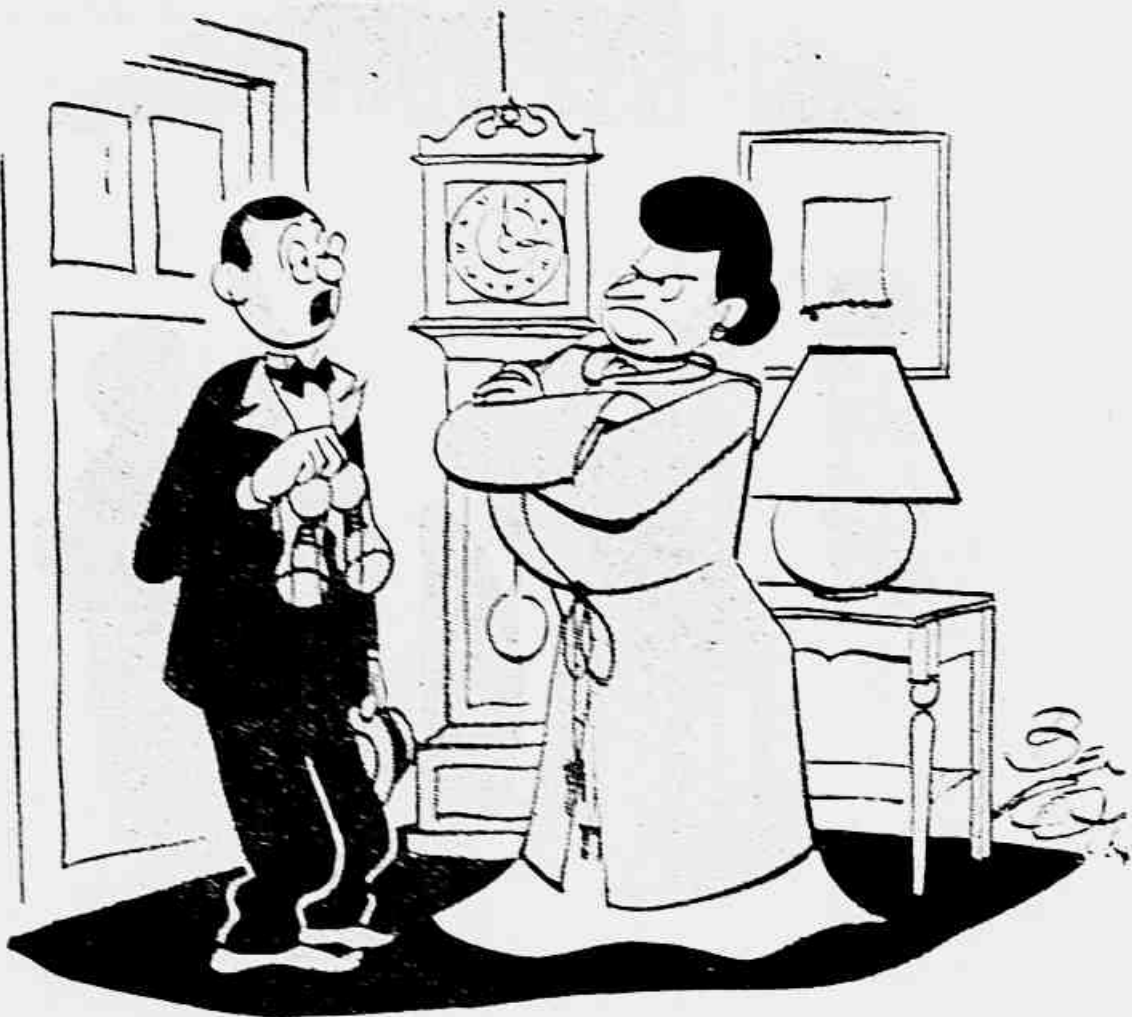


CEM



— Eu ia me vestir, quando apareceu um ratinho!

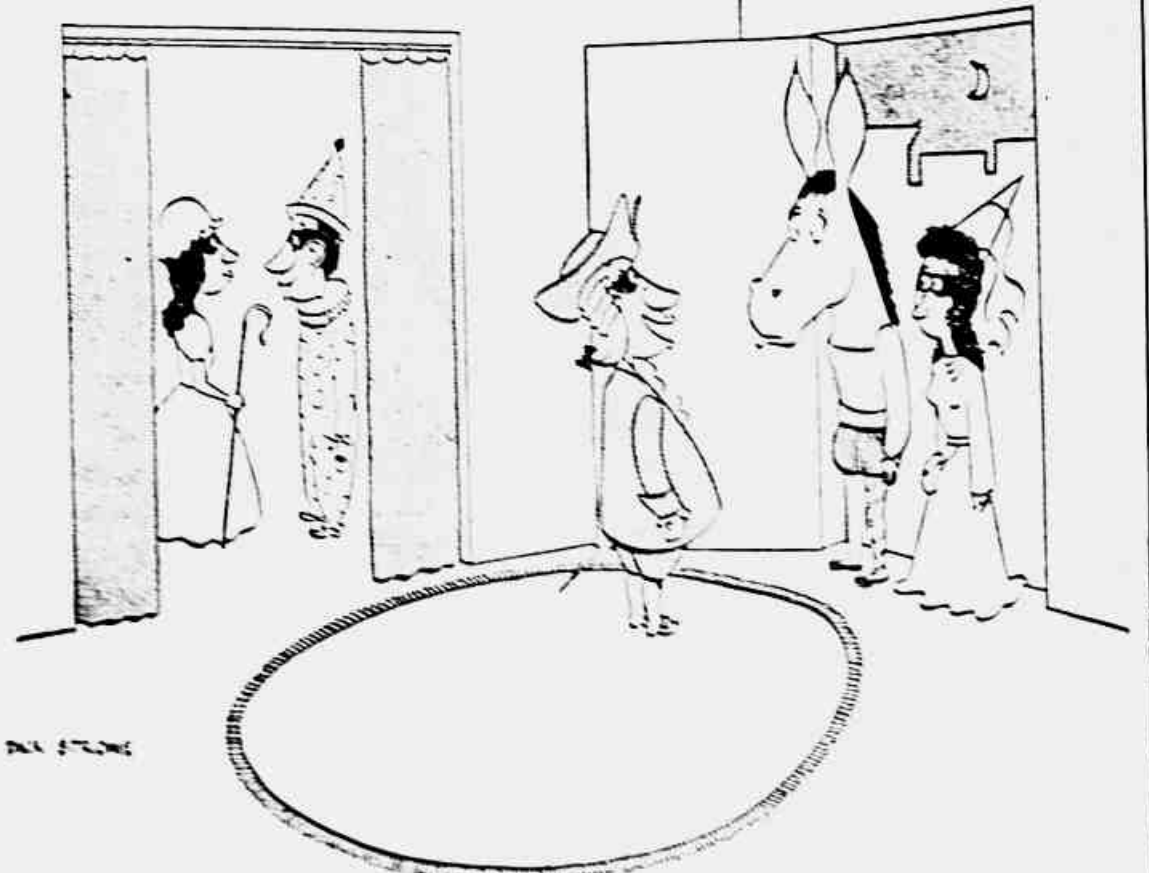
**BOM
HUMOR**



— Se eu soubesse que você me daria uma chance para apresentar desculpas eu teria pensado numa...



— Depois de uma discussão de sete e sete mais sete menos de quatro de quatro...



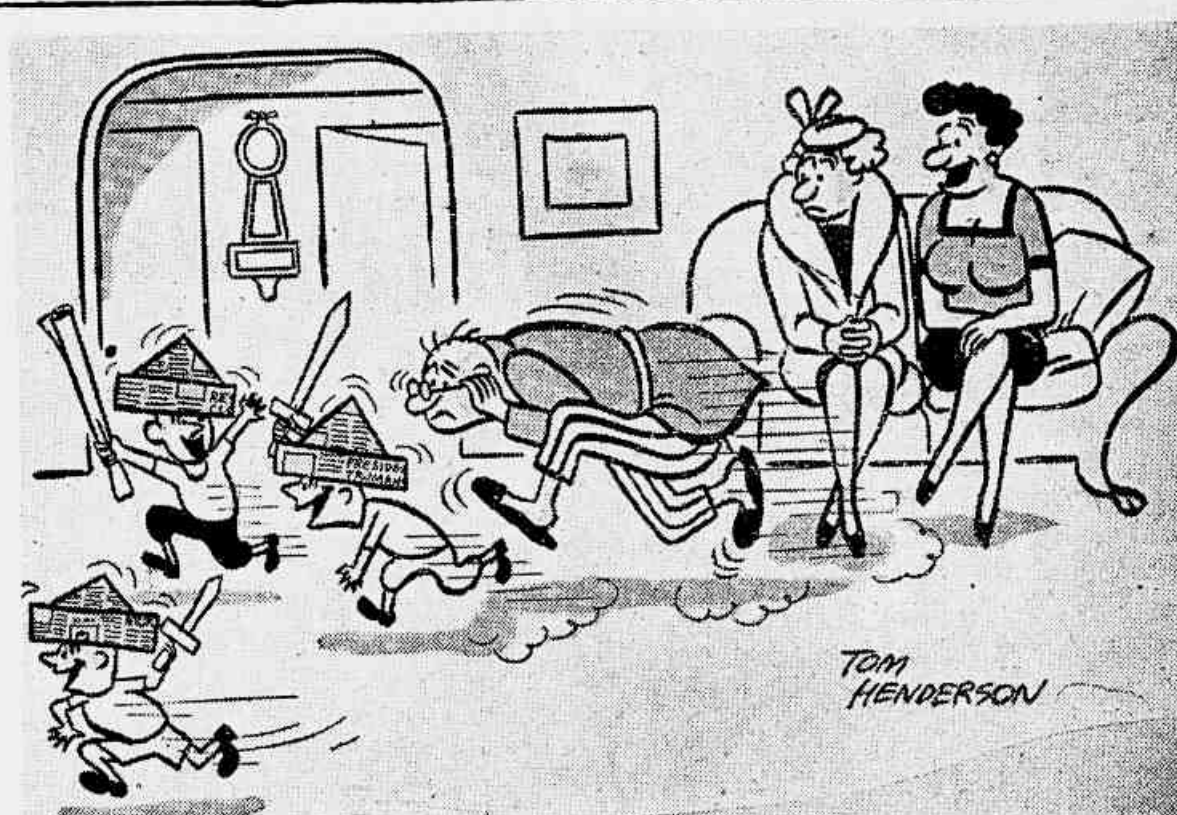
— Ah! Pempu! Quem é essa pequena que está com você?



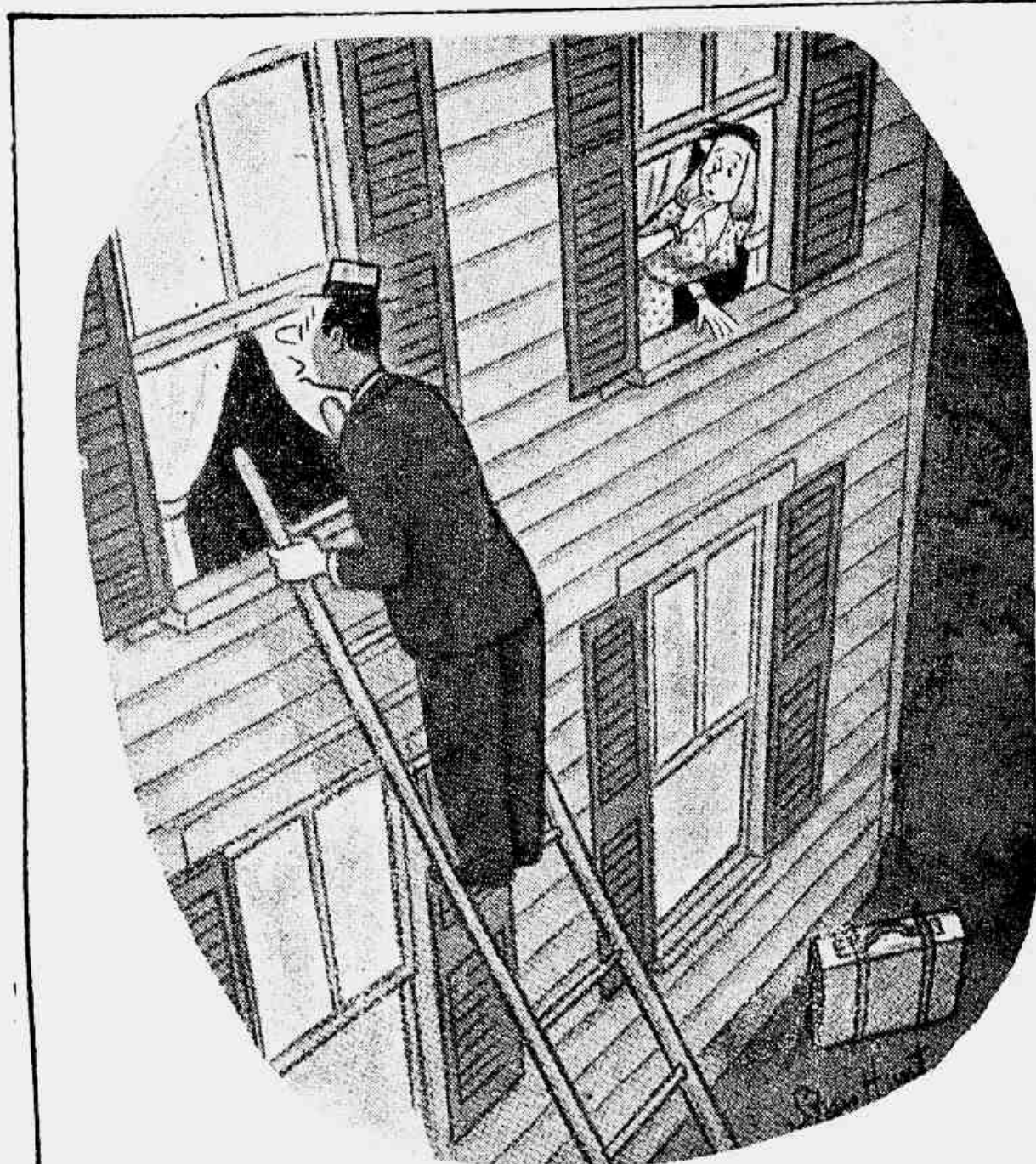
— Como? Inventaram um "new look" também para os cabelos?



— Benedito, mas você! Acabou me arrastando para a varalhão durante a dança, seu sabidão!



— Como meu marido acorda tarde aos domingos, as crianças nunca o deixam ler os jornais...



— Boa noite, sr. Ferrabraz! Venho pedir a mão de sua filha em casamento...



— Estás vendo como é fácil? E' só manter o equilíbrio e deixar o barco correr...

MAMÃE ROSALIND RUSSELL



Aqui vemos a famosa comediante Rosalind Russell, — agora convertida em trágica, pela primeira vez, em "Morning Becomes Electra", de Eugene O'Neill, posando uma fotografia de publicidade, ao lado do seu filho Lance, de quatro anos de idade. Lance é filho de Fred Brisson, produtor cinematográfico, e neto do velho "chansonnier" Carl Brisson. Maurice Chevalier dinamarquês, que fez quatro ou cinco filmes musicais na Paramount e hoje canta em "cabarets" de Nova York, inclusive o Versailles. Esperamos que Rosalind Russell seja um pouco mais modesta na intimidade, isto é, que leia realmente, contos da Carochinha para o garoto, mas sem primeiro pôr ao pescoço um colar de brilhantes...

Se querem saber mais alguma coisa a respeito de Rosalind Russell, fiquem sabendo que ela nasceu no dia 4 de junho de 1912, em Waterbury, Estado do Connecticut. Seu pai, James E. Russell, era um advogado, ao passo que sua mãe fora diretora de uma revista.

Rosalind estudou em Marymont School

e em Bernad College. Graduando-se neste último, decidiu seguir a carreira teatral, matriculando-se na American Academy of Dramatic Arts em New York. Depois de vários anos de atuação, chegou à Broadway, tomando parte com Mady Christians na peça "Talent", que teve enorme sucesso. Mais tarde, conseguindo outro triunfo na Broadway, com Bert Lytell, em "The Second Man", foi chamada a Hollywood para um "test", em consequência do qual foi contratada por uma das grandes companhias de cinema. Sua carreira foi rápida, tornando-se "estrela" em pouco tempo. Até o presente momento já apareceu em mais de 24 filmes. Rosalind tem 1m.70 de altura e pesa 65 quilos, é de gênio alegre e folgazão, revelando sempre um grande espírito de camaradagem para com seus companheiros de trabalho. Isso lhe tem valido uma enorme popularidade entre os demais artistas e todos os que lidam com ela nos estúdios, sejam eletricitistas ou empregados. De natureza energética, Rosalind tem uma predileção por todos os esportes ao ar livre. Anda a cavalo, nada, joga tênis, etc. Não perde de vista os acontecimentos internacionais, gosta de viajar, tendo percorrido a Europa antes da guerra e também durante o conflito. Aliás, Rosalind pretende voltar ao Velho Continente ainda este ano.

Rosalind casou-se com o produtor Fred Brisson, em 1941.



LAUREN BACALL, ATRIZ PROBLEMA

Lauren Bacall está em luta com a Warner Brothers. Quem tem marido rico e com um bom contrato pode fazer isso. Em abril, deram-lhe um papel no filme "The Girl From Jones Beach". Ela achou a história idiota e disse que não queria aparecer no cinema de "maillor".

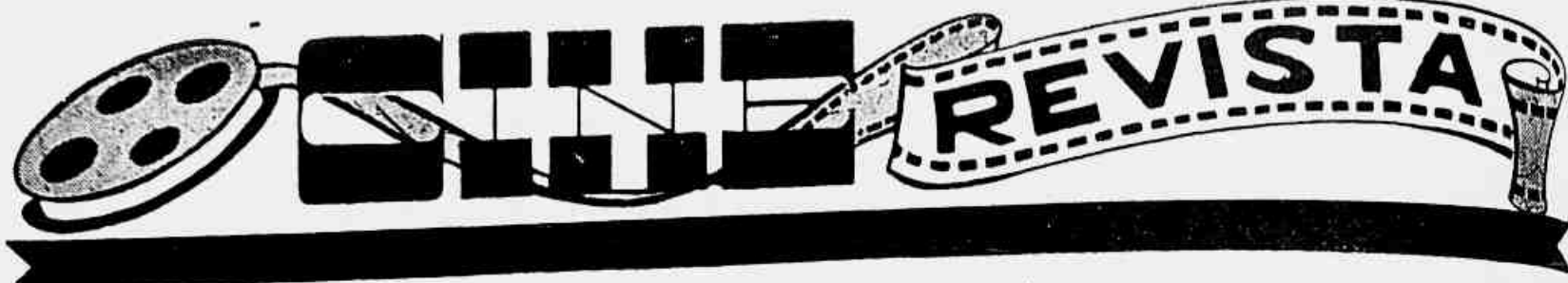
HISTÓRIA À MANEIRA DE HOLLYWOOD

Uma das coisas mais pitorescas que o cinema americano nos apresenta é o filme histórico "à la Hollywood", em geral obra prima de incongruências, de falsidade e de absurdos. Vimos, há pouco tempo, em "O capitão de Castela", uma conquista do México que era de fazer rir, nos momentos dramáticos, e de fazer chorar, nos momentos cômicos. Uma boa droga. Agora, está a mesma companhia, a incorrigível Twentieth Century Fox, produzindo outra contrafação histórica, "The Prince of the Foxes", saída da mesma pena que escreveu "O capitão de Castela", ou seja, de Samuel Shellabarger. Para começar, a adaptação da história, — que é a dos Borgias, — tem de sofrer os retoques cinematográficos, a fim de se conformar com as exigências da Legião da Decência e do Código da Produção Cinematográfica (censura interna). Para evitar "conflito religioso", o produtor Sol Siegel, da T. C. Fox, saiu-se com esta idéia genial:

"— Resolvemos nosso problema simplesmente. No nosso filme, Lucrecia e Cesar Borgia não terão pai. Assim, o papa Alexandre VI, que o livro apresenta como um consumado patife e um grande libertino, fica do lado de fora da película..."

Ao que parece, vai haver uma inflação de Borgias no cinema, porque a Paramount promove a filmagem de "A Mask for Lucrecia", com argumento encomendado a Michael Hogan, Cyril Hume e Clemence Dane. O produtor do filme, Richard Naibum, por sua vez declara:

"— Não fazemos nenhuma menção ao Papado e à religião e, assim, esperamos não ser incomodados pelos católicos. Ignoramos a paternidade de Cesar e Lucrecia. Se foram filhos legítimos, ou ilegítimos, de A., de B., ou de C., isso não nos interessa. Cesar será apresentado como um Hitler da Renascença, mas Lucrecia, que se inicia como uma mulher má, se regenera após o seu casamento com o duque de Ferrara. Conquanto Cesar tenha sido apresentado com um chapéu cardinalício aos dezoito anos, será nomeado no filme apenas como o duque de Romagna. É uma vez que é o vilão do filme, todas as suas ligaduras com o Papado serão omitidas. Eis aí como Hollywood está nos preparando mais duas grandes lições de história universal, — para edificação das massas pagantes! — MCKEY



e em Bernad College. Graduando-se neste último, decidiu seguir a carreira teatral, matriculando-se na American Academy of Dramatic Arts em New York. Depois de vários anos de atuação, chegou à Broadway, tomando parte com Mady Christians na peça "Talent", que teve enorme sucesso. Mais tarde, conseguindo outro triunfo na Broadway, com Bert Lytell, em "The Second Man", foi chamada a Hollywood para um "test", em consequência do qual foi contratada por uma das grandes companhias de cinema. Sua carreira foi rápida, tornando-se "estrela" em pouco tempo. Até o presente momento já apareceu em mais de 24 filmes. Rosalind tem 1m.70 de altura e pesa 65 quilos, é de gênio alegre e folgazão, revelando sempre um grande espírito de camaradagem para com seus companheiros de trabalho. Isso lhe tem valido uma enorme popularidade entre os demais artistas e todos os que lidam com ela nos estúdios, sejam eletricitistas ou empregados. De natureza energética, Rosalind tem uma predileção por todos os esportes ao ar livre. Anda a cavalo, nada, joga tênis, etc. Não perde de vista os acontecimentos internacionais, gosta de viajar, tendo percorrido a Europa antes da guerra e também durante o conflito. Aliás, Rosalind pretende voltar ao Velho Continente ainda este ano.

mostrando as pernas. Depois, foi indicada para o filme "Blowing Wild".

Tratava-se de uma refilmagem de um filme recente, "Torrid Zone", de medíocre sucesso, e ela rejeitou a idéia.

A Warner Brothers suspendeu-lhe o salário. Ela estrilou.

— Não pagamos a ninguém por serviços que não são prestados, — disseram os "bosses". — Se trabalhar, pagaremos. Se não trabalhar, não...

DENNIS O'KEEFE VENCE UMA BATALHA...

Estava em filmagem a película "Some Rain Must Fall", na United Artists, com Dennis O'Keefe no protagonista. A certa altura, quando ele devia dizer: "Que belo dia de primavera!" ele disse: "Que belo dia de inverno! A neve não deve tardar a cair!" Houve um "impasse". A filmagem foi paralizada. E' que Dennis O'Keefe era um dos colaboradores da história, que se desenrolava em pleno inverno, quando era maior a queda de neve. O produtor, Ja-

MCCINHA DE TALENTO



Meio de muita atriz medíocre, de cara de boneca, sem nenhum talento artístico, sem nenhuma capacidade de comunicar emoções — elas consomem a grande maioria, — o cinema americano às vezes se reabilita, com uma descoberta que merece ser saudada com sincero entusiasmo. Esta neste caso a de Barbara Bel Geddes, filha de um cenógrafo de grande talento e bastante renomado, Norman Bel Geddes. Barbara já apareceu em um dos seus primeiros filmes ao público cartola, despertando muitas e veementes admirações. Era um drama em que Henry Fonda desempenhava o papel central. Agora, ela vai aparecer de novo em uma comédia, "I remember mama", em cujo elenco figura também Gene Dunne.

VOCÊ SABIA QUE...

... o filme que vai marcar o reaparecimento de Harold Lloyd, "The Sin of Harold Diddlebock", foi ampliado com a filmagem de vários "gags" e cenas novas e crismado com o nome de "Mad Wednesday", não tendo ainda sido lançado até agora.

... que Preston Sturges é um exímio violinista, mas só agora resolveu pôr à prova seus conhecimentos musicais, em "Unfaithfully Yours", história de sua autoria, que se desenrola em um ambiente de ensaios de orquestras e concertos sinfônicos.

... que Mae Marsh

(lembram-se dela?) vai reaparecer em "Unfaithfully Yours", ao lado de Rex Harrison, Linda Darnell, Barbara Lawrence, Lionel Stander, Kurt Kreuger, Rudy Vallee, Torben Mayer e Isabel Jewell.

... que com todas as galas do técnico, o filme "Easter Parade", da Metro, com Judy Garland, Fred Astaire, Peter Lawford e Ann Miller, foi lançado em um cinema de terceira classe, o Leewards State.

... que Alexander Korda, em Londres, anuncia esta coisa quase inacreditável: a filmagem de "A

Montanha Mágica", de Thomas Mann, por ele adquirida em 1946.

... que é muito possível que Alexander Korda obtenha os serviços de seu irmão Zoltan como diretor do filme, de Klaus Mann (filho do autor) como adaptador cinematográfico e dialogador, e de Gregory Peck, como intérprete do papel principal, o de Hans Castorp.

... que Robert Donat será o produtor, o diretor e o intérprete principal de "Cura de amor", peça que ele próprio representou nos teatros de Londres.



Venenos de bilheteria

Aqui está uma figura que deve ser incluída, com justiça, ao lado dos outros sujeitos intragáveis que têm figurado nesta galeria de inimigos do público. E' Pat O'Brien, um canastrão persistente, gordo e velho, falando como metralhadora. Digno substituto do incrível Lee Tracy. Devia entrar em um filme que tivesse Turhan Bey, James Craig, Donald O'Connor e Fred Mac Murray, — uma super-produção "venenosa", à maneira daquela da Universal, em que Dracula, Frankenstein e o Lobishomem de Londres passeiam de braços dados... Pat O'Brien ainda não desistiu. Sua última proeza: "The Fighting Father Dunne".

mes Nasser, havia, entretanto, alterado o texto do filme, suprimindo as cenas e alusões ao Natal, transferindo tudo para a primavera, a fim de não gastar mais dinheiro com os efeitos de inverno e de neve. Disse Dennis O'Keefe que não continuaria o filme sem que o seu verdadeiro espírito fosse respeitado. O produtor declarou que era absurda a exigência, mas, em face da paralização da filmagem e da ameaça de uma ação por perdas e danos, acabou capitulando...

ROBERTO ROSSELLINI NOS ESTADOS UNIDOS

Levando debaixo do braço uma cópia de seu último filme, "La Macchina Che Amazza Gli Cattivi" (A Máquina Que Aniquila os Perversos), acaba de chegar aos Estados Unidos o produtor e diretor italiano Roberto Rossellini, o homem que fez "Roma, cidade aberta", "Paisà", e "Berlino, hora zero". Roberto Rossellini pretende fazer nos Estados Unidos contratos para a distribuição direta dos seus filmes durante os três próximos anos. Não tem, no entanto, o menor propósito de trabalhar em Hollywood, em qualquer capacidade. Ele acha que seu lugar é mesmo na Itália. E está certo...



Linda Darnell, no papel de Amber, o principal de "Entre o amor e o pecado"

ENTRE O AMOR E O PECADO

(FOREVER AMBER)

INGLATERRA, 1660. Numa pequena aldeia vive Amber, estuante de vida e beleza em seus vestidinhos de lã, sonhando com um futuro brilhante que a arrancasse da pequena estalagem de seu tio. E a oportunidade lhe chega quando recebe a visita de alguns cavalheiros da corte, de passagem pela aldeia para reunir-se a Carlos II, recém-restaurado ao trono de seus maiores, depois dos anos escuros da ditadura de Oliver Cromwell.

Bastou que Amber visse Lord Bruce Carlton, um deles, para saber que aquele era o homem que o destino lhe reservara. E não hesitou em seguir com ele para Londres, naquela mesma noite, embora ele a avisasse cruamente que nunca a desposaria.

Seguiram-se dias de felicidade num pequeno apartamento da grande metrópole. Mas em breve Bruce embarcava para a América, deixando-a com bastante dinheiro, sob a proteção de seu fiel amigo Lord Almsbury. Desolada, Amber atirou-se a uma vida de extravagâncias, e acabou enfrentando um severo juiz no Tribunal dos Devedores, depois de ludibriada por um casal de chantagistas.

Conduzida à prisão de Newgate, lá conheceu Black Jack Mallard, saltador famoso, que por ela se apaixonou e levou quando conseguiu fugir. Foi no refúgio dos saltadores, cuidada pela sinistra Mme. Red Cap, que nasceu o filho de Bruce, logo confiado a uma ama.

Amber passou então a servir de isca nos assaltos de Black Jack. Numa dessas aventuras conheceu o capitão Morgan. Vendo-a em apuros, pois Black Jack fora morto e a polícia a procurava, o garboso oficial tomou-a sob sua proteção, conseguindo-lhe um lugar no teatro, onde ela pela primeira vez viu o fascinante Carlos II.

A vida parecia agora sorrir para Amber, ao lado do capitão Morgan, até que Bruce voltou. E ela tudo esqueceu para seguir o seu grande amor. Insultado, Morgan desafia Bruce para um duelo e nele perde a vida. Bruce, revoltado com o que lhe parecia imperdoável coqueteria, não quis mais saber dela.

Mas Amber julgava ainda que não a queria por ser um nobre. Ela pre-

(Cont. na pág. 55)

Amber	LINDA DARNEIL
Lord Bruce Carlton	CORNEL WILDE
Carlos II	GEORGE SANDERS
Lord Almsbury	RICHARD GREENE
Cap. Rex Morgan	GLENN LANGAN
Nan Britton	JESSICA TANDY
Conde de Radcliffe	RICHARD HAYDN
Mme. Red Cap	ANNE REVERE
Black Jack Mallard	JOHN RUSSELL
Carlina	JANE BAIL
Sir Thomas Dudley	ROBERT COOTE
Laudale	ALLAN NAPIER
Nat Goodgroome	LEO G. CARROLL

Filme da 20th Century-Fox — Produção de William Perlberg — Direção de Otto Preminger



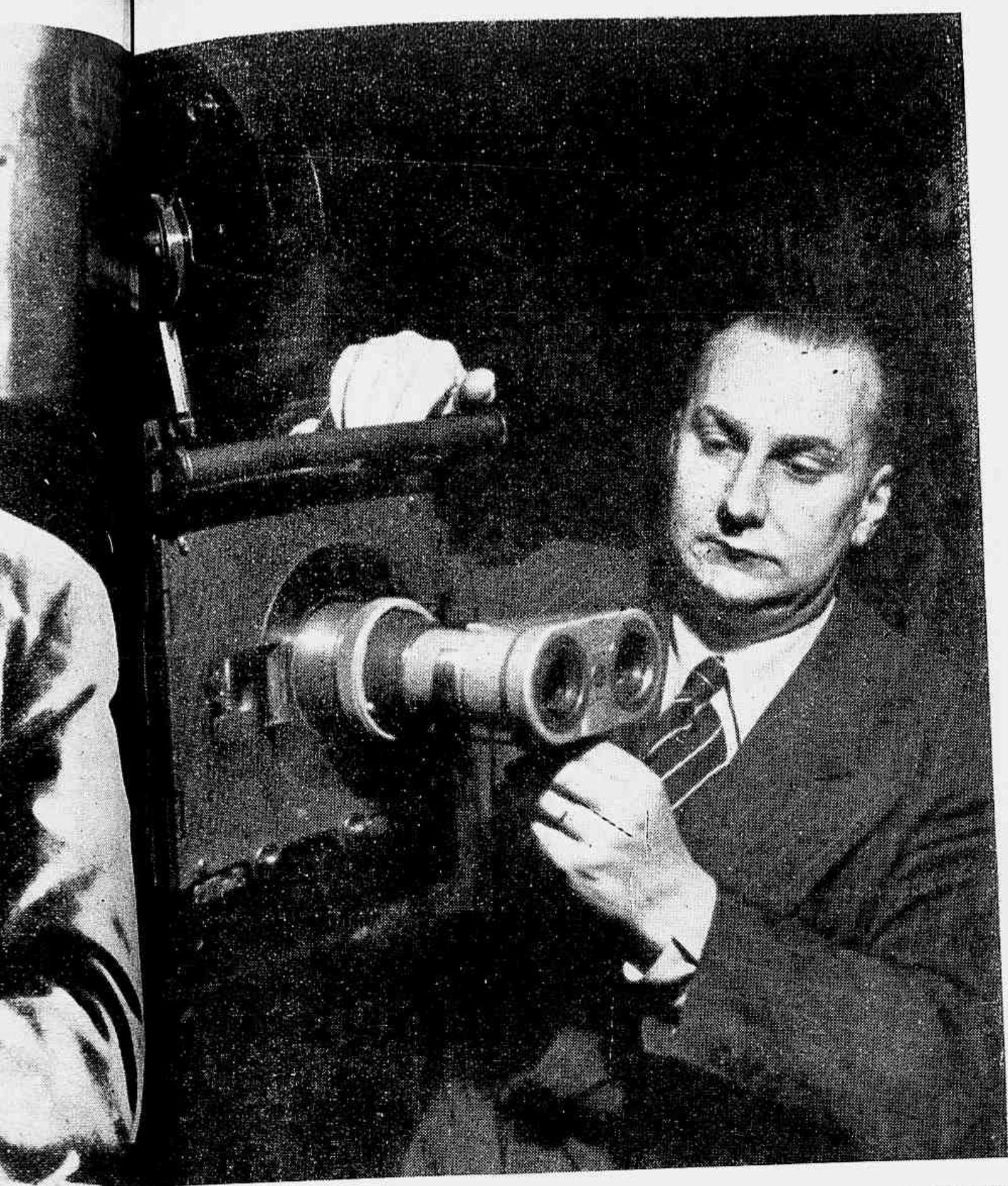
Cornel Wilde e Linda Darnell, em "Entre o amor e o pecado"



Cena de "Entre o amor e o pecado", produção da Twentieth Century-Fox



Outra cena de "Entre o amor e o pecado" (Forever Amber)



de ótica, desco-
cinematográfico

Armand Roux apresenta a sensacional invenção em que trabalhou durante dezessete anos com seu irmão Lucien e que opera verdadeira revolução na cinematografia, — a maior desde a descoberta do cinema sonoro.

é que se pode chamar assim, com um aviso: "Este elevador é garantido para cargas"... E continua Pagnol: "Meti no monte-charge, como se fossem mercadorias, todos os membros da provecta Academia das Ciências, com o duque de Broglie à frente... Que responsabilidade... Fechei as portas e... pronto. Eis-nos subindo... Enquanto subíamos ia distribuindo entre os convidados folhetos da reclamação de "La Belle Meunière". Um dos convidados me perguntou: "Quanto vale o filme tal como está?". Dei-lhe um número. "E em cores?". "Três vezes mais", foi a resposta. Mas, depois disso, verifiquei que a informação era inexata. Vou poder fornecer ao público o filme em cores pelo preço do preto e branco...

Apesar dos sete andares e da periculosidade do elevador só garantido para cargas, cerca de duzentas pessoas visitavam por dia a casa de Roux. Produtores, representantes de Hollywood, diretores de fábricas para manufatura de filmes, curiosos e especuladores... Todo mundo.

— As objetivas estavam, assim, em perigo. Então resolvi hospedar meu amigo em minha casa e colocar sob boa guarda o material. Porque todo cuidado é pouco. O processo é dos mais simples e, portanto, facilmente pode ser imitado...

Em torno do moinho há grande vigilância. Mas a gente não consegue identificar os agentes de polícia naqueles pacíficos senhores com seus guarda-chuvas, com seus sapatos ferrados...

— Eles estão "dans la nature"... — comenta Pagnol, e faz acompanhar o comentário com um gesto vago. — "Mas não se preocupe. Eles acompanharão Roux por toda parte, durante o tempo em que o inventor trabalhar..."

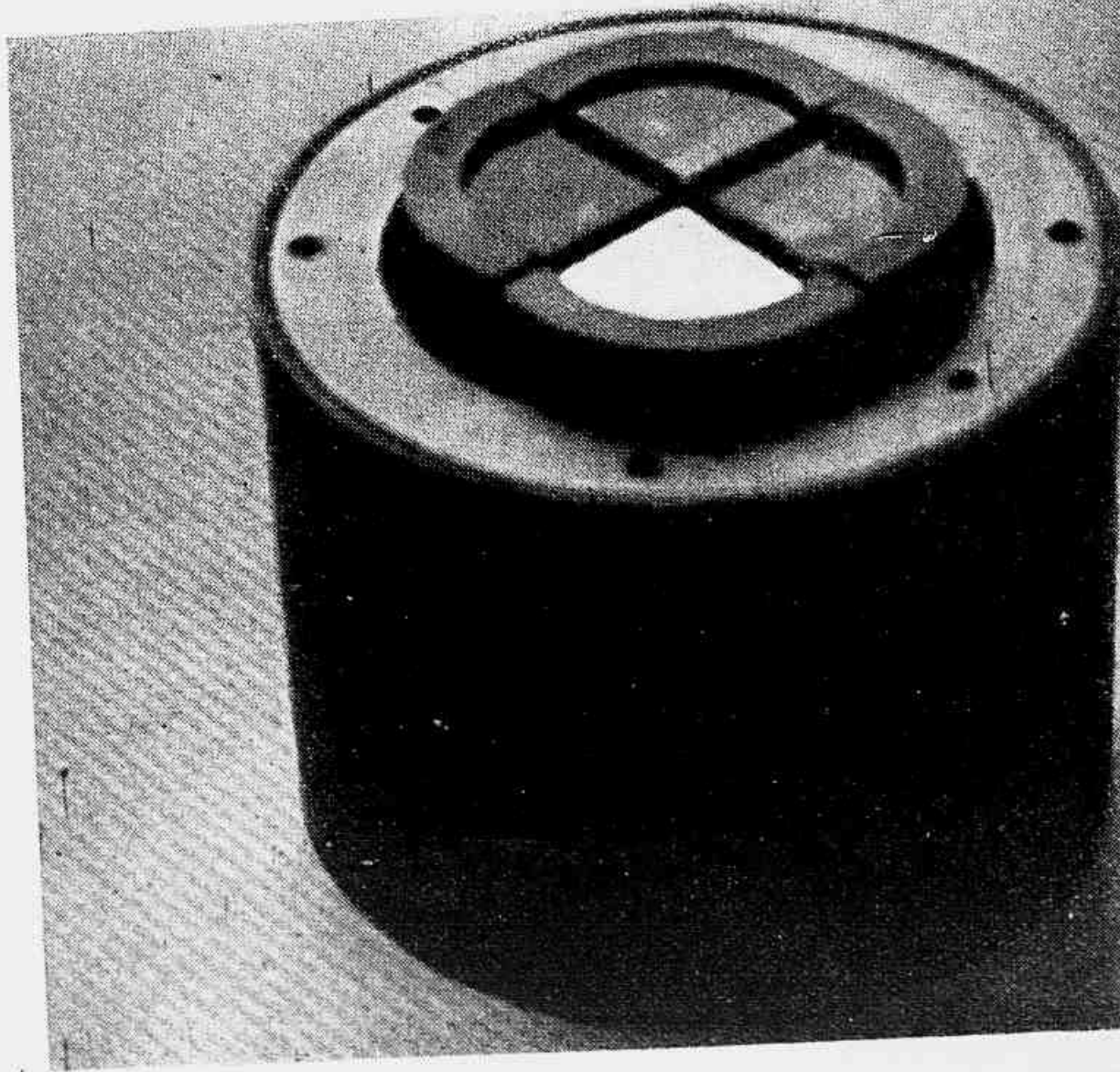
Mas se "Rouxcolor" passa para o primeiro plano, a vida de Pagnol continua a mesma na "Abbaye", em que José, o "dono da casa", tem a melhor cozinha de toda a região. Orson Welles frequenta esses locais e nada mais faz que justiça, pois criou "Marius" em inglês no teatro.

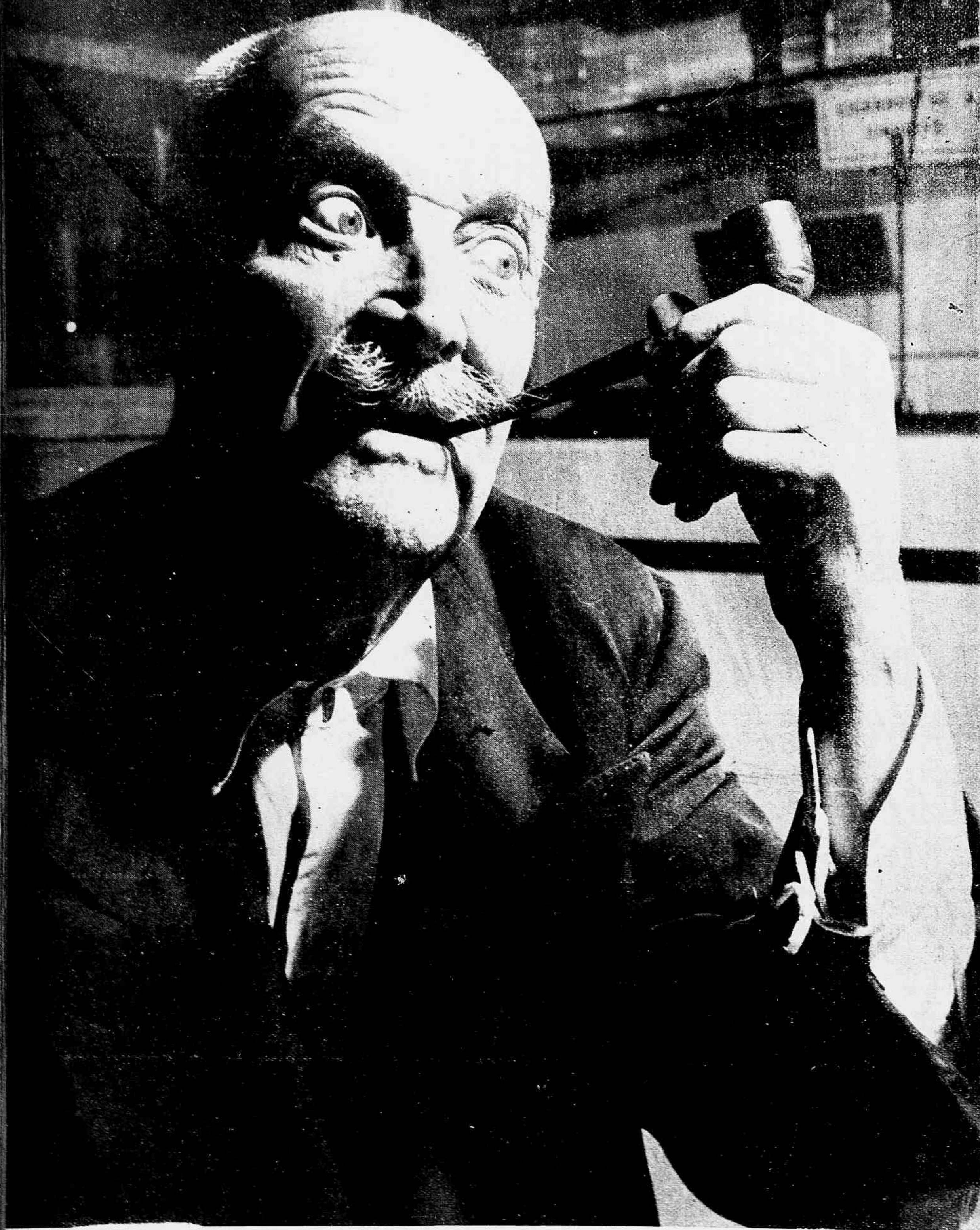
(Cont. na pág. 55)

DEPOIS de dezessete anos de esforços, os irmãos e Lucien Roux acabam de aperfeiçoar um processo de cinema em cores que os especialistas qualificam de sensacional, pela sua extrema simplicidade, como pela segurança de suas qualidades técnicas. O essencial, na descoberta, consiste em uma objetiva que pode ser adaptada à maioria dos aparelhos de tomada de vistas, ou "câmeras", assim como aos aparelhos de projeção. Trata-se de uma verdadeira obra prima, em matéria de ótica, porque essa objetiva é constituída de mais de trinta pequenas lentes e reproduz, numa película de formato habitual, — 24x36 — quatro imagens semelhantes, separadas por uma cruz, após a decomposição das cores em quatro cores fundamentais: azul, vermelho, amarelo e verde. O filme obtido aparece, em preto e branco, como o filme ordinário, e não sofre nenhum tratamento químico e nenhuma revelação especial. É que a objetiva adaptada ao projetor faz a fusão das quatro imagens em uma só imagem, — obtendo dessa forma os mais belos efeitos de colorido, pois cada imagem contém uma cor fundamental. Graças às lentes e aos filtros dessa objetiva especial, é que as cores originais são reconstituídas. Tudo é extremamente simples, embora para chegar a esse resultado assombroso, — verdadeira revolução na cinematografia colorida, — os irmãos Roux tenham trabalhado durante dezessete anos a fio e resolvido problemas no campo da alta matemática aplicada à reprodução das imagens. Entusiasmado pelo novo processo, Marcel Pagnol resolveu inutilizar o que já fizera em branco e preto e voltar a filmar em cores, do início, sua nova película, "La Belle Meunière". Outros produtores com o novo processo, ora conhecido como o "Rouxcolor". Outros produtores franceses estão, também, fazendo entendimentos semelhantes com os inventores e, entre setembro e outubro, estarão sendo exibidas, ao público de Paris, as primeiras películas obtidas pelo novo processo, — que se coloca à frente do "tecnicolor", do "auscolor", do "agfacolor" e do "cinecolor", que já se encontram no mercado. Um dos inventores, Armand Roux, gravemente enfermo, em assistência técnica, ao passo que o outro, Lucien Roux, durante a fase final da preparação do novo invento, está atualmente internado em um estabelecimento hospitalar.



AO ALTO: — Aqui está um filme obtido pelo Rouxcolor: cada uma destas imagens, embora impressa em branco e preto, representa a decomposição de uma cor fundamental. Na projeção, elas são fundidas em uma só imagem, retornando à cor original. Como se consegue decompor a cor e reconstituí-la, eis o segredo que só os inventores sabem. Em baixo — A quadrupe objetiva dos irmãos Roux que registra quatro vezes a mesma imagem





A VAGABUNDAGEM LÍRICA DE VITO PERONA

UM TIPO POPULAR, QUE MUITOS TOMAM POR LOUCO, MAS É APENAS UM PINTOR INOFENSIVO ★ FAZ PARTE DA PAISAGEM URBANA DE BELO HORIZONTE ★ SETENTA ANOS E UMA BICICLETA ★ INTITULA-SE, SINGULARMENTE, O "PAGANINI DO PINCEL"

Reportagem de MILTON PEDROSA

Fotos de AUGUSTO CARDOSO

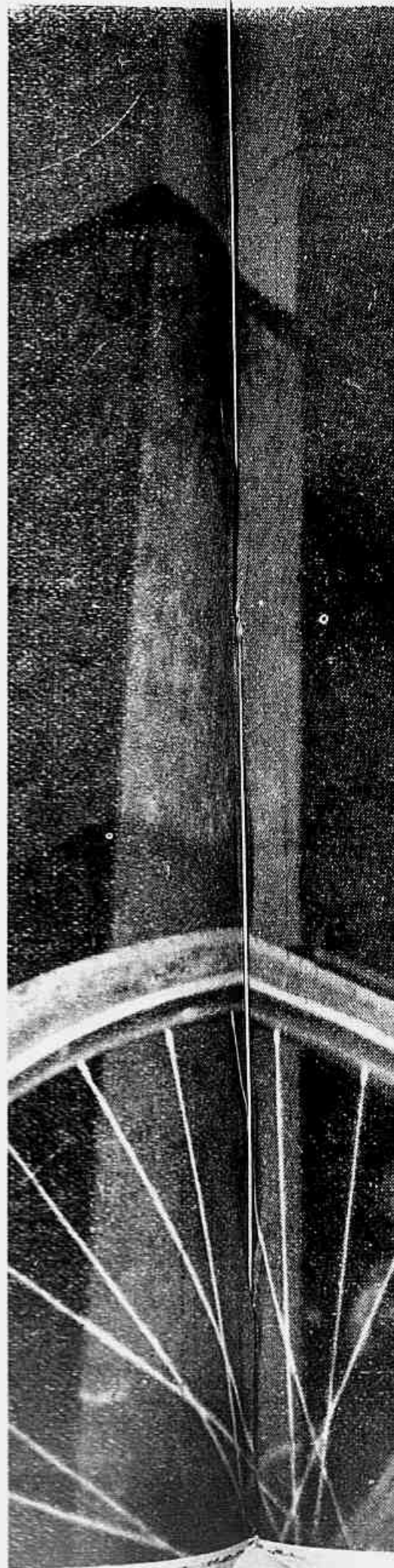
Bele Horizonte, a única aquela Curral...
de três mil almas...
em apenas cinco...
su, onde os ar...
ros suprimem o...
viários fazem...
reune para dist...
os governos esta...
cada qual a sua...
enchem cada-...
de muitas igrejas...
uma Cidade mod...
o Diabo anda sol...
das de arabes, s...
términos de aux...
vivem italianos...
americanos, rus...
das as partes, d...
Tudo é fácil de...
que está sob est...
vader comum. A...
do rio. Sob sua...
E' preciso que...
o poder de obser...
profissão.

E isso faz o rep...

UM CHAPEU, UM CACHIMBO, UMA BEN...
MIGODE

Assim, bastante...
Ho, muitas vezes...
uma caneca de cho...
um estranho, me...
cachimbo, a sua beng...
prido como uma ol...
atômica. De algu...
fato de que Vito Per...
trata-se de Vito Per...
Terni, que se intitula...
assim o chamou ha...
Oran, e, desde entã...
zarro na entrada de...
tem ou não gostem...
seu olhar ainda vi...
de já foi. De ha m...
neiros, embora ain...
dalar numa bicicleta...

Vito Perona, com seu...
louco. Mas é apena...
mente se intitula "O...
assim foi chamado...

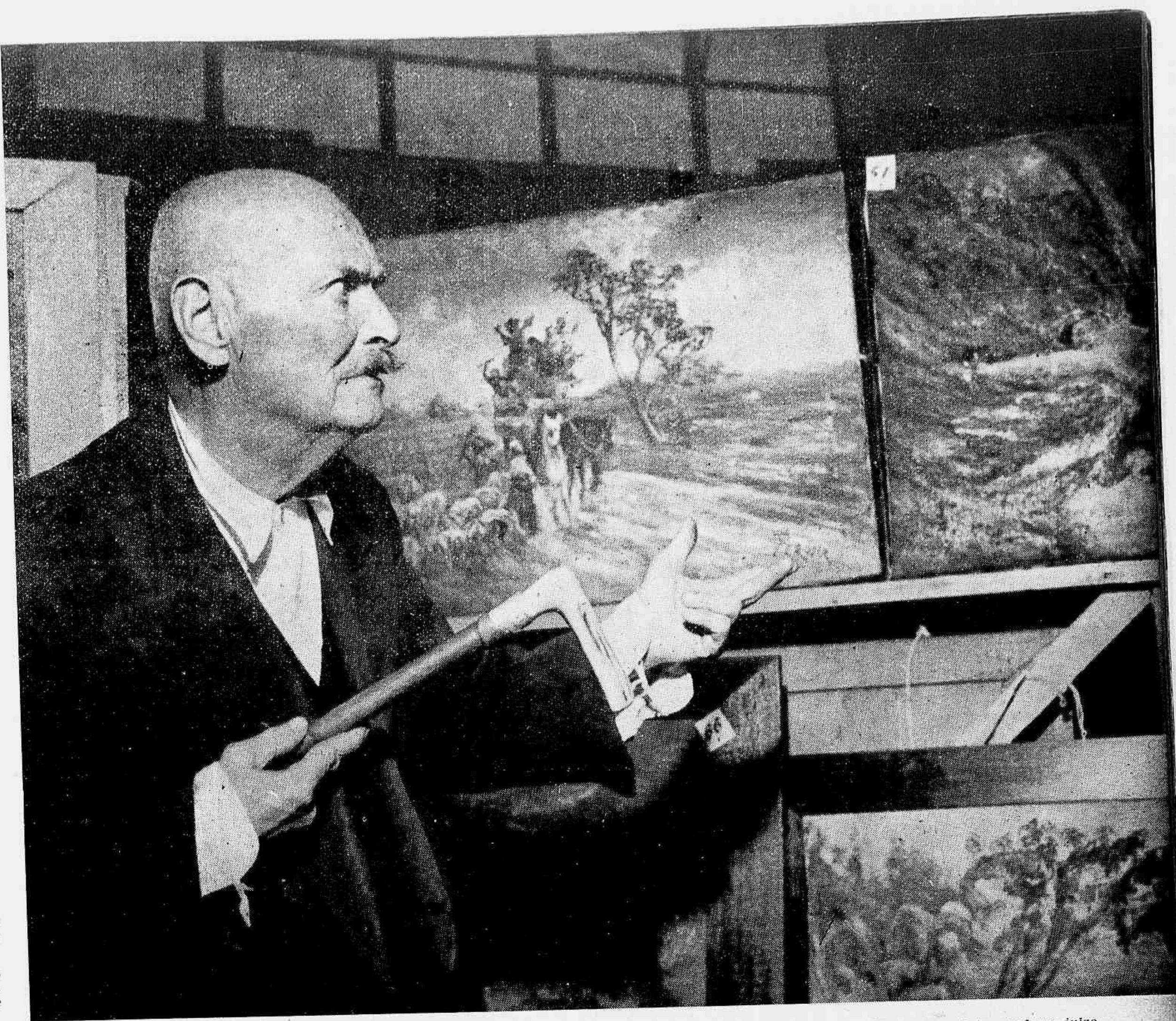


Belo Horizonte de
três mil almas, há
apenas cinquenta
anos os açougueiros
suprimem o leite
e os fazendeiros
fazem greve. O
governo para distribuir
para os pobres, criando
uma qual a sua
cham cadeia, onde
muitas igrejas, onde
a cidade moderna e
Diabo anda sob
de arabs, sírios e
armos de auxilio
vem italianos, franceses,
americanos, russos, japoneses,
as partes, de todas as religiões,
é fácil de se ver
está sob esta
comum. A cidade
rio. Sob suas
preciso que o
poder de observar
profissão.

CHAPÉU, UM CACHIMBO, UMA BENGALA E
CACHIMBO

Assim, bastanta
o, muitas vezes
na caneca de chopp.
estranho, meio
cachimbo, a sua bengala,
como uma obra
ômica. De algum
to de que Vito Perona
ata-se de Vito Perona,
erni, que se intitula
assim o chamou há
ran, e, desde então,
na entrada de
cu não gostem de
olhar ainda vivo
já foi. De há muito
apassou os seus setenta
apaz de se equilibrar e
lar numa bicicleta

to Perona, com seu cachimbo. Muitos o tomam por
uco. Mas é apenas um ator inofensivo. E biza-
mente se intitula "O Paganini do Pincel", dizendo que
assim foi chamado por um jornalista de Oran...



Gostem ou não gostem do que ele pinta, nenhum juízo
desfavorável perturba a dignidade artística de Vito Pe-
rona, nem o faz abrir mão do título que mais o encanta,
— o de ser o Paganini do pincel...

aniversário. Está em Belo Horizonte já há alguns anos
e aí tornou-se mais conhecido pela rabona de seu casaco,
pelo seu cachimbo, pelo seu bigode e pela sua bengala
do que pelos seus quadros. Coisa fácil de explicar, pois
que nem todo mundo visita exposições, enquanto toda
gente anda pelas ruas, frequenta bares e cafés, e por
esses lugares muito anda Vito Perona. Não sabereis
onde encontrar Vito Perona se perguntardes pelo pin-
tor. Mas se interrogardes alguém sobre um sujeito de
rabona e de cachimbo, que recentemente tirou alguns
milhares de cruzeiros na loteria, então o encontrareis
com facilidade. Não vou dizer-vos como nem quando
chegou ele à capital mineira, por que isso ele não me
disse nem eu o soube de outra fonte. Mas sei que há
muitos anos percorre o Brasil, expondo seus quadros e
vivendo a vida como deseja vivê-la, como resolveu que
deveria ser a sua aventura, desde que deixou a terra na-
tal. Não pergunteis como pode um cidadão pintar du-
rante mais de sessenta anos, conduzir seus trabalhos
através do mundo inteiro, sem fortuna e sem criar raízes
em parte nenhuma. Basta saber que é possível. E aí
está a prova com Vito Perona. Vejamos, pois o que
está na sua vida, entre Terni e Belo Horizonte.

UM GRANDE REPERTÓRIO INTERNACIONAL

O velho pintor, que muitos tomam por um louco,
ainda hoje não desmente o passado. Naturalmente não
é mais aquele rapaz de Terni e se limita a praguejar,
pois o seu belo repertório citadino está hoje acrescido
pelas pragas de muitos povos. Na sua cidade de Terni
não se limitava a isso, porém. A sua juventude foi
principalmente turbulenta, pois o rapaz deu desde cedo
de se colocar contra tudo quanto significasse abuso de
autoridade, o que pagou com algumas prisões. Não im-
portava a ela que as suas farras se alternassem com
grandes períodos de recolhimento em que se voltava
para a contemplação das coisas de arte. Mas assim era
a sua vida. Um dia passa a um amigo todo o dinheiro
que possuía e atravessa vários dias de miséria e de
fome, a ponto de ter que ser internado para tratamen-
to de saúde. A vida não era fácil e a pobreza era a
única amiga constante. Por isso, desde cedo teve que
erranjar uma profissão. Foi pintor de paredes e de-
corador de casas humildes. Com isso auxiliava a famí-

Com seus retenta e muitos janeiros de vagabunda-
gem internacional, o velho pintor Vito Perona ainda
consegue equilibrar-se no alto de uma bicicleta...





Pintando na via pública, Vito Perona desperta, com sua figura bizarra, a curiosidade dos transeuntes. E, com as moças, êle sabe ser distinto...

Inaugurada a exposição, Vito Perona ainda se mostra insatisfeito e, de quando em quando, retoca, aqui e ali, um dos quadros expostos. É um Paganini que procura aprimorar a execução ao máximo, sempre que pode...

fla. Quando o pai, também por bohemnia, foi um dia recolhido à cadeia local, o menino foi para ali pintar coisas alegres para distraí-lo. Nasceu aí, na cadeia, o pintor que havia de desenvolver a sua técnica viajando pelo mundo. Na realidade foi a miséria que o fez pintor e que o obrigou a dar largas ao seu espírito de aventura. Palermo, Tunis, Algeria, Oran, Casablanca, Rabat marcam os primeiros passos de suas andanças, mas não os últimos. Esses passos deixaram marca em todos os continentes, pois o espírito inquieto e dinâmico do rapaz conduzia-o sempre à procura do novo e do imprevisito, excitantes às vezes perigosos para o artista, que muitas vezes escapou de ser despedaçado pelas fêras ou aniquilado pela moléstia. Esta vida errante havia de deixar a marca na sua pintura e na sua técnica. "Quando me ponho diante de uma tela ainda intacta, não sei ao certo o que sairá dela, qual será em seus detalhes o quadro que pintarei. Começo a pintar e as imagens se sucedem no fundo de uma realidade que descubro durante minhas viagens, e que quasi sempre são o resultado de uma repentina fusão na minha fantasia". Eis aí o pintor e sua pintura.

OS CAMINHOS DO MUNDO

Vito Perona, que hoje desperta a curiosidade dos belorizontinos por não sei que de fantastico que ha em todo ele, fez seus primeiros estudos no Colégio S. Michele, de Roma, onde aprendeu a arte da tapeçaria. Depois disso, porém, dedicou-se exclusivamente à pintura. Sua aventura começa quando ele deixa Terni e rumo para Palermo. Mas a sua fama haveria de começar na África, onde as suas exposições se sucedem. Consegue fixar-se, por algum tempo, com um atelier em Tunis, tempo apenas suficiente para recolher as visões sugestivas da África, a solidão dos desertos sem fim, os caminhos das caravanas de camêlos. Mas não se demora em Alger, nem em Casablanca, Oran, ou Tunis. Ei-lo agora em Rabat, capital do Marrocos francês, instalado com meia dúzia de cães e dois arabes que não o deixam dia e noite. Faz aí o seu quartel general e daí parte para expôr seus quadros e aí voltará sempre. E' de Rabat que parte para expor em Paris, Bruxelas, Londres, Rotterdam, Haia, etc.

(Continua na pág. 56)

O velho pintor italiano, que aportou a Belo Horizonte e ali lançou âncoras, está sempre pronto a explicar o sentido simbólico dos seus quadros aos espectadores que não sabem como interpretá-los.



UMA PRECIOSIDADE ICONOGRÁFICA

O VERDADEIRO RETRATO DE JOÃO GUILHERME RATCLIFF, HERÓI
DA REVOLUÇÃO REPUBLICANA DE 1824

Por ALBERTO LAMEGO

(Especial para REVISTA DA SEMANA)

DURANTE a nossa estada na Europa, cerca de quinze anos, raras vezes deixamos de assistir aos leilões das grandes bibliotecas dispersas pelas mortes dos seus donos, muitos dos quais governaram o Brasil.

No do espólio dos viscondes de Azambuja, efetuado em Lisboa, entre os manuscritos e livros raros que adquirimos, encontramos dentro de um deles um magnífico retrato de Ratcliff, feito a pena e o único até agora conhecido: "a cabeça leura daquele vulto correto e majestoso", na frase de Melo Morais Filho.

Trata-se a seguinte legenda: "Este é o retrato de João Guilherme Ratcliff, o porta-voz do chefe da rebelião de 1824: Manuel Carvalho Pais de Andrade". Do mártir da liberdade só se conhecia o que deixara escrito na parede do oratório no dia da sua execução em 17 de março de 1825, autógrafo que o Arquivo Nacional mandara reproduzir em pastais e distribuir pelas escolas públicas do Distrito Federal, no centenário de sua morte.

Não vamos descrever a revolução iniciada em 2 de julho de 1824, com a proclamação do chefe Pais de Andrade, que convidara as províncias do norte do Brasil a formarem uma república independente sob o nome "Confederação da Equador". Dela já se ocuparam muitos dos nossos historiadores e entre estes os Drs. Ulisses Brandão e Melo Morais.

Limitar-nos-emos a dizer quem era Ratcliff e como se viu envolvido nas lutas pela nossa independência.

Português de nascimento, pois era natural do Fôrto e filho de polaco, viera para o Brasil em 1807, dizem, que banido por vingança da rainha Carlota Joaquina. Abandonando a revolução, foi encarregado pelo chefe de se entender com o governo de Alagoas e para lá partiu no "Brigue Constituição ou Morte", do qual era contra-mestre sendo comandante João Metrowich, que nascera na Ilha de Malta. O brigue de ordens dos revolucionários dispunha de 145 homens e 13 canhões.

Também a escuna Maria da Glória, sob o comando do pernambucano Joaquim da Silva Loureiro, abrigava a revolução.

Para restabelecer a ordem e pôr fim aos levantados, foram enviadas por D. Pedro I tropas imperiais sob o chefe do coronel Francisco de Lima e Silva (pai do Duque de Caxias) e uma esquadra sob a direção do almirante Cochrane.

A esquadra da "Confederação da Equador" foi derrotada na Bahia das Feitoras, Província de Alagoas, em 13 de junho de 1824, e os seus chefes, João Metrowich e Loureiro,

Transportados para a Bahia, ali chegaram aos 4 de setembro do mesmo ano, sendo processados sumariamente e embarcados em seguida para o Rio de Janeiro. Aqui foram julgados pela Relação que, achando os seus incursores nos crimes de rebelião e traição, assim se pronunciou: "condenam os seus João Guilherme Ratcliff, João Metrowich e Joaquim da Silva Loureiro a que, com barço e pregão pelas ruas públicas, sejam levados ao lugar da fôrça, onde morram de morte natural para sempre".

Ratcliff era intelectual. Com mão firme escrevera na cadeia do Aljube: "Morto inocente e pela causa do Brasil e da Humanidade, passa o meu sangue ser útil a ambos".

Quando entrou para o oratório escreveu na parede:

"Quod mihi mors nocuit?
Vixit post tota virescit
Nec socii glavis perit
Illa tyranni"

O que me faz morrer? A virtude reverdece depois da morte, não a morte a sentença do tirano.

Escreveu mais:



Este é o verdadeiro retrato de João Guilherme Ratcliff.

A sua morte não me causa dor. A virtude reverdece após a morte. Não receio os golpes do tirano. Que me faz morrer? A virtude reverdece depois da morte, não a morte a sentença do tirano.

A fôrça para execução dos réus foi levantada no largo da Praizinha.

As 9 horas do dia 17 de março de 1825 começaram a ruir os tambores e os toques de clarins: ia ter início a tragédia.

O carcereiro abriu as portas do oratório e nele entraram o juiz, escrivão, melrinhas, o pregoeiro, dois frades e carrascos.

O escrivão leu aos réus a sentença fatal. Formou-se, então, o préstito em direção à igreja de Santa Rita, onde seria celebrada a missa por alma dos padecentes.

A frente ia a Irmandade da Misericórdia, de cruz alçada, levando tochas e a bandeira da Santa Casa. Seguiram o juiz da execução, o escrivão, confessor e o carrasco, acompanhados da tropa e povo. Adiante do préstito ia o pregoeiro que, de dist. até em distância, apregoava, em alta voz:

"Justiça que manda fazer e multar e defender peço ao Brasil, aos réus João Guilherme Ratcliff, João Metrowich e Joaquim da Silva Loureiro pelas ruas da rebelião e alta traição, cometidas como agentes do tyfame e partido Manuel de Carvalho Pais de Andrade, fazendo assassinatos contra a embaixada e a unidade do Império e atentando contra a vida e integridade do mesmo Império: que, com barço e pregão sejam levados pelas ruas públicas ao lugar da fôrça, onde morrerão de morte natural para sempre."

Terminara o ceremonial. Ratcliff, apertando as mãos dos seus dois companheiros de internamento, despediu-se dizendo: "Sinto que sejam arrastados ao suplício por minha causa, porque se eu sou o alvo da morte, o calmo, com a sua bela cabeça erguida, subiu com pouco mais a escada da fôrça e ao atingir o último degrau lançou o olhar sobre a multidão e em voz alta e resoluta exclamou:

"Brasileiros! Morte pela causa da razão, da justiça e da liberdade. Praza ao seu que o meu sangue seja o último que se derrame no Brasil e no mundo por motivo político."

Rememorar os fatos e evocar os martírios da 1ª república paladinos da Independência do Brasil" como bem disse o Dr. Alexandre Barbosa Lima em uma memorável conferên-

cia no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro sobre a revolução pernambucana de 1817 e a de João Caballero patriota que não teve ao seu lado o "fôrça" e a memória dos que deram uma vida ao Brasil em sua pátria por uma causa que não era a de uma república de 1824.

VIDA LITERÁRIA

O TRABALHO DAS ABELHAS

Na sua última crônica dominical do "Diário de Notícias", referindo-se ao verdadeiro heroísmo que representa a publicação duma revista literária na província, minha grande patricinha Rachel de Queiroz teve ocasião de render o mais comovido louvor a esses admiráveis rapazes cearenses, diretores e redatores da belíssima revista "Clá", onde "tudo, verso e ficção e crítica é feito para traduzir emoções e idéias, para falar à alma e à inteligência dos homens". A um também sempre me comoveu profundamente o trabalho, tanto desses heróis do periodismo literário, como dos escritores que se conservam nas suas cidadezinhas natais, não somente do norte, mas também do sul, onde, afora os que são lançados por uma editora de prestígio, como a Livraria do Globo, a Guara ou alguma outra das de São Paulo, estão destinados a uma campanha sistemática de silêncio e de anonimato, por parte do egoísmo da metrópole, onde a atenção da maioria dos críticos não consegue sair do círculo de ferro da respectiva igreja. É o trabalho das abelhas, indiferentes ao seu destino, empenhadas simplesmente em que o mel brilhe nos favos, como um pequenino sol engastado. Ainda há dois anos, quando da minha última viagem a minha terra, pude observar de perto a prodigiosa dedicação dum grupo de intelectuais de boa estirpe que ali integram atualmente o venerável Instituto do Ceará. Antigamente, falava-se em casas dessa ordem e logo se tinha a idéia de sarcófagos onde se moviam múmias fedendo a mofa e a naftalina, de rabona,

rapé nas ventas e lenço de alcobaça, enterrados até a ponta dos cabelos em montões de ilustres inocuos alfarrábios. Mas, os sócios atuais do Instituto cearense, pelo menos, são homens muito do seu tempo, professores de direito, magistrados em plena atividade, poetas dos maiores da terra, como Cruz Filho, até mesmo homens de negócios que nem por isso deixam de ser menos homens de letras e de estudos. Todas as tardes, os que dispõem duma hora de cavaco, ali se reúnem, para a leitura dum trabalho em elaboração por um dos sócios, discussão da matéria, crítica dos seus pontos de vista. O Instituto adquiriu, recentemente, uma tipografia própria, mercê da subvenção de duzentos mil cruzeros que lhe fizeu o então interventor, Beni Carvalho, e iniciou um ciclo do mais amplo descortino, em favor das letras cearenses. E' nesse prelo que se imprime a revista "Clá", um primor de arte gráfica e é de lá que têm saído todas as edições de livros da cooperativa do mesmo nome. Acima de tudo, porém, o que merece os mais altos louvores é o plano realmente gigantesco que o Instituto se propôs e vem executando, a publicação duma História geral do Ceará, em vinte e seis monografias, dedicadas à sua evolução física, social e econômica; à história pré-colonial e sob os três regimes, colonial, imperial e republicano, as biografias de cearenses ilustres, administração, religião e cultura, além das seções correlatas de folclore, jornalismo, educação, banditismo e fanatismo, finanças e filologia. Tão grandioso plano poderia parecer ambicioso em de-

masia, mas os fatos permitem considerar-se o projeto com otimismo, bastando que se saiba terem sido já publicadas, em pouco mais de um ano, três das monografias programadas: "Protohistória Cearense", por Thomas Pompeu Sobrinho, — uma das culturas mais sólidas da minha terra, continuador da capacidade de saber do velho Thomas Pompeu, — revelando fatos da maior transcendência para a história, não somente da minha terra como do Brasil, tudo com um discernimento e uma solidez de conhecimentos notáveis; "História econômica do Ceará", de Raymundo Girão, jovem erudito desses assuntos, a quem já devíamos, além duma excelente monografia sobre Fortaleza, o volume "Ceará", o melhor espelho do meu Estado, em todos os aspectos; esse livro dagora vale como a consagração dum especialista de clara exposição e de amplo e profundo conhecimento da matéria e visão do assunto. A terceira monografia, de que sai o primeiro de três volumes, é a "História da literatura Cearense", de Dólor Barreira, trabalho com que o autor repassa tudo o que se fez e se produziu literariamente no Ceará, desde os primórdios, numa revisão total, em que se revela o dispêndio de anos de paciente e aguda investigação, de par com um seguro equilíbrio de crítica e de historiador. O velho e venerável Instituto se põe assim em boa forma, ao lado dos argutos rapazes de "Clá", neste admirável surto de renovação das letras cearenses. — H. L.

UM ESCRITOR EM EVIDÊNCIA



Dentre os escritores de vanguarda que o leitor brasileiro vai conhecendo em língua de casa, ganha renome entre nós o discutido romancista Arthur Koestler, de quem o I.P.E. acaba de lançar "O Iogue e o comissário". Escritor eminentemente polemista, assim se definiu recentemente o autor de "O Zero e o infinito" (também publicado em tradução portuguesa), numa entrevista concedida a "Life": "Eu não sou comunista, nem anti-comunista, mas um anti-anti-comunista". Acima, Arthur Koestler no seu gabinete de trabalho, em sua fazenda de criação do País de Gales

GALERIA ESTRANGEIRA



Lord David Cecil, aristocrata inglês de altos méritos literários, biógrafo e crítico de renome.

LORD DAVID CECIL

Com a recente publicação, em Londres, de "Two quiet lives", em edição de Constable, Lord David Cecil, o renomado crítico e ensaísta inglês, acaba de oferecer aos seus leitores de todo o mundo dois retratos de duas vidas tranquilas, de grande interesse para a literatura da Grã-Bretanha. Em "Two quiet lives", Lord Cecil estuda a figura de Thomas Gray (1716-1771), um dos grandes poetas ingleses do passado, contemporâneo e amigo de Horace Walpole, que enriqueceu a sua obra com as suas revelações precursoras já do romantismo. A outra vida quieta é a de Dorothy Osborne, grande personalidade do

século XVIII, famosa no mundo social e elegante do seu tempo, e sobretudo pelas suas cartas de amor a Lord Temple, primeiro ministro do Reino. Lord David Cecil é autor de várias obras de crítica e biografia de indiscutível mérito, tais como "Life of Coeper" (1929), "Sir Walter Scott" (1933), "Early Victorian Novelists" (1934), "Jane Austen" (1935), "Hardy the novelist" (1943), este último considerado como o melhor estudo crítico a respeito do autor de "Jude the obscure". Nasceu em 1902, foi educado em Oxford e é filho do 4º marquês de Salisbury. Pertence à direção do "Trustee of the National Portrait Gallery" e em sua obra revela interesse especial pelos autores dos séculos XVIII e XIX. Casou-se em 1932 com Rachel, filha única do conhecido crítico inglês contemporâneo Desmond MacCarthy. Lord Cecil é considerado hoje figura de projeção e valor comprovado nos círculos intelectuais da Inglaterra.

UM LIVRO DE CONTOS PARAIBANOS

A conhecida Editora Guara Limitada, do Paraná, que entre outros excelentes volumes de sua coleção Caderno Azul lançou "O candomblé da Bahia", de Donald Pierson, "Música do Brasil", de Mário de Andrade, "A psicanálise do café", de Roger Bastide, "Porta aberta", de Alvaro Moreyra, "Americanos", de Brito Broca, e outros livros da mesma categoria literária, vai editar "Coração solitário e outras histórias", livro de contos de Péricles Leal, jovem intelectual paraibano, que terá assim em boa companhia sua estréia em volume, desde que em letra de forma já é conhecido de nossos leitores, pela publicação dum desses contos, premiado no concurso da REVISTA DA SEMANA.

LIVROS SOBRE HISTÓRIA DO BRASIL

O SENAC e a Fundação Mauá instituíram um concurso destinado à seleção de obras didáticas sobre a História do Brasil, tendo como objetivo obter dois compêndios, um para o curso primário e outro para o 1º ano ginasial, comercial, industrial, profissional, agrícola, doméstico, etc. Os dois trabalhos deverão focalizar predominantemente os aspectos econômicos da história do nosso país, sem prejuízo, naturalmente, do fato histórico que lhes serve de fundo. Aos concorrentes classificados em primeiro lugar aquelas entidades oferecem o prêmio de Cr\$ 20.000,00 para o melhor compêndio para o ensino primário, e o de Cr\$ 30.000,00 para o destinado aos outros cursos citados. Até aí muito bem, mas o que é mal, como acentuava outro dia um dos nossos melhores comentaristas literários, é que o SENAC e a Fundação reservam para si os verdadeiros direitos autorais dos livros. Ora, sabe-se que se alguma literatura no Brasil dá dinheiro, é mesmo a didática. Assim, em vez de se destinar o prêmio e mais os devidos direitos aos autores premiados, a parte do leão acabará sendo dos pretensos estimuladores das nossas letras didáticas, e isso, positivamente, não fica bem a entidades da importância das duas anunciantes de tais

benemerências. No mínimo, como notava o cronista, só se atreverão a concorrer ao certame escritores estreantes ou fracassados, desde que autores de responsabilidade, com o seu nome feito, não se deixarão espoliar desse modo pelo falso estímulo.

LIVROS ESPANHÓIS

Segundo se lê no catálogo oficial da Feira do Livro espanhola, a produção anual da terra de Cervantes se elevou a 5.000 títulos em 1947, no valor de trinta milhões de pesetas, somente na exportação, o que representa uma soma realmente respeitável, capaz de inspirar pessimistas conclusões quando se pensa na miserável balança livreira do Brasil.

PREMIO OTHON BEZERRA DE MELLO

A "Folha de Minas", de domingo último, ocupando-se da outorga do prêmio de Cr\$ 20.000,00 oferecido pelo industrial pernambucano Othon Bezerra de Mello ao melhor livro publicado em Minas, por escritor mineiro, no ano passado, e que foi concedido a Murilo Rubião pela sua excelente coletânea de contos "O ex-Mágico", acentua



Murilo Rubião, autor de "O ex-Mágico", livro de contos premiado com Cr\$ 20.000,00

que aquela expressiva laurea, aliás nada desprezível materialmente, vem despertando um grande alvoroço entre os intelectuais de Minas, que parece só terem acreditado deveras no prêmio depois de concedido o mesmo. Resta saber se o Mecenaz do Recife, este ano, renova aquele seu belo gesto de estímulo às letras provincianas.

O SERTÃO E O MAR

No seu bellissimo discurso de recepção ao almirante Jaceguai, na Academia de Letras, Afonso Arinos teve ocasião de fazer esta curiosa observação a respeito da atração que o mar exerce na alma do homem do "hinterland": "E' no mais longínquo habitador de nossos sertões, na mais remota cafuné de caipira ou de matuto, que mais veementemente encontramos a misteriosa nostalgia do mar, mais forte que a fascinação do monstro. Quantas vezes, a mim, que nasci a mil e duzentos quilômetros da costa e numa terra onde o ponto mais próximo da estrada de ferro fica a mais de trezentos quilômetros daqui; a mim mesmo, quantas vezes não se depa-ram patricios cujo anelo supremo era poderem, como os gregos, subir o Monte Sagrado para embeberem o

olhar no infinito azul do oceano! E é talvez no nosso vocabulário do sertão que mais se guardam os termos marítimos. "Navegar", no sentido de transitar frequentemente por um ponto; exemplo: — as tropas "navegam" por este caminho; "tolê", no sentido de pauzinho rolo, como aquele a que se prendem os remos; "arribada", no sentido de voltar atrás; "à-toa", "correr a coxia", "à riba", "de riba", "amarrar" e mil outros — são vocabúlos náuticos de uso diário no sertão. Muitas vezes, à saudação "Como vai?", a resposta é "Vou remando", para significar que se vai mansamente, mediocrementemente, sem vantagens, mas também sem obstáculos. Ora, esse canto da sereia, cujas lendas, substractum da poesia milenária do Luso, existem tão vivas entre os sertanejos, vem justificar a seu modo a observação científica de Lapparent. Este, tratando da morfologia terrestre, assegura que o desenvolvimento e a civilização de cada país são o resultado da proporção entre a extensão da linha da costa e a massa do mesmo país".

O historiador Jaime Cortezão, há pouco, em erudito artigo para "A Manhã", desenvolve igualmente este sugestivo tema de semântica, aplicando-o a Portugal.

LIVROS NOVOS

JOÃO LUSO

Quando os cafezais florescem

★

Romance de **STELLA LEONARDOS SILVA CABASSA**

★

Edit. Civilização Brasileira — Rio de Janeiro — 1948

A sra. Silva Cabassa, de seu nome de solteira Stella Leonardos Silva Lima, faz com o presente livro uma espécie de estreia. Consagrada na poesia lírica e na histórica por um dos mais belos êxitos dos últimos tempos; autora da peça *Palmares*, representada e "radiofonizada" com sensacional acolhimento do público; premiada, ainda como escritora teatral, pela Academia Brasileira de Letras, agora se revela na qualidade de romancista. E mais uma vez a sua inteligência e o seu sentimento, peregrinos ambos, triunfam.

Tanaia, a heroína de *Quando os cafezais florescem*, vive alternada ou conjuntamente em dois sonhos. Anda a escrever um romance que, ora se lhe afigura em pleno desenvolvimento, a caminho de alguma coisa semelhante à perfeição, ora parece querer escapar-lhe das mãos, como empresa difícil e que, por si mesma, não deseja ser ultimada; e, como a artista se regosija ou sofre, mas esperando sempre, também no coração da mulher um amor que tem as suas horas de júbilo e os seus dias de amargura, não deixa de confiar na vitória da sua perseverança e da sua sinceridade. Assim a figura da protagonista se retrata por dois aspectos e como que em dois romances. Nós a vemos à sua mesa de trabalho, em plena inspiração ou em momentos menos felizes; e a acompanhamos na sua história sentimental, cujos episódios decorrem, parte numa fazenda das margens do Paraíba, parte no Rio de Janeiro e principalmente em rodas de elegância e de arte. A vida bucólica está sugestivamente tratada, com as paisagens de campo e de floresta, a promessa das sementeiras e a fatura das safras, o falar, cantar e amar dos roceiros, e o ambiente da "casa grande", impregnado de encanto tradicional.

O apaixonado de Tanaia ou, antes, o rapaz de quem ela se enamorou, luta com a incerteza de a fazer feliz, porque o seu próprio destino lhe dá a impressão de incerto. Vai se formar em Medicina, mas, ao mesmo tempo que a ciência o domina, a beleza e a riqueza do torão agreste o chamam, para que as cultive e as goze, ao lado de uma esposa amada que assim será mais sua para mais tempo, em cada dia, lhe pertencer. Tanaia, essa, não admite outro futuro, outra sina — senão o amor de Alexandre. Tudo o mais, e inclusivamente a paixão que inspira a um tipo de artista requintado, meio genial meio mórbido, lhe é indiferente. Espetáculos e agitações da cidade não a atraem nem a atormentam; ficam ou passam longe dela, do seu ideal de todos os momentos. E tal certeza possui dos dias que hão de vir e com eles a felicidade, que, quando esta chega nos braços abertos de Alexandre, não lhe dá motivo de surpresa nem de alvoroço, mas sim uma doce, deliciosa confirmação.

A prosa da sra. Stella Cabassa, tirante uma ou outra das maneiras de dizer populares — infelizmente tão em voga entre os jovens escritores — traz a mesma essência cativante da sua poesia. E por isso o livro nos prende e regala de princípio a fim.

O negro no football brasileiro

★

Duzentas páginas de **MARIO FILHO**

★

Pongetti — Rio de Janeiro — 1947

Ninguém se lembraria de negar a idoneidade do sr. Mario Filho em matéria de football. Equivaleria isso a opinar, por exemplo, que o sr. Rodolfo Garcia nada sabe de História do Brasil; o sr. Oliveira Viana é leigo em sociologia; o sr. Levi Carneiro está no abc da jurisprudência; e o sr. A. Austregésio não entende palavina de psiquiatria. A autoridade do sr. Mario Filho, quanto à arte do pontapé na bola, está provada e triunfa em incontáveis crônicas de jornal, compostas com tal segurança de conceito e tal nitidez de pormenores, que, à terceira ou quarta linha, principia o leitor, positivamente, a assistir à peleja. E parece-nos que tal observação tem algum valor, vinda de quem, como o simples alinhador destas notícias, nunca viu, fora do cinema, os *players* da esfera de couro no exercício das suas funções. Tratando, quer de campeões, quer de "pernas de pau", começa o sr. Mario Filho por mostrar o mais profundo interesse pela coletividade; e, logo em seguida, qualquer pode notar o seu espírito de justiça no empenho de dar a cada um, individual ou comparativamente, o que vale e merece. Técnica e psicologicamente, conhece os lidadores do gramado como qualquer de nós a palma das próprias mãos. E tão alta e notória se tornou a competência deste jornalista dentro da sua especialidade, que até dois juizes de football chegariam a acôrdo para lh'a reconhecer.

O presente livro reúne os melhores trabalhos do sr. Mario Filho para o jornal *O Globo* que em boa hora, o chamou para seu cronista naquele hoje tão importante setor da imprensa. Esses escritos quotidianos seguem agora, mais ou menos, um método, uma linha de ligação e seguimento. Quando se afastam do rumo capital, é por irresistível incidência e nunca por muito tempo. O objeto inspirador lá fica, sem receio de ser esquecido, à espera de que o comentarista o retome e leve por diante, porque alguma vez irá até ao fim. Assim a história do negro no football brasileiro corresponde, na capa do livro, à figura de retórica que permite tomar a parte pelo todo. A bem dizer, o livro é a história de todo o football brasileiro. Vem desde o início, o primeiro dia desse desporto no Rio de Janeiro. Relata minuciosamente a época em que só o amadorismo alimentava as lides e as associações e que nos faz dizer conosco mesmos: "Bons tempos", cada vez que ouvimos falar em disputas de dinheiro, espancamentos de juizes, emulações rancorosas e "marmeladas". Sucodem-se os tempos até à revolta do preto, que não admite injustiças, querendo ser tratado, no campo e fora dele, como branco. E chega-se ao capítulo final: *Ascensão social do negro*, em que as raças se nivelam não apenas na amizade ou na rivalidade reciprocas mas também na situação e no prestígio perante toda a gente. E, por estas trezentas páginas além, o estilo do sr. Mario Filho se mantém corrente e claro, nem sempre fiel, é certo, aos preceitos da velha gramática, mas deveras pitoresco, apropriado ao assunto e dando, no primeiro momento pelo menos, a impressão de insubstituível. E' como se ouvíssemos tudo isto contado, com inteligência e saber superiores, por um verdadeiro *footballer*.

Quarto de Vigia

★

Comentários de Guerra e de política Universal, por **LUÍS VIEIRA DE CASTRO**

★

Lisboa — 1948

Compõem o presente volume cerca de sessenta artigos selecionados na produção de um jornalista durante mais de um lustro: de maio de 1942 a janeiro deste ano. Há um breve preâmbulo que principia: "A semelhança do que fez a propósito dos antecedentes e do curso da última guerra, julgou o autor que podia ser útil reunir em volume parte dos artigos que escreveu sobre as consequências da mesma guerra, pois muitos d'êles contribuem, ainda que modestamente, para determinar a natureza do conflito e a sua evolução". E conclue: "Tudo o que nos resta esperar é que os ensinamentos da crise internacional, qualquer que seja o aspecto por que se encarem, tenham, para os nossos leitores pelo menos, a vantagem de os prevenir contra surpresas não só indesejáveis mas sempre desconcertantes". Assim estas páginas, rigorosamente escolhidas entre muitas outras, seguem unicamente determinado programa de observação e de apreciação.

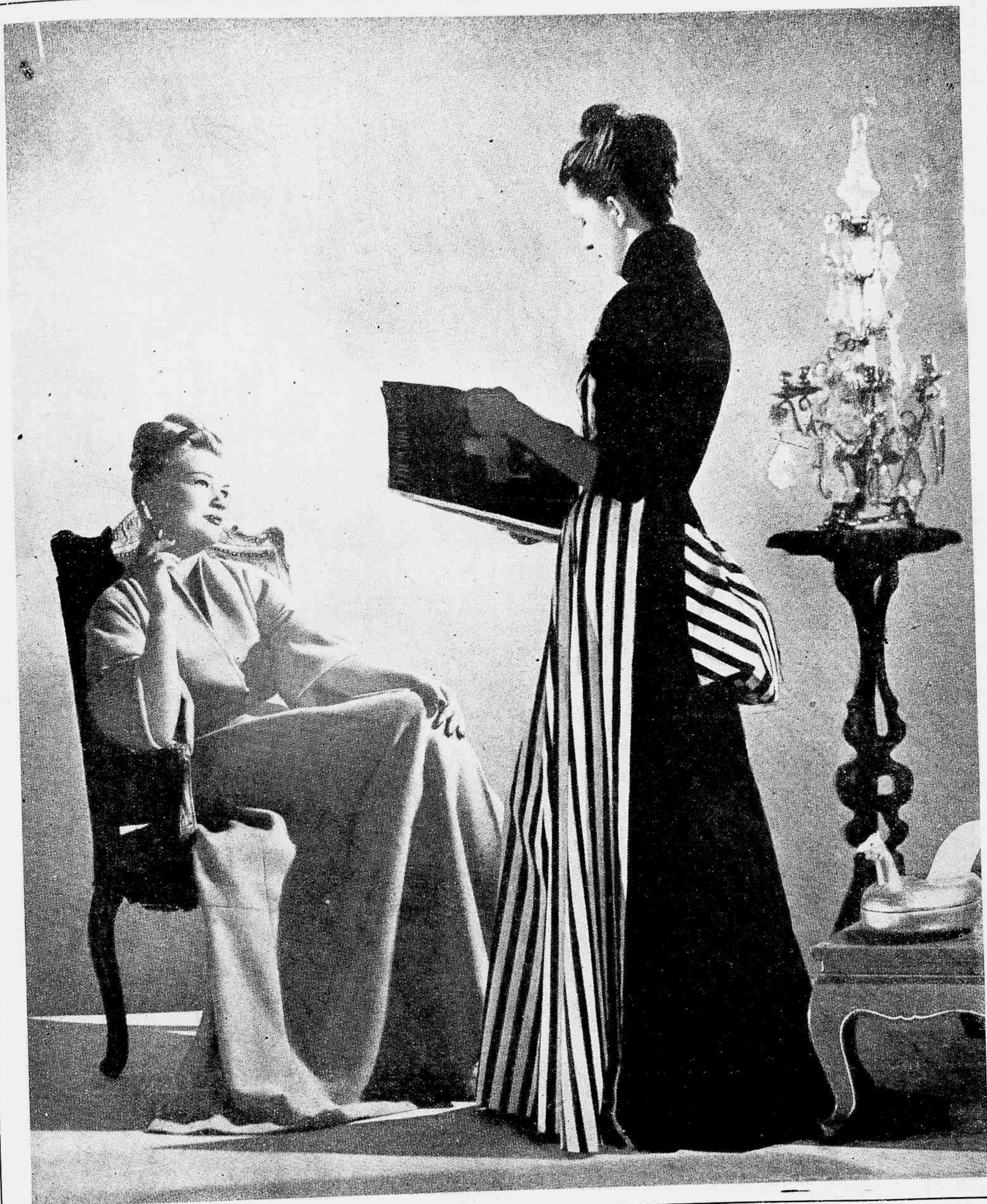
O sr. Luís Vieira de Castro acompanhou dia a dia, e sempre com extrema atenção, à maneira dos Joseph Reinach da primeira Guerra Mundial e os Pertinax da segunda, as operações dos campos de batalha, os trabalhos de chancelaria e de parlamento, as teorias e opiniões propagadas pelo livro e pela imprensa. Por isso o vemos pronunciar-se acerca de um discurso de Churchill, de um livro do Príncipe de Bülow, das *Memórias* de D. Francisco de Almeida, de tratados de aliança e amizade, congressos e conferências, remodelações de gabinete, golpes ou ameaças de mudança de regime e, frequentemente, da ação social e política do dr. Oliveira Salazar. E' o assunto de cada dia, que lhe reclama ser tratado com urgência para não perder, no interesse dos leitores, o requisito da oportunidade e poder ainda esclarecê-los, orientá-los proveitosamente. Para isso, evidentemente se precisa de ampla e variada cultura, prontas, ágeis e seguras faculdades de apreensão e descortino, energia corajosa de dar opinião e a sustentar com tanta firmeza quanta sinceridade. Cumpre ainda que o comentador não esqueça a circunstância de estar fazendo obra para jornal, quer dizer: para toda a gente. À boa e nobre intenção dos conceitos deve corresponder a clareza da forma — um estilo que não deixe dúvidas nem precise de ser meditado, aprofundado para revelar tudo o que tem dentro. Ora, esses requisitos se encontram em apreciável equilíbrio, em harmonia que diremos impecável nas duzentas e sessenta páginas deste livro. O sr. Luís Vieira de Castro mantém nos seus escritos grande serenidade e uma discrição perfeita. Não cede à tentação do paradoxo; foge a qualquer tendência ou prevenção partidária. Dispõe de preciosos recursos de expressão; emprega-os engenhosamente e, melhor do que isso, não abusa d'êles.

RECEBEMOS:

Um ano de administração na Noroeste do Brasil, opúsculo em homenagem ao coronel Lima Figueiredo e contendo o discurso de saudação, de João Maringoni, e a resposta daquele oficial. Bauru, 1948.

Filosofias e Religiões do Oriente, opúsculo editado por Victor José Argollo Ferrão, Rio de Janeiro, 1948.

Rumo Bibliográfico, ns. 1, 2 e 3, publicação da Casa do Estudante do Brasil, Rio de Janeiro, 1948.



Para as deliciosas e confortáveis horas íntimas apresentamos aqui dois modelos. À esquerda — "Robe" em lã bege, mangas largas, até os cotovelos, decote em "V", gola alta. À direita — Maravilhoso este "robe" em veludo negro com incrustações de cetim listrado preto e branco.

A nossa decepção foi grande. Como sempre, sentada no banco de um ônibus, resolvemos aproveitar o tempo observando os nossos vizinhos. Aqui, bem ao nosso lado, duas mocinhas elegantes, bem penteadas, bem vestidas, bem "maquilhadas" e bem perfumadas, conversavam com certa animação. A princípio o assunto se restringia a questões de família. Em seguida, uma delas se referiu a um tema um tanto "chato" (a expressão é original), que lhe havia sido dado para desenvolver no colégio. Foi quando de repente a outra, a mais bem trajada, perfumada, "maquilhada", etc., disse meio indignada: "Você viu só o que fizeram com aquela brasileira que durante a guerra falava no rádio alemão contra o Brasil? Imagine que lhe deram trinta anos de prisão! Não é um desafio? Uma loura "bacana" daquelas? Não é o cúmulo? Meter a moça na cadeia onde só sairá depois de velha? E olhe que é uma loura "tranchan"! E por aí se seguiram os elogios aos dotes físicos da traidora, obedecendo sempre, claro, a mesma linguagem. Já estávamos bastante escandalizadas e já nos considerávamos de posse de um excelente material para uma crônica, quando a nossa vizinha continuou: "Pois é, um grupo de cem deputados já está se movimentando em prol de um indulto, e, francamente, creio que não seria "avacalhar" a justiça se lhe dessem apenas uns quatro anos de prisão...". Deixamos de discutir o lado político da questão; si uma traidora "bacana" ou não deva permanecer trinta anos na cadeia, é coisa que não nos interessa focalizar a levandade e a linguagem vulgar e grosseira de duas jovens que pelo menos pelo aspecto exterior deveriam ser distintas. Si em moças bem nascidas, educadas em bons colégios e que sempre viveram num ambiente mais ou menos requintado, ouvimos tais expressões, o que poderemos esperar então de quem nunca teve a mesma sorte? Estas, muitas vezes, procuram fugir à vulgaridade e não se arriscam a proporcionar espetáculos tão deprimentes. Sabem que não estão protegidas por bons nomes e boas roupas evitam assim chamar a atenção. As outras, porém, a cuja categoria pertencem as nossas duas amiguinhas do ônibus, se consideram acobertadas pela importância que se dão a si próprias ou à sua família, achando que serão sempre distintas e respeitadas, falem como falarem, ajam como agirem. Nem de longe supõem que com a sua vulgaridade se estão equiparando às outras tão vulgares e menos bem nascidas e que, com tais expressões e atitudes apenas obterão as homenagens fingidas daqueles que se inclinam diante de todos os que possuem dinheiro e nunca a amizade desinteressada de pessoas de bem. — KITTY

NOS
BASTIDORES
FEMININOS



O COMPLEXO SUZANA FLAGG

A nova onda de romances, — gnos sucessores daqueles desacreditadíssimos "Alzira, a morta virgem", "Vingança, vingança, oh! vingança!", já está produzindo seus frutos. Através desta seção, temos ficado em contacto com uma série de criaturas do sexo feminino, dotadas de coração impressionável e de pouca instrução, que positivamente estão sendo vitimadas pela revivescência de uma velha neurose melodramática.

As mulheres que antigamente tinham delírios e faniquitos ao ler as infelicidades das heroínas de Ohnet e Ponson du Terrail, hoje poderiam prolongar sua satisfação masoquista ouvindo as novelas de rádio e lendo certos "best-sellers", em má hora publicados pelas nossas editoras. Vieram essas obras ao encontro de uma latente morbidez da alma feminina, e como resultado temos agora o que chamaremos de "complexo Suzana Flagg".

Esta crônica se dirige a inúmeras consulentes que nos têm escrito, e particularmente a uma delas, Natália Líbia, de Colônia, que por mais de uma vez nos tem aberto sua alma.

Notamos em todas essas missivas as desastrosas consequências de uma literatura perniciosa, profundamente malsã. As tendências más existem dentro de todos nós, tanto quanto as boas. Cabe-nos estimular as boas, para tornar possível o convívio social, e reprimir ou sublimar as más, que prejudicariam aos outros e a nós mesmos.

Ora, essa literatura sensacionalista cria na leitora desprevenida o complexo Suzana Flagg, isto é, uma insatisfação, um sentimento de inferioridade produzido pela modéstia corriqueira de sua vida em relação à vida das personagens. Daí a avidez com que a lê, procurando compensar-se de suas limitações. Mas a coisa não fica aí, e logo depois a leitora passa a não se satisfazer com as heroínas, e a desejar colocar-se no lugar delas.

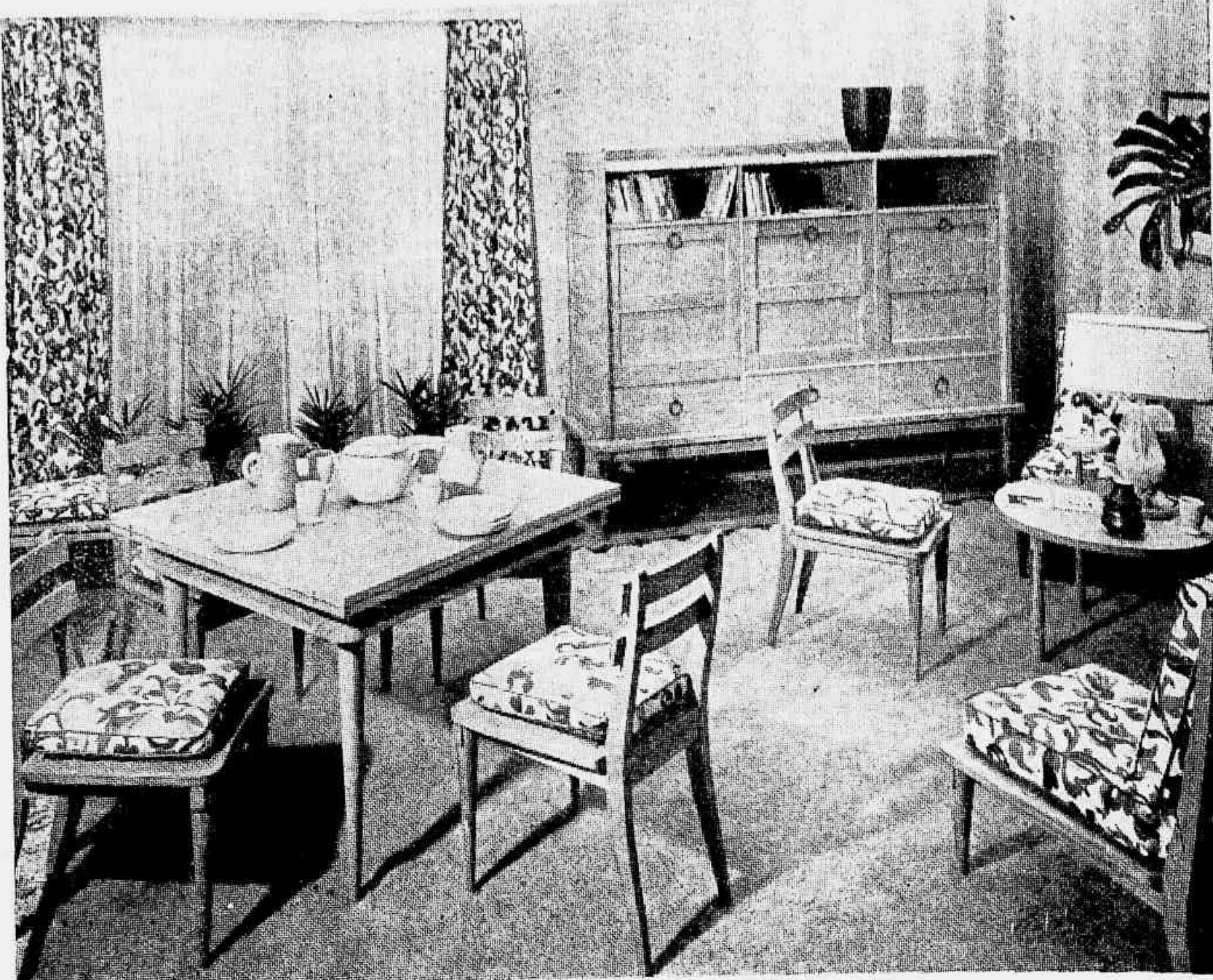
Temos, nesse momento, perfeitamente formada uma mente em descontrôle, dominada pela exaltação da imaginação doentia. Os fatos reais são absorvidos por essa aura de drama barato, e passam a tomar formas desconcertantes. Sentimentos honestos e fecundos, sob essa triste vara mágica, assumem significado vergonhoso e deprimente. Em resumo: a ex-leitora de Suzana Flagg se sente na obrigação íntima de ter um "drama", de praticar alguns crimes — mesmo que sejam apenas mentais — e de pecar, pecar desvairadamente, para poder soluçar diante de si mesma: "Qual! eu estava marcada pelo destino!".

Na sua ignorância, a ex-leitora de Suzana Flagg se julga engrandecida por essa atmosfera de tragédia suburbana, sem avaliar o ridículo a que chegou, nem os perigos que a cercam. E' tempo, por isso, de colocar os pontos nos "ii", esclarecendo Natália Líbia e muitas outras consulentes.

Minhas caras, esse gênero de literatura, ou melhor, de sub-literatura, parte de comerciantes, interessados apenas em obter lucros à custa da ignorância das leitoras. Os autores desses romances, entre eles Suzana Flagg, são escritores que se dedicam a esse gênero apenas para ganhar a vida. Eles mesmos são os primeiros a rir de suas obras e das leitoras ingênuas que conquistam. Comprando e lendo esses livros, vocês estão, apenas, fazendo papel de idiotas.

Olhem para a vida, Natália Líbia e todas vocês que nos têm consultado, revelando estarem perturbadas por um clima de mentira e de vulgar dramalhão. Olhem para a vida e procurem uma linha clara e reta para viver. Em literatura, em arte, procurem voltar-se para essa infinidade de obras, escritas por espíritos superiores, capazes de melhor dar a conhecer a natureza humana, capazes de acrescentar-lhe alguma coisa em beleza e em verdade. Não percam seu tempo com tolices tão perniciosas. A vida é uma grande oportunidade: não deixem que ela escape de suas mãos.

CONFIDENTE

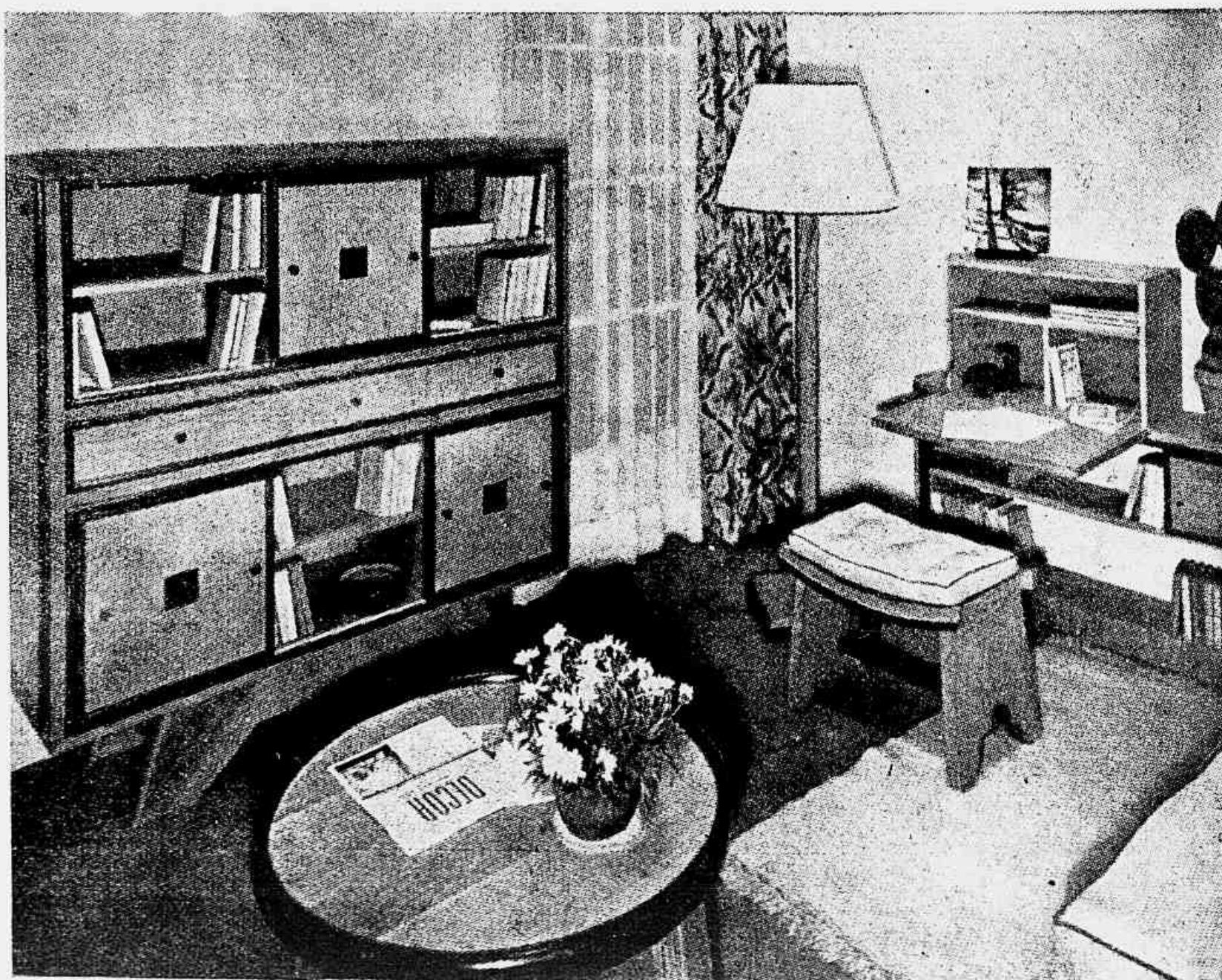


PARA casas de campo ou de praia, os móveis deverão ser simples e modernos. O rústico é sempre preferido, pois torna o ambiente mais alegre. Vejam, por exemplo, estas salas de jantar conjugadas com "living". Em ambas predominam as linhas retas, a cor clara dos móveis, e os tecidos vivos. Há também o lado prá-



tico, verificado nos armários que servem para estantes, "nichos" para enfeites e para guardar louças, roupas, etc.

Interiores

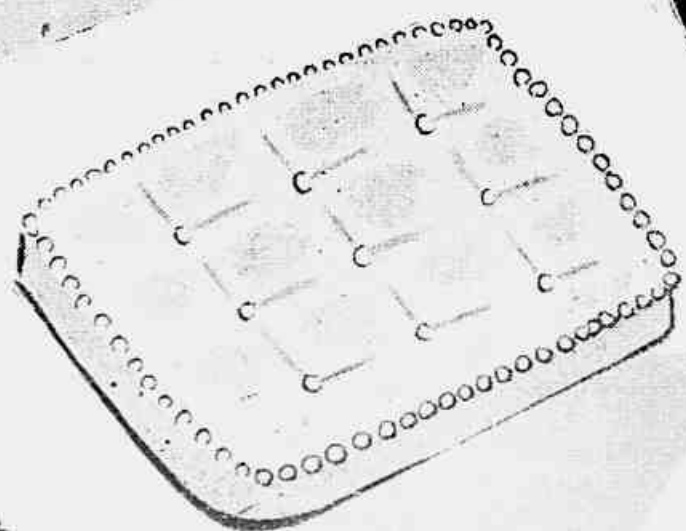
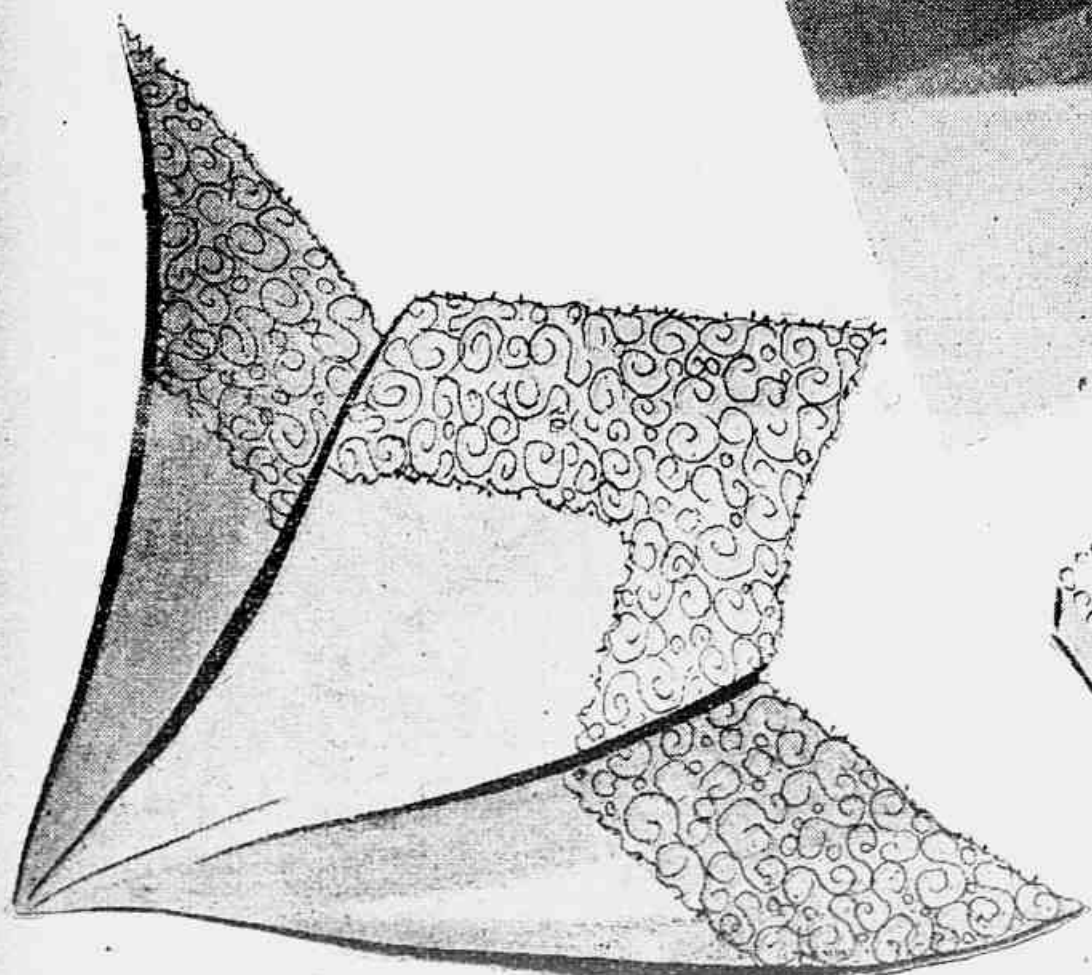


Crianças



Para os seus filhinhos, aqui apresentamos três encantadores modelos.
À esquerda: modelo em lã azul com círculos brancos bordados em branco.
Ao centro: trajezinho para menino, em lã. Gola e "plastron" com festão.
À direita: modelo em seda branca. Babados na gola, mangas e cintura.

noite



O S
Bo
es
indicado
ainda nã
anos de
azul clo
quadril
tico, é
branca;

O com
sos tax
lamé
— enf



Os quatro modelos que Adrian Booth, "estrelinha" da Republic, escolheu para usar à noite, são indicados especialmente para as que ainda não ultrapassaram os vinte e cinco anos de idade. O primeiro é em tafetá azul claro; franzidos cobrem o busto e quadris. O segundo, bastante romântico, é em organdi de sêda e renda branca; arrematando o decote, grande

laço de renda. O terceiro, gracioso e muito feminino, é em tafetá com listras em diversos tons; saia franzida com grupos de pregas horizontais; decote em "V"; o cinto, com ametistas, combina com a pulseira e o colar. De uma elegância infinita é este modelo em renda branca; busto drapeado; saia formada por dois babados ligados e muito franzidos. Faixa de tafetá com grande laço.

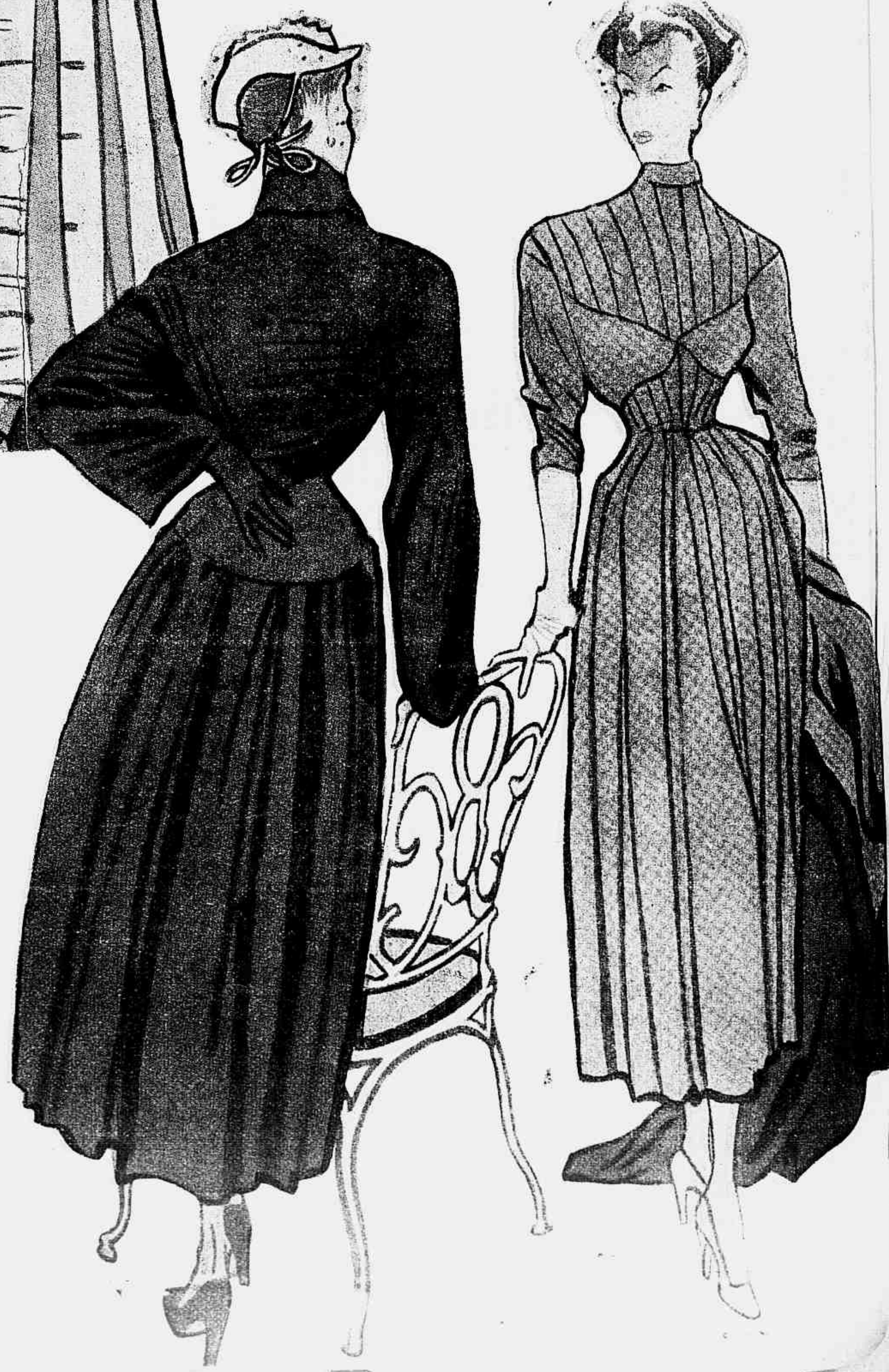


O complemento é sempre de muita importância. Um "toque" de pérolas de diversos tamanhos; uma "saída" bordada em pedrarias e pérolas; uma "trousse" em lamé com pedras; laços de veludo; fivelas em veludo e pedras; lenços de renda, — enfim, existem milhares de detalhes que aumentam a elegância de um modelo



PARIS

Nesta página temos estampado o que de mais moderno nos apresenta a moda francesa. À esquerda: modelo de Jeanne Lafaurie, em lã branca com listras verdes e cinzas. Acompanha amplo casaco. Em baixo: dois modelos de Bruyère — um amplo casaco em lã escocesa e vestido de crepe com barras plissadas na saia e na blusa. Finalmente, dois novos modelos, desta vez de Marcelle Chaumont, o primeiro em fina lã bege, e o segundo do mesmo tecido em amarelo ouro



A mulher elegante não esquece a sua lingerie. A camisola de noite, principalmente merece os seus maiores cuidados. Os modelos aqui apresentados são realmente bonitos e graciosos, vestindo todos com muita elegância. Em cima — Em cetim, muito justa, guarnecida de rendas. Em seda branca com bordados e recortes. Crepe da China com rendas verdadeiras. Em baixo — Muito original, em seda com incrustações de renda. Em seda estampada com listras de cetim.



DECISÃO PERIGOSA

Catarina II da Rússia fundou uma centena de escolas superiores e quase outro tanto de escolas elementares. Disso se orgulhava profundamente. Certa vez, quando o prefeito de Moscou a ouvia discorrer sobre seus colégios, fez-lhe esta queixa: — Majestade, a verdade é que as escolas estão aí. Mas o povo não se interessa pela instrução! — E por que havia de se interessar? — retrucou a imperatriz. — Não as construí para que fossem frequentadas e sim para que toda a Europa saiba que a Rússia tem uma imperatriz que se preocupa com a instrução de seu povo.

E depois de um silêncio: — De resto, se o povo se decidisse a se instruir, realmente, nem eu nem você estaríamos mais num pósto de comando...

AJUDANDO UM POUCO

Gemma Belincioni, famosa cantora italiana do fim do século passado, tinha uma amizade enorme pela criada de quarto. Esta, possuía todas as qualidades possíveis e mais a de ser uma mulher cheia de prudência. Todos os dias recomendava à cantora que não dormisse com a janela aberta.

— Um dia poderá entrar um ladrão! — De fato, certo dia a famosa Belincioni despertou no meio de uma grande falta de tudo. Principalmente jóias e objetos de arte. O ladrão tinha vindo mesmo.

— Bem a minha criada me dizia! — suspirava, ao narrar sua desventura à polícia.

Mas a polícia, que não tinha sentimentalismo nenhum pela maravilhosa criada de Gemma, resolveu inquiri-la. De fato, tinha sido esta a autora do furto.

— Eu cansei de falar com minha patroa para que não dormisse com as janelas abertas. Ela nunca me deu importância. Isso me deixava ofendida. Então, para mostrar-lhe que realmente era perigoso, eu mesma preguei-lhe esse susto...

E acrescentou: — Agora ela vê que não sou tão tola como pensava!

O AMIGO

Harriet Beecher Stowe, autora do famoso livro "A cabana do pai Tomaz", quando menina, estava lendo "O corsário", de Byron. Tendo dificuldade em entender certas expressões, pediu a ajuda de uma pessoa da família.

— Oh, Byron! — disseram-lhe — Há certas coisas que ele escreve e que só ele mesmo sabe o que significa!

De tal forma a figura desse misterioso escritor se fixou em sua memória que não se esqueceu mais dele. E quando ouviu dizer que havia morrido teve uma tremenda crise de choro.

ENCONTRO COM A VOCAÇÃO

Luiza Descarcins era uma moça de pouca beleza, enamorada de um rapaz humilde, criado por um padre. O amor de ambos estava para ser abençoado pela Igreja, quando no dia do casamento o cura abriu o testamento do pai do noivo, conforme estava estabelecido. Surpresa. O rapaz era irmão da noiva e o casamento não podia ser consumado.

Era uma tragédia tripla. Os dois irmãos que se encontravam e a mãe da noiva que descobria uma infidelidade de seu marido. Transtornado pelo desgosto, o rapaz sucumbiu pouco tempo depois. Luiza e a mãe foram então para uma outra região, a fim de se refazerem do choque. Certo dia, declamava para si mesma uma passagem de "Oedipo Rei" e era tal a dor que punha naquilo que dizia, e que sabia tão bem o que significava, que um senhor que a ouviu pediu para ouvi-la em sua própria casa. Esse senhor era Talma. Luiza foi persuadida por ele a abandonar aquela região obscura e ingressar no teatro. Assim começou a carreira de uma das maiores glórias do teatro francês.

SUA PRÓPRIA TRAGÉDIA

Luiza Descarcins teve, entretanto, uma vida breve e sempre trágica. Depois da sua primeira decepção amorosa, teve a fraqueza de se apaixonar por um rapaz frívolo, de quem se tornou amante. Não era uma moça leviana e esse amor representava para ela qualquer coisa de vital e permanente. Outro tanto não se passava com o eleito. Não tardou muito a apanhá-lo em flagrante com uma outra atriz. Desesperada, tentou matar-se com um punhal. Salva, nunca mais teve saúde e foi obrigada a refugiar-se com sua mãe, no interior.

Sua infelicidade ainda não estava no fim. Teve sua casa assaltada por bandidos que, depois de se embriagarem, decidiram fazer um julgamento simulado e condenarem as duas à morte. Luiza utilizou-se de tudo quanto havia aprendido em sua carreira teatral, e conseguiu comover os bandidos. Estes se foram, deixando as duas presas em casa. Dois dias depois um homem ao passar pela casa ouviu gemidos e socorreu-as.

Mas Luiza tinha se esgotado definitivamente. Enlouquecera. Morreu um ano depois, completamente esquecida e na miséria.

Tinha vinte e oito anos de idade.

(Seleção de L. B., especial para REVISTA DA SEMANA)

Intimidade



A MITOMANIA

TODOS nós conhecemos uma criança mentirosa, mas poucos sabem que o vício de mentir chama-se mitomania. Não vou aqui entrar em largos pormenores sobre a arte de mentir, mas procurar estabelecer diferenças entre as mentiras desculpáveis e as que não o são. Muitas vezes, e na sua maioria, a criança mente para fugir a um castigo certo, prevenindo que o relato da verdade lhe aumentará a culpa; e, neste caso, a falta de confiança ou o temor que o adulto inspira são tão responsáveis pela falta, como a falta mesma. A melhor atitude a seguir por quem queira educar uma criança sincera é a de acenar para um atenuamento do castigo, caso a falta seja confessada inteiramente. Não digo uma absolvição total do erro, porque muitas falhas devem e precisam ser reprimidas e uma indulgência mal dosada predisporá a criança a cometer novas faltas.

Tudo, como vemos, é uma questão de medida, e depois de eximirnos a mentira desculpável, passamos à mentira constante e, por assim dizer, de uma forma gratuita e inútil, que revela já uma alteração da personalidade. A criança que fantasia frequentemente a realidade, a qualquer propósito, ou sem ele, pode-se enquadrar em dois tipos: ou é um escritor nato, que está demonstrando o seu poder de imaginação, e bem cedo deve ser levado a dar uma forma artística ao seu temperamento, para que distinga perfeitamente entre a realidade e a fantasia, ou é um problema de caráter.

Já me referi várias vezes neste artigo à distinção entre a realidade e a fantasia, e a repetição é proposital, porque este realmente é o ponto básico da diferença. O traço fundamental que separa o homem normal do louco está na confusão ou separação dos dois planos mentais; o que realmente existe e o que pensamos existir ou queremos que exista. No fundo de todas as criaturas há um desejo fermentado de superar os demais, mas o louco não deseja apenas isto, acredita que supera ou que superará o próximo.

O hábito de mentir leva a criança a acreditar nas suas próprias mentiras e se o adulto lhe dá crédito, então será mais ainda intensificada a noção de realidade; a criança, quando é pequena, (isto é um fato comprovado por todos). Não distingue o que sonha daquilo que realmente acontece; é muito comum ouvirmos um menino de três a cinco anos dizer: "Ontem eu fui passear na praia", ou então: "Brinquei com Joãozinho"; e serem estes fatos produtos apenas de sonhos noturnos, tão intensos, que deram ao menino a impressão de coisas vividas. Tal como a criança, o selvagem, que está no mesmo plano de compreensão dos fenômenos, admite o sonho como fato real; daí o medo dos mortos que lhe aparecem quando dorme, medo este que a civilização ainda não banizou de todo.

Se uma criança se torna de repente mentirosa, fantasiando exageradamente os fatos, sempre é bom submetê-la à apreciação de um psicoterapeuta ou médico, porque, às vezes, no início de uma mitomania chega-se mais depressa a interpretar os desejos subconscientes da criança, antes que ela incorpore definitivamente em seu conteúdo mental o produto da sua imaginação. Não vou especificar aqui o que se deve fazer em tais casos, porque sempre é melhor fazer o que o caso exige, visto que nas perturbações mentais, como nas doenças do corpo, não há enfermidades propriamente ditas, mas doentes.

Não custa, no entanto, uma advertência geral: sempre é bom manter uma situação de cordialidade e confiança entre a criança e o seu educador, incitando sempre à revelação das faltas, e não encarando estas como coisas trágicas, irremediáveis e perdidas. A criança e o adolescente, dizem e asseguram os grandes psicólogos modernos, é um ser plasmável, para o bem ou para o mal, e na sua personalidade pode-se trabalhar como em cera amoldável, modelando a personalidade que a ética exige e a moral condena.

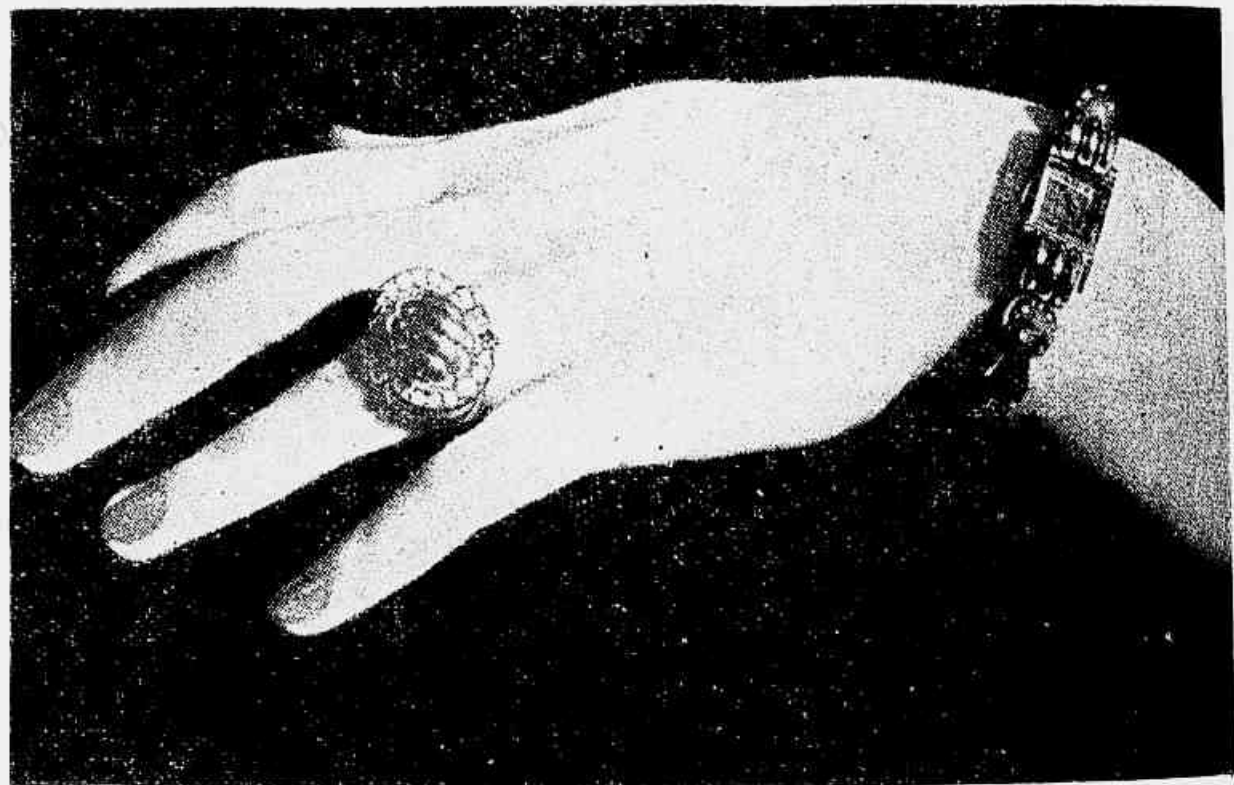
ZOIA DE LAET



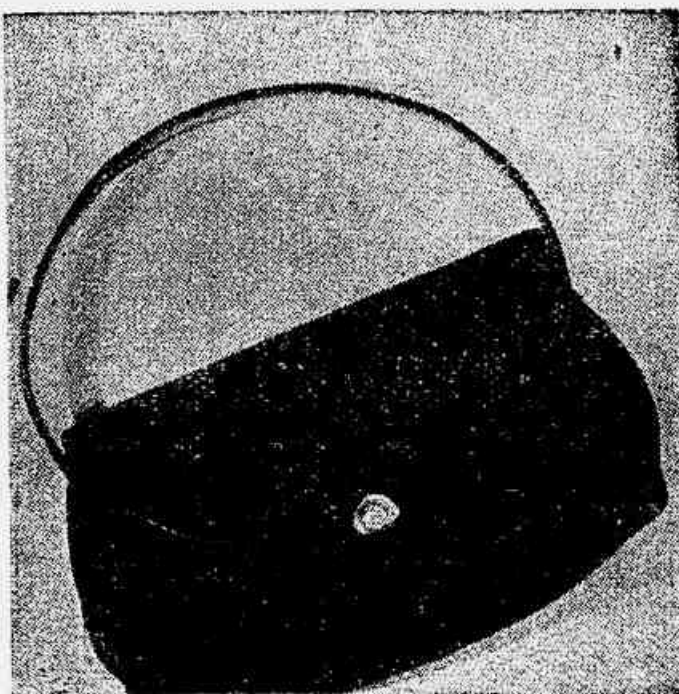
Elegante chapéu para tarde, de feltro negro, com vistosos enfeites de penas.



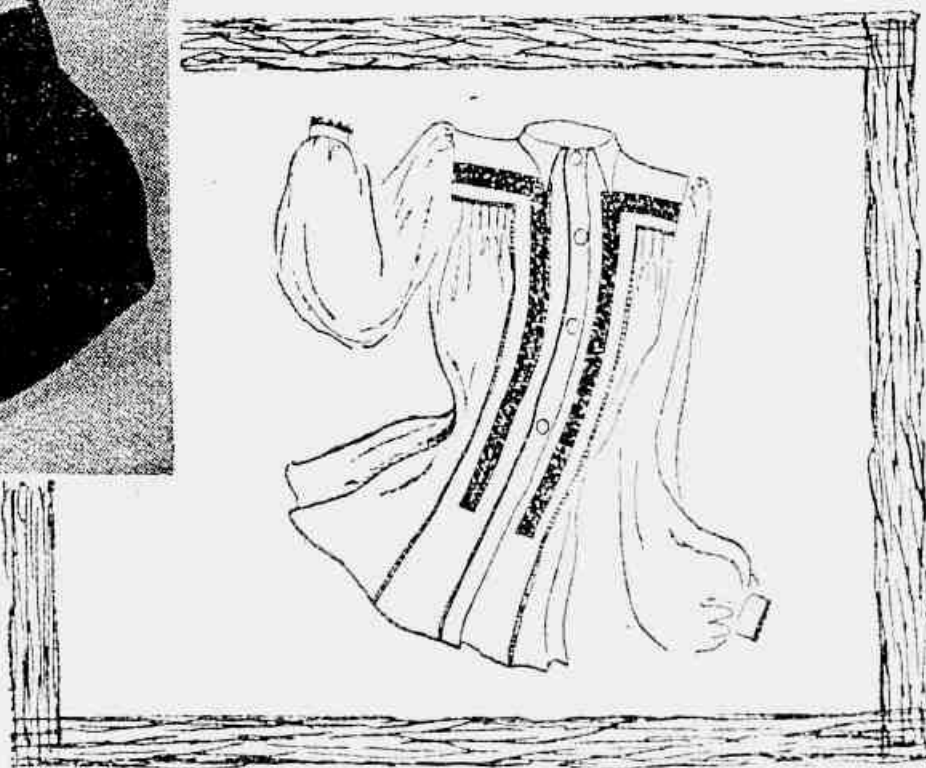
"Robe" de lã para as manhãs frias. A frente é feita com tecido quadriculado em cor contrastante.



Bolsa de camurça preta, retangular, original feita na alça em verniz.



Jóias modernas. O anel é redondo, com pedras em volta. O relógio obedece ao mesmo desenho.

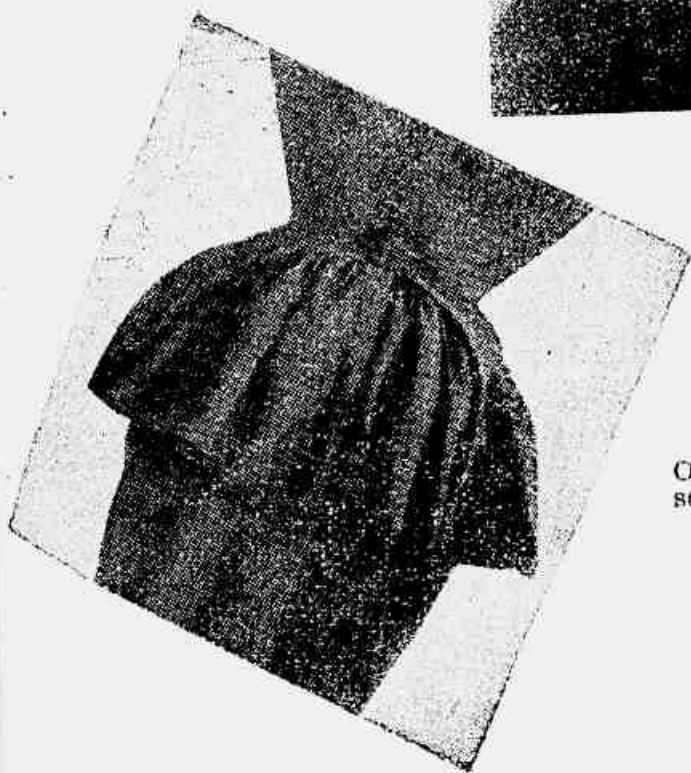


Blusa de seda com incrustações de renda.

DETALHES E



Chapéu de veludo com motivos bordados à ouro, é a última novidade de Paris, grandes plumas negras.



O seu modelo de passeio, poderá apresentar esta "bas-ne" franzida, muito armada.



Sapatos abertos, em camurça preta, são a última palavra na elegância feminina.



A moda do "pois" atingiu também as luvas... Longas ou curtas elas nos apresentam sempre detalhes mais refusados, como os que apresentamos.

Gola de renda sobre vestido preto, completa um look em sêcurão de seda também preta.



A saúde e a tranquilidade da família dependem em grande parte, da alimentação. A discórdia, as moléstias, a invalidez, a ruína se instalam em lugares onde existem pessoas que não sabem ou não podem se alimentar bem.

Os recursos empregados em comprar comestíveis baratos e pouco saudáveis se esgotam rapidamente. Pratos tóxicos, bebidas excitantes, "menus" mal combinados, uma cozinha complicada ou mal compreendida, ocasionam a angústia, a irritação nervosa, a intoxicação e o desequilíbrio do organismo. Seguem-se um fastidioso período de enfermidades, a incapacidade para o trabalho, as despesas com médicos e cirurgiões, intoxicação por drogas, sofrimentos desnecessários e até morte prematura.

É preciso, portanto, dar à alimentação a importância que ela realmente tem em nossa vida, baseando-a dentro dos mais rigorosos preceitos de higiene e tornando-a apropriada ao organismo e ao clima em que se vive.

ERVILHAS ENSOPADAS

Ingredientes — 500 grs. de ervilhas, 100 grs. de manteiga ou banha, 1 cebola, 1 tomate, sal e salsa.

Preparação — Cortam-se as extremidades das ervilhas e retiram-se-lhes os fios. A parte toma-se numa caçarola, põem-se manteiga, a cebola cortada em rodela delgadas, o tomate sem a pele e as sementes, a salsa picadinha e uma pitada de sal, levando-se tudo ao fogo para refogar. Em seguida, acrescentam-se as ervilhas, refogam-se um pouco, junta-se-lhes um pouquinho d'água, tampa-se a caçarola e deixa-se cozinhar até ficarem tenras.

LINGUA A MILANESA

Conteúdo — 1 língua, 250 grs. de banha, 250 grs. de farinha de rosca, 2 ovos, 1 molho de alface ou de agrião.

Preparação — Toma-se a língua já preparada e corta-se em fatias finas, que se passam primeiramente nos ovos batidos e depois em farinha de rosca, fritando-se na banha quente. No momento de servir, dispõem-se numa travessa guardançada com folhas de alface ou raminhos de agrião e serve-se com arroz ou purê de batatas.

COMPOTA DE MORANGOS

Ingredientes — Açúcar que baste; morangos.

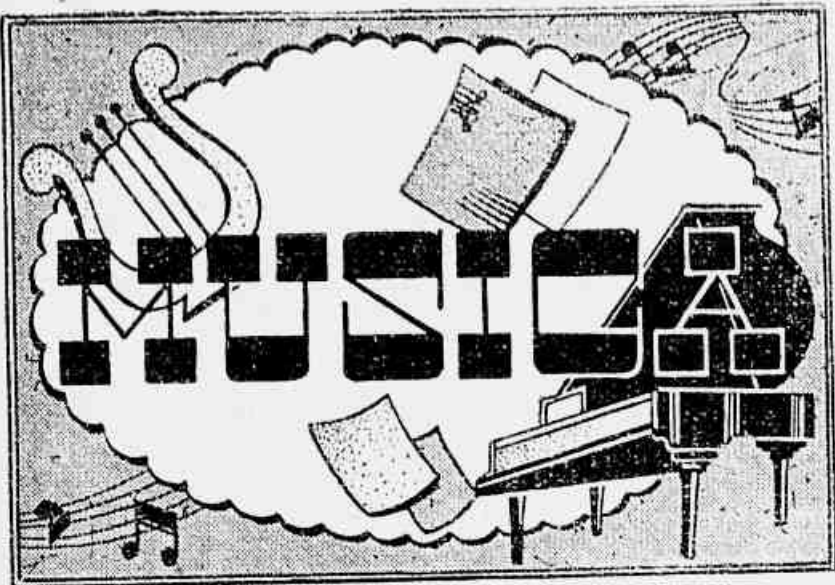
Preparação — Lavam-se os morangos, retiram-se os talos e furam-se espaçadamente com um palito. A parte, põe-se o açúcar numa caçarola, junta-se-lhe água quente em quantidade necessária para fazer uma calda rala e leva-se ao fogo. Quando ficar em ponto de fio, põem-se dentro os morangos, diminui-se o fogo e deixam-se cozinhar lentamente até ficarem bem passados na calda. Tiram-se então para uma compoteira e deixa-se a calda ficar no fogo durante mais algum tempo até reduzir-se à metade. Retira-se em seguida, deixa-se esfriar um pouco e despeja-se sobre os morangos.

SORVETE DE MANGA

Ingredientes — 2 quilos de açúcar, baunilha, 12 mangas e 2 litros d'água.

Preparação — Descascam-se as mangas, põem-se numa vasilha, esmagam-se com uma colher de pau, junta-se-lhes a água e deixam-se ferver de infusão durante duas horas. Findo esse tempo, passam-se por uma peneira, põe-se o caldo numa vasilha e acrescenta-se o açúcar. Mistura-se muito bem, despeja-se na sorveteira e leva-se à geladeira para congelar.

SE NOVIDADES



Pequenos cantores "à la Croix de Bois"

CORO, EDUCAÇÃO E SOCIEDADE — UM CONCERTO E VÁRIAS PALESTRAS — LEMBRANDO VILA LOBOS

De ROBERTO LYRA FILHO
(Especial para REVISTA DA SEMANA)

O coro é a forma, por excelência, da música integrada em sua função social. Quer represente a comunhão mística dos fiéis, nos cânticos religiosos, quer manifeste a comunhão cívica dos cidadãos, nos hinos patrióticos, constitui, sempre, um apelo à participação do indivíduo num ato coletivo, que estimula e excita sentimentos coletivos.

A adoção do coro, sua prática nas escolas tem alto valor educativo, pois contribui para desenvolver certas qualidades de cooperação fraternal. Nas vozes que se elevam não está simbolizado o desejo de comunicar a harmonia do coro ao espírito dos homens, exprimindo-se na música uma aspiração à fraternidade?

A efusão da música executada pelo conjunto coral une os cantores numa emoção comum provocada pela arte.

"A LA CROIX DE BOIS"

Já conhecíamos o coro dos pequenos "à la Croix de Bois", que, agora, participa da temporada de concertos. A figura afável do "Abbé", que dirige o conjunto, também não era desconhecida. Ainda recentemente, tínhamos notícias dele, por ocasião da publicação do livro sobre a instituição que mantém o coro, publicada na França e que, durante os recitais do grupo, vem sendo vendida ao público, que, assim, encontra uma oportunidade para auxiliar uma obra de alta benemerência.

Admiramos, sempre, a espontaneidade da arte dos meninos da "Croix de Bois". Eles se dedicam aos mais arduos estudos e revelam, em cada nota, emitida com segurança, o trabalho que a execução das peças escolhidas representa. Seus programas atestam a boa orientação musical dos seus preceptores e formam, em seu conjunto, uma revisão histórica da música francesa, restituindo à apreciação do público deleitado, pequenas obras primas esquecidas, como aquelas canções dos séculos XVI, XVII e XVIII, hoje em dia ouvidas tão raramente.

Mas, acima da preocupação técnica e do escrúpulo na escolha do repertório, há a espontaneidade a que nos referíamos, a força expressiva e a sinceridade da interpretação dos pequeninos artistas, a pureza de suas vozes infantis.

"ABBÉ MAILLET"

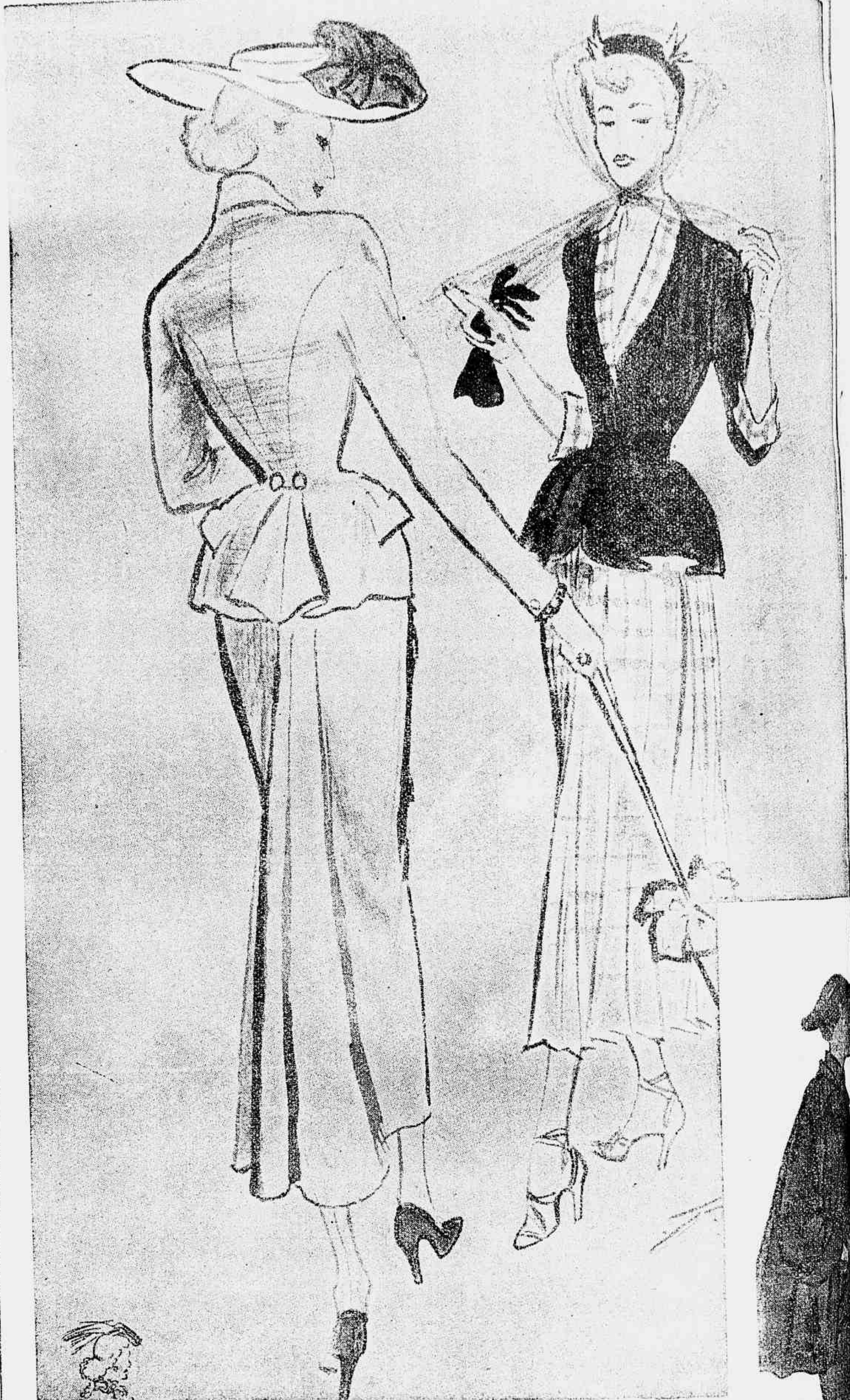
Mas é preciso a qualidade especial dos concertos do coro. Eles nos oferecem não somente as obras que constam do programa, como uma conferência especial do sacerdote que os rege, apresentando cada nova peça, esclarecendo sua origem, referindo-se, brevemente, à música, num comentário rápido, mas sempre erudito e interessante. Ora, considerando-se a cuidadosa composição dos programas, que desdobram panoramas da música francesa, poder-se-á avaliar quanto são preciosas as apreciações feitas pelo padre.

O bom humor, a malícia bem gaudiosa, tornam ainda mais atraentes as palestras e fazem com que o público atenda, prontamente, aos apelos que transmite. Assim, ainda no segundo recital, procurava uma família que quisesse alojar dois dos meninos do coro que ainda não tinham sido colocados em lares brasileiros, como seus companheiros, que, durante sua estada, não se verão, assim, retirados de ambiente doméstico.

CANTO CORAL NO BRASIL

O coro que nos visita não representa o total dos cantores "à la Croix de Bois". Há vários grupos e um dos objetivos o padre Maillot é, mesmo, a criação de um grupo brasileiro, que se una aos seus companheiros franceses. Este projeto, anunciado durante um dos concertos, encontrou acolhida favorável. Esperemos que as dificuldades da formação e manutenção não nos privem da satisfação de ter, também, um grupo de pequenos cantores "à la Croix de Bois" e que outros grupos leigos se unam a estes, para praticar a arte musical, para que todos cantem.

Assistindo aos concertos desse coro, não podemos deixar de recordar, aqui, a luta do nosso Vila Lobos, em prol do canto orfeônico, baseada nos mesmos ideais que aspiram ao espetáculo de uma sociedade sã, sem preconceitos de espécie alguma. "Imens sãna in corpore sano", cantando os hinos júbilosos e as melodias alegres indispensáveis à expansão de seus espíritos que se abrem para a vida. Cornélio, num gesto que ficou célebre, equiparou seus filhos às suas jóias. Mas foi Helena, mulher de Vitor Emanuel, quem comparou seus filhos às flores, dizendo que as crianças desabrocham em sociedades sãs e belas quando criadas no ar livre, no sol, livres dos constrangimentos e das hipocrisias. Assim seja.



Paris

A

QUI, alguns modelos de linha bem parisiense e muito agradáveis de usar.

O "ensemble" de Pierre Balmain é em dois tons e é usado com um vestido de corte reto, gola alta, bolsos drapeados acentuam o "movimento" da saia. De Marcelle Chaumont, um vestido com mangas "kimono", saia muito ampla e cinto de verniz preto com viés verde. Worth sugere uma pelerine com dois babados, num vestido marinho, com gola e barra da saia em tecido vermelho com "pois" brancos. O de Jacques Heim é em lã, mangas sem cava, talhe alto, abotoando na frente. Sobre a saia, incrustação em veludo verde. De Madeleine de Rauch, "duas-peças" em lã marinho, jaqueta com recortes e "godet" nas costas. A saia reta, na frente tem um pano incrustado atrás, formando "godet". Finalmente, Helen Hubert sugere um conjunto formado por saia em tecido de lã quadriculado cinza e azul forte, jaqueta marinho com reversos no tecido quadriculado. Os outros dois modelos a traço, que aqui apresentamos, são duas das mais recentes criações de Jacques Fath e Jean Dessès. O primeiro poderá ser executado em tafetá, saia ampla e longa, casaco longo, abotoado na frente, em tôda a extensão. O outro modelo poderá ser executado em lã creme, larga faixa sob o casaco terminando em franja, gola alta, duas pequenas carreiras de pequenos bolsos.



O SAMBA VAI BEM!

A LOÍSIO DE OLIVEIRA está de volta, depois de brilhar ao lado de Carmen Miranda, como um dos elementos do Bando da Lua. Ouvido pelos jornalistas, não se furtou a falar do samba. Afirmou ser este confundido com as demais músicas latino-americanas, em virtude da ausência de uma boa orquestra de ritmos brasileiros nos Estados Unidos. A rumba, principalmente, é a mais séria rival da música do morro. Qualquer composição de autor nosso sofre a estilização dos "outfits" de lá. Felizmente, isso não aconteceu em Londres. Na capital britânica, Carmen Miranda pôde mostrar o samba em sua verdadeira roupagem. O resultado foi que o número de gravações vendidas em Londres suplantou os discos adquiridos nos Estados Unidos. Daí Aloísio de Oliveira afirmar que na Europa o samba não tem competidor. Por sinal que, há anos, dois coroados gostaram bastante da música do morro, consentindo em seu acesso na corte. Foram o finado Afonso XIII e o atual Duque de Windsor. Este último, quando de sua estada em nossa terra, quebrou o protocolo para ouvir Silvio Caldas interpretar aquele famoso "Para o Príncipe de Gales ouvir".

O samba, segundo as palavras do ex-integrante do Bando da Lua, tornou-se a coqueluche da lousa Albion. As famosas orquestras londrinas executam-no com toda a perfeição, a ponto de utilizarem pandeiros e cabaças. Logo, não será de estranhar a completa conquista desse novo mercado, embora a distância nos prive de mandarmos bons intérpretes até lá. Porém, a nossa querida Carmen Miranda, com sua "bossa", conseguiu despertar o interesse do grande público inglês para a música do morro, a quem, por sinal, ela deve sua grande "chance". E, desse modo, o samba vai bem na velha Europa. — A. Migueis.

"MADRUGADA"

Samba de Evaldo Rui e Herivelto Martins
Gravado por Francisco Alves

I

Madrugada, resto de noite...
Clarim que anuncia
Um novo dia!
Madrugada, que encontra o poeta
A versejar...
Namorados que voltam das festas,
Fazendo serestas
À luz do arrebol!
Madrugada, dos guardas noturnos,
Boêmios soturnos,
Que sonham com o sol!...

II

Que a noite formou...
Madrugada,
Cabarés fechados,
Casais agitados,
Madrugada
Das rixas sangrentas,
Nas ruas barrentas
Onde a lei não chegou...
Madrugada do homem banal,
Que compra o jornal
E as notícias não lê...
Madrugada,
O poeta boêmio
Deseja por prêmio
Viver com você!...

★

"YUMBA"

Rumba de Charro Gil

Le negra su baile embieza
y en ritmo loco se agita
canta el viento que la beza
con tono febril y suave
murmura el mar que dormita
al son del bongo y la clave:

Yumba yumba
adonde estás
yumba yumba
se fué a bailar
yumba yumba
en el solar yahy la mi negra
bailando rumba
la hé de encontrar.

Yumba yumba
adonde estás
yumba yumba
se fué a bañar
yumba yumba
alla en el mar
y ahy a mi negra
entre las olas
la hé de encontrar.



MARCELLE CHAUMONT



WORTH



JACQUES HEIM



OS COCHILOS DOS LITERATOS

Um destes dias, em conversa com o ilustre romancista Graciliano Ramos, na Livraria José Olímpio, explicava-me o autor de "Angústia" as dificuldades que tivera para selecionar os contos — 103, ao todo — de uma antologia de autores brasileiros que, infelizmente, embora feita por encomenda da casa do Estudante, permanece até hoje sem ser editada. Criticando severamente os organizadores de trabalhos anteriores, que não se deram o trabalho de ler, de pesquisar, de analisar e comparar, observava Graciliano Ramos:

— Veja, por exemplo, o caso de Medeiros e Albuquerque. Convencionaram colocar nas antologias um conto dele, "As calças do Raposo", que não vale nada. Li vários livros, do velho Medeiros, à procura de um bom trabalho, e realmente encontrei um conto magnífico, "O ratinho Tictac", que seria um trabalho digno de atenção em qualquer literatura do mundo.

Foi no curso dessa conversa que Graciliano Ramos me falou de um cochilo de Domício da Gama:

— Encontrei dele um conto que seria ótimo, se não contivesse um grave deslize... Imagine! Um diplomata, um homem que foi embaixador e ministro das Relações Exteriores, confundiu os aztecas com os incas... Colocou a nação azteca no Peru... e eu fiquei impossibilitado de emendar. Você sabe: o homem está morto...

Lembrei-me, depois dessa conversa, de alguns outros cochilos. Um deles, também num conto, foi de Anatole France, em "O procurador da Judéia". O velho ironista, pai de Jacques Tournebrouche e de Jerome Coignard, demonstrou um pouco de ignorância de história, encerrando sua narrativa com a declaração de que, ao fundo da baía de Nápoles, o Vesúvio fumegava... Calaram-lhe os críticos, de rijo, afirmando que, então, absolutamente não fumegava o Vesúvio. Anatole não deu grande atenção aos seus críticos. Republicou o conto, com a nota de que o fazia por ter "saído com incorreções". E onde se falava do Vesúvio havia apenas a declaração de que, ao fundo da baía ele apenas "ria"...

Dos nossos historiadores, os que fazem história romaneada, é sabido que um deles casou o Duque de Caxias no civil, instituição que só nasceu com a República e contra a qual, de resto, muito reagiram os católicos... Outro, colocou o bravo duque à frente de uma tropa de cavalaria que cercou completamente a ilha das Cobras!

Em matéria de graves cochilos, Paulo Setubal, que era dono de um estilo cheio de vivacidade, de graça e de brilho, mas na verdade não fez mais do que trocar em miúdos o que encontrou mal mastigado em Alberto Rangel, Raffard, Melo Moraes, etc., se tornou réu de alguns bem graves. Em um dos seus livros, Paulo Setubal nos apresenta o conspirador João Guilherme Ratchiff às portas da execução. Os patriotas se movimentavam para exigir o indulto de Pedro I, obstinado em fazer cumprir a sentença. A essa altura, alguns brasileiros lembravam:

— Só há uma pessoa que pode salvar Ratchiff! É a marquesa de Santos!

— Vamos à casa da marquesa! Vamos à casa da marquesa! — gritavam outros.

Mas, na verdade, a marquesa de Santos, nessa época, ainda não existia, embora existisse dona Domitila de Castro Canto e Melo. Somente tempos depois desse episódio foi ela convertida em marquesa de Santos pela vontade imperial.

Uma escritora brasileira, que biografou a imperatriz Leopoldina, falou num navio de fogos acesos, pronto para partir, em plena época dos navios a vela. No seu livro "Rajadas de glórias", Gastão Penalba relacionou, sob o título "Cochilos náuticos", toda uma série de disputérios, alguns de escritores bastante ilustres. Nenhum, entretanto, comparável ao de um cinematografista estrangeiro que, vindo ao Brasil e lendo por alto a nossa história, resolveu logo escrever um filme épico, abrindo-o com uma cena em que a imperatriz Leopoldina fazia chibatear o ministro inglês no Rio, Lord Strangford. Atribuía-lhe nada mais nada menos que uma das ações da sogra, a famigerada dona Carlota Joaquina de Bourbon e Bragança...

Marcelo Torres



Este gorro de malha com "taxas" douradas, poderá completar a contento a sua "toilette" de inverno.

★

Em "moiré" preto, decote em "V", ombres redondos, saia franzida.



Modelo para jantar em jersey cinza. Colar de contas verdes.

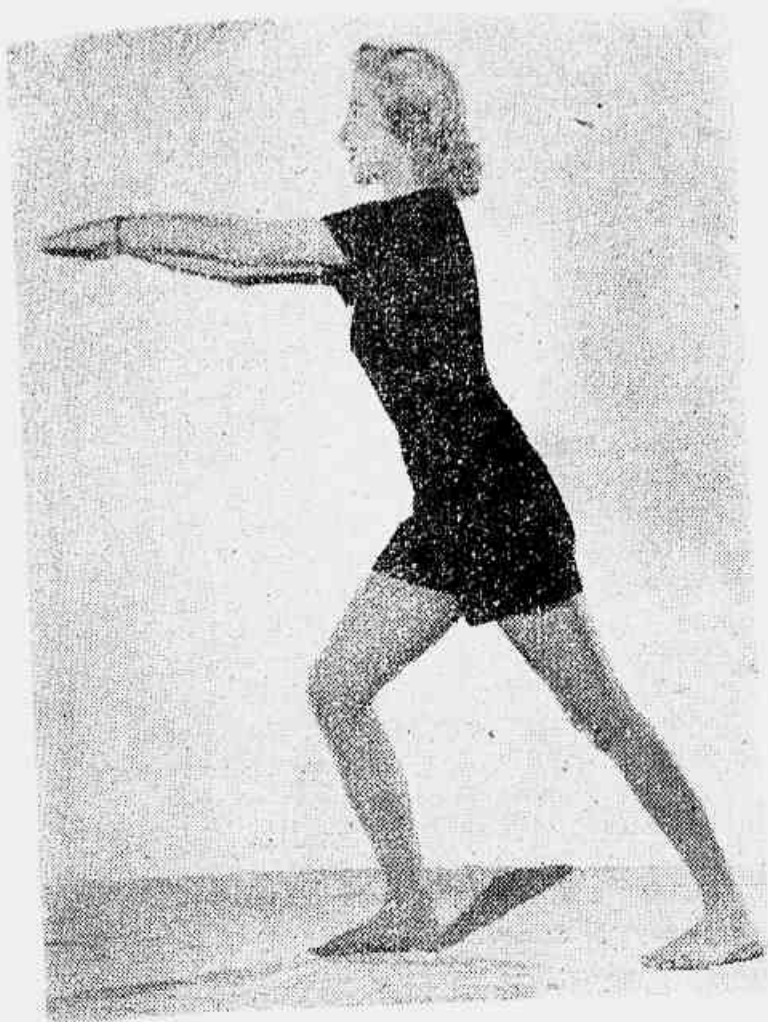
SUGESTÕES DE MYRNA LOY

Apresentando agora um elegante casaco de veludo guarnecido de pele de leopardo.



STANDA

LINHAS MODERNAS



EXERCÍCIO Nº 1

Mantenha-se de pé, pés ligeiramente afastados, braços caído naturalmente ao longo do corpo. Agora, estenda para a frente, simultaneamente, a perna direita e os braços. Volte à posição inicial e faça o mesmo exercício dez vezes, alternando as pernas.

O "new-look" exige cintura fina, busto ereto, quadris arredondados. Para conseguir isto, Jacqueline White, da RKO, faz diariamente uma série de exercícios apropriados e, como não é egoísta, passa a lição adiante. Deixemos de lado a preguiça e vamos à ginástica!

EXERCÍCIO Nº 3

De joelhos, braços ao longo do corpo. Agora, imagine que o seu corpo seja um pêndulo, e faça movimentos idênticos de trás para a frente e vice-versa. Não pense que este exercício é tão fácil quanto parece. É preciso fazê-lo com cuidado e atenção.



EXERCÍCIO Nº 2

Corpo ereto, braços caído ao longo do corpo. Dê um passo à frente com o pé direito. Incline o corpo para a frente e procure alcançar a planta do pé direito com a mão direita. Volte à posição inicial; repetir alternando.



EXERCÍCIO Nº 4

Agora tente fazer este. Novamente de joelhos, incline o corpo para trás; apoie-se nos tornozelos e procure encostar a cabeça nos calcânhares. No início é difícil, mas não desista, pois o resultado é excelente.



Com a tenra idade de seis anos, Sherril Williams já é uma experimentada viajante aérea. Durante estes poucos anos de vida já realizou seis vôos pela American World Airways entre o Rio de Janeiro e os Estados Unidos.

A Argentina aboliu recentemente uma restrição de guerra que proibia vôos noturnos de aviões civis. Tais vôos já podem ser efetuados novamente, sempre e quando os aviões estiverem equipados com aparelhos de rádio-comunicação.

Um novo sistema de alto-falantes, instalado na cabine de comando dos aviões comerciais, permitirá os pilotos deixarem de usar os audifonos para se comunicarem com as estações de terra. O sistema possivelmente começará a ser usado nos Estados Unidos a partir do corrente mês.

Delos W. Rentzel, presidente da Aeronautical Rádio Inc. e da Aeronautical Rádio do México, foi nomeado pelo presidente Truman para ocupar o cargo de Administrador da Aeronáutica Civil dos Estados Unidos.

Seis cavalos de corrida foram transportados recentemente por via aérea, pela Pan-American World Airways, de Buenos Aires para Caracas, na Venezuela.

Jorge Pasquel, o magnata do baseball mexicano, acaba de comprar, segundo informa o "American Aviation Daily", um novo avião Douglas "DC-6". Pasquel anteriormente já havia adquirido um bimotor tipo Convair. Ambas as aeronaves vão ser luxuosamente decoradas e mobiladas.

Após prolongadas investigações científicas ficou comprovado que os transportes aéreos de construção metálica não somente resistem às descargas elétricas, como também protegem ao máximo os passageiros e o equipamento em seu interior.

Devido ao grande aumento no rendimento dos últimos modelos de aviões comerciais, os círculos aeronáuticos estão estudando uma forma para permitir o funcionamento adequado dos sistemas de hidráulica, eletrônica, combustível e controle em alturas até 20.000 metros.

Uma hélice de madeira, relíquia dos "clippers" da Pan American World Airways que há vinte anos introduziram o serviço aéreo na América Latina, vai ser autografada pelos presidentes das 21 repúblicas deste hemisfério e depois colocada no lugar de honra do novo aeroporto internacional de Ilopango, na República de São Salvador.

A Braniff Airways vai efetuar uma viagem pre-inaugural especial sobre partes de sua rota latino-americana, que durará de 22 de maio a 4 de junho. Funcionários do Governo dos Estados Unidos, os governadores dos nove Estados dentro do território da Braniff, editores de jornais e revistas, banqueiros e homens de negócios serão convidados da referida empresa aérea nessa viagem, que tocará em Havana, Bogotá, Quito, Guayaquil e Lima.

O Conselho de Aeronáutica Civil dos Estados Unidos fixou as tarifas mínimas legais para o transporte de frete por ar em 16 cents por tonelada-milha para as primeiras 1.000 toneladas-milhas em qualquer carregamento simples e 13 cents por tonelada-milha para todo o excedente de 1.000 toneladas-milhas em qualquer carregamento simples.

O Comitê de Finanças do Senado americano aprovou uma lei isentando as empresas de navegação aérea estrangeiras e seus empregados alienígenas nos Estados Unidos dos impostos de renda e corporação. A lei, que já foi aprovada pela Câmara, terá reciprocidade em isenções que já beneficiam as empresas americanas que operam no campo internacional.

A United Air Lines introduziu uma nova forma de conhecimento aéreo internacional que permite que os carregamentos aéreos sejam enviados com um único documento de embarque de pontos dos Estados Unidos para qualquer aeroporto do mundo servido pelas 11 empresas de ligação com as quais a UAL tem acordos de tráfego mútuo.

Russel B. Adams, diretor do Bureau Econômico do Conselho de Aeronáutica Civil, foi nomeado pelo presidente Truman para preencher a vaga aberta no Conselho com a renúncia de Harilee Branch, a 1.º do corrente. O novo prazo expirará a 31 de dezembro de 1950.

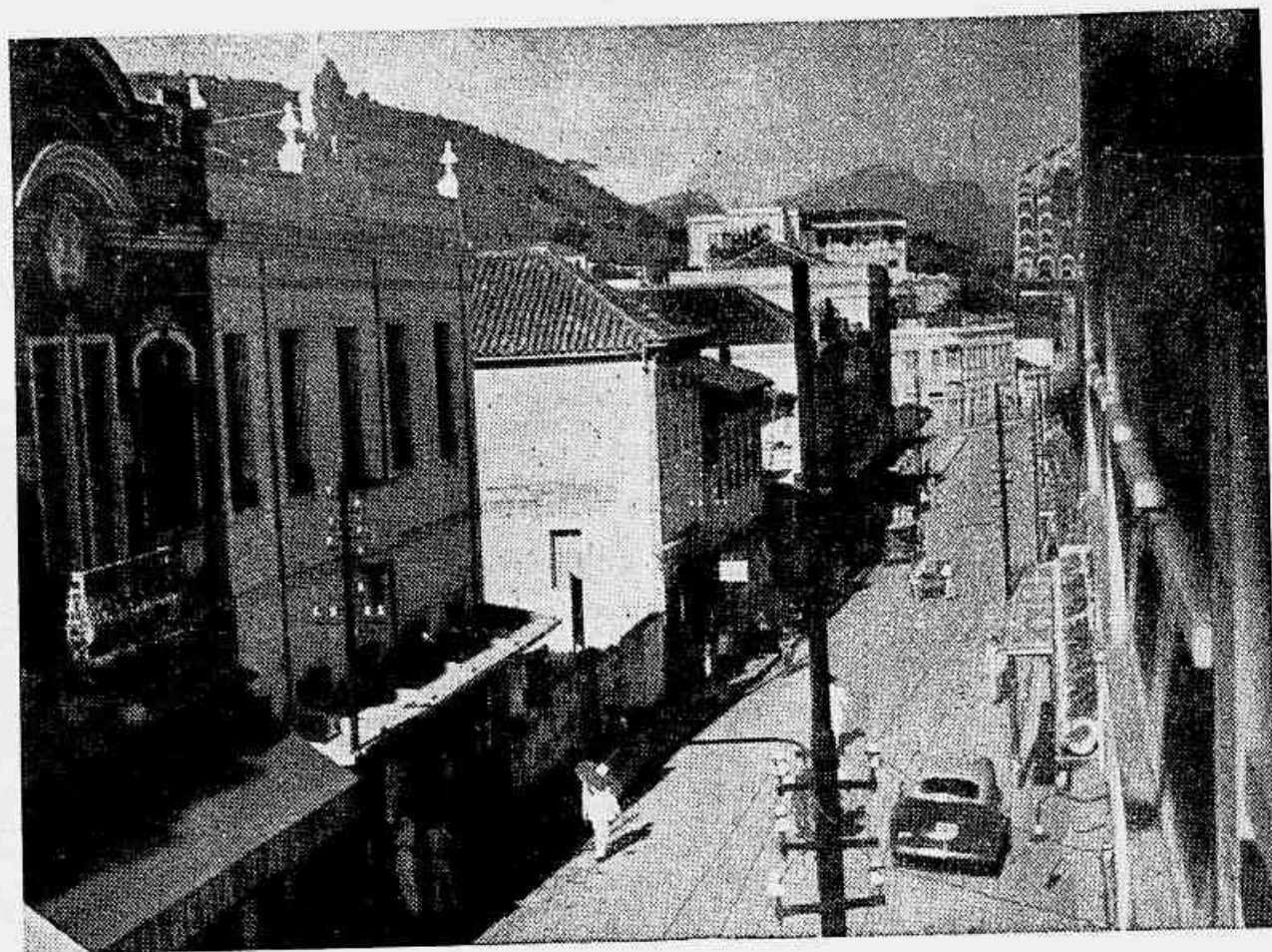
As Forças Aéreas norte-americanas anunciaram que uma super-fortaleza voadora "B-29" chocou-se recentemente contra o solo, a 192 quilômetros a noroeste de Dhahran, na Saudi Arábia, tendo perecido 13 pessoas em consequência do desastre.

Dentro de poucos dias deverão realizar-se exames de pilotos nos aeroclubes de Belo Horizonte e Montes Claros, Minas Gerais.

(Noticiário compilado por E. de Oliveira, especialmente para REVISTA DA SEMANA)

IV EXPOSIÇÃO AGRO-PECUÁRIA E INDUSTRIAL DE CARANGOLA

INAUGURA-SE AMANHÃ O GRANDE CERTAME — O GOVERNADOR MILTON CAMPOS PRESIDIRÁ A CERIMÔNIA — EXTRAORDINÁRIA ANIMAÇÃO ENTRE OS CRIADORES DA REGIÃO — ANTECIPA-SE RENHIDA A DISPUTA DO CONCURSO LEITEIRO — IMPONENTE DESFILE DA PECUÁRIA, DA INDÚSTRIA E DA AGRICULTURA LOCAIS — PROGRAMA CAPRICIOSAMENTE ELABORADO — QUANDO NÃO SE DEVE PERDER A OPORTUNIDADE DE VISITAR CARANGOLA



Aspecto parcial da principal via pública de Carangola

Carangola, centro de uma das mais importantes regiões pastoris, agrícolas e industriais da Zona da Mata mineira, dará início amanhã à grande semana da sua Exposição Agro-Pecuária e Industrial, a ser inaugurada solenemente pelo governador Milton Soares Campos, e que reúne os elementos produtores dos municípios de Carangola, Tombos, Espera Feliz e Divino. Iniciada sob os melhores auspícios em 1945, a Exposição carangolense vem se repetindo, ano após ano, com o mais crescente êxito, prestigiada pelo entusiasmo incomum dos pecuaristas locais, que não medem esforços para apresentarem sempre o melhor padrão que lhes é possível exibir. A prova disto está no sucesso alcançado pela criação carangolense na recente Exposição de Leopoldina, onde os produtos expostos daquela procedência obtiveram destacadas classificações.

Para a Exposição cuja abertura se dará amanhã, a animação reinante, segundo notícias que nos chegam, é igual, senão maior, que a dos anos anteriores. Veremos, assim, um desfile no qual se alinharão os exemplares mais credenciados das afamadas raças leiteiras Holandesa Preta e Branca e Vermelha e Jersey, Guernsey, Schwyz, distinguindo-se com maior evidência os produtos nascidos e criados nos campos locais. Outro ponto de atração da IV Exposição será o Concurso de Produção de Leite, que se constituirá numa acirrada disputa entre as mais categorizadas estâncias da região, sabendo-se de antemão que a Granja Regina, a Fazenda da Serra, a Fazenda Santa Teresinha e outras estão preparando notáveis exemplares leiteiros, em torno de cuja produção reina absoluto e impenetrável sigilo, antecipando-se, assim, sensacional o desfêcho desse Concurso.

Para a sua IV Exposição, a Associação Rural de Carangola elaborou um atraente programa, como só acontecer todos os anos. Teremos oito dias de uma festa onde é difícil apontar o que mais agrada à vista e ao espírito — se o espetáculo de riqueza desenrolado nos pavilhões e nas pistas; se a parte artística e recreativa organizada a capricho; se o convívio encantador com a sociedade carangolense, expoente das mais nobres tradições de cavalheirismo e hospitalidade da terra mineira. Esta é, portanto, uma oportunidade para visitar-se Carangola e para admirar-se o que ela tem de mais grandioso e de mais belo.



LÂMINA Gillette AZUL

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

Sociedade Anônima

Depósitos -- Descontos -- Cauções

ALFANDEGA n.º 50 - Rio

Mademoiselle Perle

(Continuação do número anterior)

Quando se começou a descer a escada em caracol, cavada na muralha, tive verdadeiramente medo. Parecia-me que caminhava alguém atrás de mim; que me iam agarrar pelos ombros e levar-me; tive desejos de voltar para trás, mas como era preciso atravessar todo o jardim, não ousei.

Percebi que abriam a porta que dava para a planície e que depois o meu tio tinha recomçado a praguejar: "Com um raio, foi-se embora! Se avisto a sua sombra, só que seja, não falho esse estúpido".

Era sinistro ver a planície, ou antes, senti-la diante de si, porque não se via; apenas um véu de neve sem fim, no alto, em baixo, à frente, à direita ou à esquerda, por toda parte.

Meu tio continuou: "Olha, lá está outra vez o cão que uiva; já te vou mostrar como atiro. Ao menos apanho este, já será alguma coisa".

Mas meu pai, que era bom, replicou: "É melhor ir buscá-lo, esse pobre animal que grita de fome. Ladra por socorro o desgraçado; chama como um homem aflito; vamos lá".

E pusemo-nos no caminho através desta cortina, através deste nevoeiro espesso, contínuo, através desta espuma que enchia a noite e o ar, que se agitava, flutuava, caía e que ao fundir-se gelava a carne, gelava-a como se a queimasse, com uma dor viva e rápida na pele, a cada contacto dos flocozinhos brancos.

Enterrávamo-nos até aos joelhos nesta massa mole e fria; era preciso levantar as pernas muito alto para poder caminhar. À medida que avançávamos, a voz do cão tornava-se mais clara, mais forte. O meu tio gritou: "Cá está ele". Paramos, para o observar como se deve fazer em face de um inimigo que se encontra na noite.

Eu não via nada; então juntei-me aos outros e avistei-o: era terrível e fantástico de ver este cão, um grande cão negro, um cão de pastor com grandes pelos e cabeça de lobo, erguido nas quatro patas, no extremo da longa esteira de luz que a lanterna fazia na neve. Ele não se mexia; tinha-se calado e olhava-nos.

Meu tio disse: "É singular, não avança nem recua. Estou com grande vontade de lhe pregar um tiro".

Meu pai replicou com voz firme: "Não, é preciso agarrá-lo".

Então, meu irmão Jacques acrescentou: "Mas ele não está só. Há qualquer coisa ao seu lado".

Havia lá qualquer coisa, na verdade, qualquer coisa cinzenta, impossível de distinguir. Pusemo-nos a caminhar com precaução. Vendo-nos aproximar, o cão sentou-se sobre o traseiro. Não tinha ar de mau. Antes parecia contente por ter conseguido atrair gente. Meu pai foi direito a ele e acariciou-o. O cão lambou-lhe as mãos; e viu-se que estava ligado à roda de um carrinho, uma espécie de carro brinquedo, envolvido inteiramente em três ou quatro cobertores de lã. Tiraram-se as roupas com cuidado e, como Batista aproximasse a lanterna da porta desta carriola que se assemelhava a uma casota rolante, viu-se dentro uma criancinha que dormia.

Ficamos de tal modo espantados que não podíamos dizer palavra. Meu pai foi o primeiro a acalmar-se e, como tinha um grande coração e uma alma um tanto exaltada, estendeu a mão sobre o teto do carro e disse: "Pobre abandonado, serás dos nossos!". E ordenou a meu irmão Jacques que puxasse adiante de nós o nosso achado.

Meu pai continuou pensando em voz alta: "Alguns filhos do amor, cuja mãe, a pobre, veio bater à minha porta, nesta noite da Epifânia, em lembrança do menino Jesus".

Parou de novo com toda a sua força, gritou quatro vezes através da noite, para os quatro cantos do céu: "Nós recolhemo-lo!". Depois, pousando a mão no ombro do irmão, murmurou: "Se tu tinhas atirado sobre o cão, François?".

O meu tio não respondeu, mas fez, na sombra, um grande sinal da cruz, porque era muito religioso, apesar dos seus ares fanfarrões.

Tinha-se desatado o cão, que nos seguia. Ah! mas o melhor, o mais engraçado foi a entrada em casa. Primeiro, custou-nos imenso fazer subir o carro pela escada das muralhas; conseguiu-se por fim e rodamos-lo até ao vestibulo.

Como a mamãe estava esquisita, contente

e assombrada! E as minhas quatro priminhas (a mais nova tinha seis anos) pareciam quatro galinhas à volta de um ninho. Retiramos enfim, do carrinho, a criança, que continuava a dormir. Era uma menina de seis semanas de idade, pouco mais ou menos. E encontramos nos seus cueiros dez mil francos de ouro — sim, dez mil francos! — que o pai colocou para lhe arranjar um dote. Não era pois um filho de pobres... mas talvez o filho de algum nobre e de uma burguesinha da cidade... ou talvez... fizemos mil suposições e nunca se soube nada... mesmo nada a respeito disso... nada, nunca... O próprio cão não foi reconhecido por ninguém. Era estranho na região. Em todo caso, aquele ou aquela que tinha vindo tocar três vezes à nossa porta, conhecia bem os meus pais, para os ter escolhido assim. E foi deste modo que Mlle. Perle entrou com a idade de seis semanas na casa Chantal.

De resto, só mais tarde se lhe deu o nome de Mlle. Perle. Fizemo-la batizar primeiro: Marie Simonne Claire, devendo Claire servir-lhe de nome de família.

Podes crer que foi uma alegre entrada na sala de jantar, com esta miúda acordada, que olhava, à sua volta, estas pessoas e estas luzes, com os seus olhos vagos, azuis e perturbados.

Pusemo-nos, de novo, à mesa e o bolo foi partilhado. Fui eu o rei e escolhi para rainha Mlle. Perle, como tu ainda há pouco. Nesse dia ela nem sequer desconfiou da honra que se lhe fazia.

E assim foi a criança adotada e educada na família. Cresceu; passaram anos. Ela era gentil, meiga, obediente. Todos gostavam dela e tê-la-iam abominavelmente amimado se a minha mãe não o tivesse impedido.

A minha mãe era uma mulher que gostava da ordem e das hierarquias. Consentia em tratar a pequena Claire como os seus próprios filhos, mas tomava a peito que a distância que nos separava, ficasse bem marcada e bem definida a situação.

Por isso, desde que a criança começou a compreender, contou-lhe a sua história e suavemente, com ternura mesmo, fez entrar no espírito da pequena que ela era para os Chantal uma filha adotiva, recolhida, mas em todo caso uma estranha. Claire compreendeu esta situação com uma inteligência singular, com um instinto surpreendente; e soube tomar e conservar o lugar que lhe pertencia, com tanto tato, tanta graça e gentileza, que comovia o meu pai a ponto de o fazer chorar.

Minha mãe, mesmo, ficou de tal modo comovida pelo reconhecimento apaixonado e um pouco medroso desta gentil e terna criaturinha que começou a chamá-la "Minha filha". Por vezes, quando a pequena fazia qualquer ação boa ou delicada, a minha mãe puxava os óculos para a testa, o que nela indicava sempre uma comção e repetia: "Mas é uma pérola, esta criança!".

E ficou este nome à pequena Claire, que se tornou e conservou para nós Mlle. Perle.

IV

Mr. Chantal calou-se. Estava sentado no bilhar, balouçando os pés e fazendo mover uma bola com a mão esquerda, enquanto, com a direita, amarrava um pano que servia para apagar as marcações no quadro preto, a que chamávamos o pano do giz.

Um pouco vermelho, a voz surda, falava agora para consigo, lançado nas suas recordações, indo suavemente através das coisas antigas e dos velhos acontecimentos que acordavam no seu pensamento, como acontece quando se passeia nos velhos jardins de família, onde se foi educado, e onde cada árvore, cada caminho, cada planta, os azevinhos ponteados, os loureiros perfumados, e os teixos cuja semente vermelha e gorda se esmaga entre os dedos, fazem surgir a cada passo, um pequeno fato da nossa vida passada, um desses pequenos fatos insignificantes e deliciosos, que formam o fundo, a trama de toda a nossa existência.

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

Eu fiquei em rede, as mãos agora inútil. E ele continuou: "Como ela era linda... e gracinha... linda... linda... adoradora rapariga! azuis... transp... nunca vi iguais. E tornou a calar. Respondeu, não lavra que passa... — "Por que? não quis. Então foi pedida mu... Parecia triste, casei com a minha mulher, de que anos." Olhei Mme. C. entrava no seu repente, num dramas dos corações direitos, de um destes corações plorados, que não aqueles que mudas e resignadas. E impellido, a cidade ousada. — Era o seu com ela, Mr. C. Ele estremeceu. — Eu? Casar. — Com Mlle. — Mas por que? — Porque eu que da sua pr... Olhou-me com lados, assustado. — "Amor! disse isso?... — "Por Deus, mo por causa tempo a casa, esperava há s... Largou a esquerda, ag... pano de giz, meçou a sol... neira desolad... uma esponja pela boca e... E tossia, es... do giz, enxu... as lágrimas f... tendas da c... ganta, que f... Eu, assustad... tade de fugi... fazer ou que... De repente... soou na escad... ram com ess... Abri a porta... nhora, desce... Depois, co... do-o pelos... tal, amigo... lher chama-... é preciso d... Ele gaguej... pobre rapar... já vou". E começou... cara com o... limpava to... preto, dep... metade ver... faces e o... inchados, a... Agarrei-lh... quarto, mu... culpa, Mr... desgosto... de...". Apertou-n... mentos dif... Mergulho... depois dis... vel; e veí... fício. E o... do-se no e... tar que te...

Eu fiquei em frente, encostado à parede, as mãos apoiadas no tampo do bilhar, agora inútil.

E ele continuou, passado um minuto: "Como ela era linda quando tinha dezoito anos... e graciosa... e perfeita... ah! linda... linda e boa... e valente; encantadora rapariga!... Tinha olhos... olhos azuis... transparentes... claros... como nunca vi iguais... nunca!"

E tornou a calar-se. Perguntei-lhe: "Por que não se casou?"

Respondeu, não a mim, mas a esta palavra que passava... "casada".

— "Por que? por que? Porque não quis... não quis. E tinha mil francos de dote; foi pedida muitas vezes... e não quis! Parecia triste, nessa época. Foi quando casei com a minha prima Charlotte, minha mulher, de quem estava noivo havia seis anos."

Olhei Mme. Chantal e pareceu-me que entrava no seu espírito, que penetrava, de repente, num destes humildes e cruéis dramas dos corações honestos, dos corações direitos, dos corações sem remorsos, um destes corações inconfessados, inexplorados, que ninguém conheceu, nem mesmo aqueles que eles transformavam em mudas e resignadas vítimas.

E impellido, de repente, por uma curiosidade ousada, pronunciei:

— Era o senhor que devia ter casado com ela, Mr. Chantal.

Ele estremeceu, olhou-me e disse:

— Eu? Casar com quem?

— Com Mlle. Perle.

— Mas por que?

— Porque gostava muito mais dela do que da sua prima.

Olhou-me com olhos estranhos, arregalados, assustados e balbuciou:

— "Ami-a eu?... como?... quem te disse isso?"

— "Por Deus, isso vê-se... e foi mesmo por causa dela que se demorou tanto tempo a casar com sua prima, que já o esperava há seis anos."

Largou a bola que segurava na mão esquerda, agarrou com as duas mãos o pano de giz, cobriu a cara com ele e começou a soluçar. Chorava de uma maneira desoladora e ridícula, como chora uma esponja que se espreme, pelos olhos, pela boca e pelo nariz, ao mesmo tempo. E tossia, escarrava, assoava-se ao trapo de giz, enxugava os olhos, espirrava e as lágrimas tornavam a cair por todas as fendas da cara, com um ruído de garganta, que fazia pensar nos gargarejos.

Eu, assustado, envergonhado, tinha vontade de fugir e não sabia que dizer, que fazer ou que tentar.

De repente, a voz de Mme. Chantal ressoou na escada. "Então ainda não acabaram com essas fumaças?"

Abri a porta e gritei: "Sim, minha senhora, descemos já".

Depois, corri para o marido e, agarrando-o pelos cotovelos, gritei: "Mr. Chantal, amigo Chantal, ouça-me, a sua mulher chama-o; sossegue, sossegue depressa, é preciso descer; acalme-se".

Ele gaguejava: "Sim... sim... eu vou... pobre rapariga!... eu vou... diga-lhe que já vou".

E começou, cuidadosamente, a limpar a cara com o trapo que há dois ou três anos limpava todas as marcações no quadro preto, depois apareceu, metade branco, metade vermelho, com a testa, o nariz, as faces e o queixo sujos de giz, os olhos inchados, ainda cheios de lágrimas.

Agarrei-lhe as mãos e levei-o para o quarto, murmurando: "Pega-lhe muita desculpa, Mr. Chantal, por lhe ter causado desgosto... Mas não sabia... compreende...".

Apertou-me a mão... "Sim... há momentos difíceis..."

Mergulhou a cara na bacia. Mas, mesmo depois disso, não me pareceu apresentável; e veio-me à idéia um pequeno artifício. E como ele se inquietasse, olhando-se no espelho, disse-lhe: "Bastará contar que tem um grão de poeira num olho,

que não se encontra, e poderá chorar diante de todos, tanto quanto lhe apetece.

E, efetivamente, desceu esfregando os olhos com o lenço. Todos se inquietavam, quiseram procurar o grão de pó que não encontravam; contavam-se casos semelhantes em que tinha sido preciso chamar o médico. Eu fui ter com Mlle. Perle e olhei-a, atormentado por uma curiosidade ardente, uma curiosidade que se tornava sofrimento. Ela devia ter sido bem bonita, com os seus olhos doces, tão grandes e tão calmos, tão rasgados, que parecia não os fechar nunca, ao contrário dos outros seres humanos.

O seu traje era um pouco ridículo, um verdadeiro traje de solteirona, que a deixava sem a tornar desajeitada.

Parecia-me ver na sua alma, como vira há pouco na alma de M. Chantal, que compreendia, de um extremo ao outro, esta vida humilde, simples e dedicada; mas vinha-me aos lábios um desejo, um desejo tenaz de a interrogar, de saber se também ela o tinha amado, se também tinha sofrido como ele, este longo sofrimento secreto, agudo, que não se vê, que não se sabe, que não se adivinha, mas que se escapa, de noite, na solidão do quarto negro. Olhava-a e via bater o coração sob o corpete bordado e perguntava-me se esta doce e cândida figura teria chorado e soluçado, o corpo sacudido de sobressaltos na febre do leito escaldante.

Disse-lhe, muito baixo, como fazem as crianças que quebram um brinquedo para ver por dentro: "Se há pouco tivesse visto chorar Mr. Chantal, teria pena".

Estremeceu. "Como, ele chorava?"

— Oh! sim, chorava!

— E por que?

Parecia-me muito comovida. Respondi-lhe:

— Por sua causa.

— Por minha causa?

— Sim. Contava-me como a tinha amado outrora; e quanto lhe tinha custado a casar com a mulher em seu lugar...

A sua cara pálida pareceu afinar-se um pouco; os olhos sempre abertos fecharam-se de repente, tão depressa que parecia terem-se fechado para sempre. Deslizou da cadeira para o chão, suavemente, lentamente, como uma "écharpe" que caísse.

Gritei: "Socorro! Socorro! Mlle. Perle está se sentindo mal!"

Mme. Chantal e as filhas precipitaram-se e enquanto procuravam água, uma toalha e vinagre, peguei no chapéu e fugi.

Fui-me embora a grandes passadas, o coração abalado, o espírito cheio de remorsos e de pesares. Ao mesmo tempo, também me sentia contente; parecia-me que tinha feito uma coisa louvável e precisa. Interrogava-me. "Procedi mal? Tive razão?". Eles guardavam isto na alma, como se guarda o chumbo numa ferida fechada.

Não serão agora mais felizes? Era muito tarde para recomençar a sua tortura, mas cedo ainda para que se lembrassem dela com enternecimento.

E talvez, que num dia da próxima primavera, comovidos com um raio de lua que, através dos ramos, ilumina a erva a seu pé, eles estendam e apertem as mãos em lembrança de todo este sofrimento sufocado e cruel; talvez que este curto apêto faça passar nas suas veias um pouco dessa emoção que não conheciam e lhes dará, a esses mortos ressuscitados, num segundo, a rápida e divina sensação dessa embriaguez, dessa loucura que dá aos amorosos mais felicidades num só estremelecimento do que podem conhecer em toda a vida os outros homens.

SANDRA

(Continuação da pág. 19)

direito... o que sei é que se sumiu com o tal retrato...

Estudo, só nas provas, assim mesmo era uma combinação complicada que tínhamos para passar as "colas": até bu-raco no assoalho foi feito e por ele puxávamos o barbante com o ponto; e a turma toda a escrever com lápis-tinta resumos na tampa da carteira; os professores em pé nada viam na madeira brilhante e escura, mas era bastante uma de nós inclinar um pouco a cabeça que dava um reflexo no que estava escrito com lápis-tinta e lia-se tudo... Antes das provas lá entrávamos nós todas a fazer esquemas e rascunhos, mas quem diz que cabia numa tampa, todo um "Direito Comercial"?

Um dia... vestido novo, comprido, para



Seu futuro depende do presente — da sua capacidade para dedicar-se aos estudos. Depende das energias que o Tônico Infantil fornece ao organismo da criança. Contendo em sua fórmula fósforo, cálcio, arsênico, iodo, tanino e vitaminas — os elementos de que as crianças mais necessitam na idade escolar — Tônico Infantil permitirá a seu filho ser, hoje, um colegial exemplar... amanhã, homem de verdade.

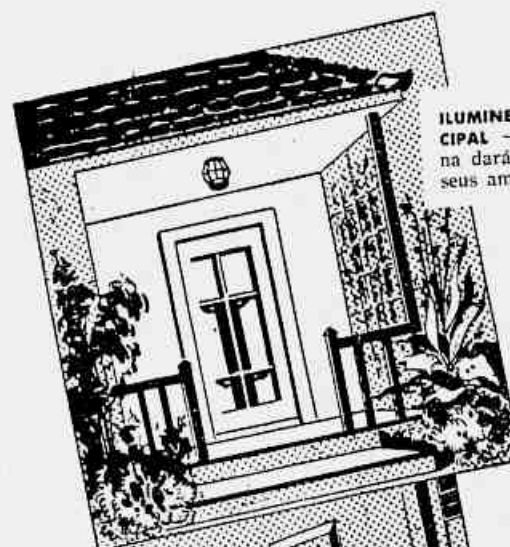
TÔNICO INFANTIL



Torne o seu lar mais atraente...

Uma iluminação adequada proporciona boa visão, conforto e beleza!

As lâmpadas G-E podem oferecer maior encanto e comodidade, proporcionando-lhe a quantidade de luz exigida pelos olhos. Encante o seu lar com a luz de qualidade das Lâmpadas G-E. Eis alguns conselhos:



ILUMINE A ENTRADA PRINCIPAL — Uma luz externa dará boas vindas aos seus amigos e parentes!

ELIMINE OS CANTOS ESCUROS... afim de evitar possíveis acidentes.



TENHA BOA LUZ PARA A LEITURA... sem conservar o resto da sala na penumbra; isto prejudica a visão porque resulta num grande esforço de adaptação dos olhos.



PEQUENAS LUZES... permitem-lhe movimentar-se sem tropeços durante a noite.

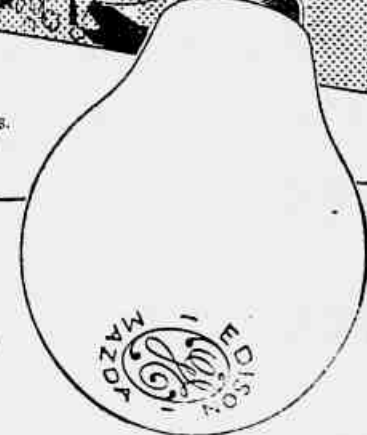
OUÇA às 4as. feiras Festivals G-E, às 20.30 hs., Radio Nacional; e Repto aos Enciclopédicos, 3as. feiras, às 20.30 hs., Radio Cultura, São Paulo

SEJA QUAL FOR O SEU PROBLEMA DE ILUMINAÇÃO

consulte a

GENERAL ELECTRIC

RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO — RECIFE — SALVADOR — CURITIBA — PORTO ALEGRE



Senhoras!
Se a
Natureza Falha
MENAGOL
REGULA!

OL
A PÉLE

HOJE NO ESPORTE *Ilustrado* OS "MASCARADOS" DO FUTEBOL

LEVY KLEIMAN REVELA A AUDÁCIA DOS "PAREDROS-TURISTAS" NO ATENTADO CONTRA O FUTEBOL BRASILEIRO

- ★ O VASCO VENCEU A "PROVA DOS 9", reportagem especial de Luis Mendes
- ★ AS TEMPORADAS INTERNACIONAIS DE TÊNIS, sensacional reportagem de Mister Lob
- ★ AS FOTOGRAFIAS E REPORTAGENS DE TODOS OS JOGOS DA 5ª RODADA DO CAMPEONATO CARIOCA DE FUTEBOL: Vasco x América — São Cristóvão x Flamengo — Bonsucesso x Fluminense — Olaria x Canto do Rio — Bangu x Madureira
- ★ CARIOCAS, AS NOVAS CAMPEãs BRASILEIRAS DE VOLEI, reportagem de Sílvia Cintra Filho
- ★ A SENSACIONAL PARTIDA INTERNACIONAL DE BASKET FLAMENGO x SELECIONADO ARGENTINO, por Saldanha Marinho
- ★ VASCO x ATLÉTICO MINEIRO, reportagem de Rubens Cunha e José Santos
- ★ NA CAPA: ADEMIR, do Vasco, e JORGINHO, do América

Redação:
RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — RIO DE JANEIRO

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



PARA FERIDAS, ECZEMAS,
INFLAMAÇÕES, COCEIRAS,
FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL

todo mundo; o de Helga abriu nas ancas quando se sentou... Depois, uma porção de "falções"; depois, doces e mais pastelarias e um anel de ouro no dedo com pedra falsa, que verdadeira só duas tinham em trinta e sete que eram os.

★

Sandra não vê nada em torno: os automóveis passam na Avenida com buzinas e derrapagens, que o local convida a correr; também só um molete foi que a descobriu ali: atirou-lhe dois carocinhos de fruta, que não acertaram; gritou: Psiu! Psiu! ela nem se mexeu.

As ondas lambiam de vez em quando com mais força aquela base enorme de pedra, que não acabava mais e se sumia em curvas; chegaram perto dela umas duas ou três: ela nem se moveu. Um avião comercial, rumo ao Sul, passou mesmo em cima de sua cabeça, raspando o morro dos Dois Irmãos e a Pedra da Gávea; na certa os passageiros, bem acomodados nas poltronas, viam pela janela aquela enorme cobra preta que é a Avenida Niemeyer, acompanhando a costa de pedra intercalada de praias lindas e amparando uma floresta espessa que serve de cabelo às cabeças dos montes; não notaram aquele pequenino ponto preso à penedra, aquela suave Sandra.

Tinha um casaco vermelho-vivo, moderno e bem recortado, de um tecido espesso, nem muito curto nem muito longo — o que chamam "três-quartos" — deixando escapar um vestido branco, esportivo; dois brincos de aro de ouro, espécie de argolas à moda cigana, contrastavam com a negrura dos cabelos, o vermelho do casaco e a brancura da pele do rosto onde somente os lábios eram tintos de carmim. Sapatos elegantes e pretos eram acompanhados por uma bolsa negligentemente largada junto aos pés. Quem observasse, seria ferido pelo cunho alto de feminilidade dela: havia languidez e carinho no próprio conjunto; poesia no ambiente formado pela decoração do fundo e pela personagem. Não deixaria, no entanto, de sentir na atitude do corpo a firmeza e a segurança que emanava e que se poderia traduzir como confiança em si própria. Era um bloco de vida em cima da pedra morta.

★

Apareceu então com clareza a sua tragédia. O casal de estrangeiros que foi morar ao lado da casa de seus pais. Ela, simpática, alourada, longa e parca de carnes, muito prestativa e fazendo-se logo amiga dos seus. Ele, com um riso permanente, muito cheio de melosidades, dêsse que beijam a mão de tudo quanto é mulher dizendo: "Encantado em conhecê-la e servi-la" — com barba cerrada rapada e um bigodinho muito aparado. Um casal que combinava. Logo gostaram todos deles. Começou-se a sair junto, a fazer uma ou outra refeição junta e até cinemas. Só se sabia é que andavam sempre endinheirados e que recebiam visitas de outros estrangeiros: diziam que viviam das rendas de coisas que tinham no seu país. Ele saía muito de noite com ela — diziam que iam ao "show" do cassino; nunca se via a hora em que voltavam; às vezes é que se escutava um barulho de automóvel. Era gente alegre e folgada, que como companhia divertia todo mundo.

★

Uma tarde... E Sandra continuava lembrando tudo: uma tarde... Lembrou-me bem, dia 20 de janeiro, apareceram lá em casa metendo as mãos pela janela aberta e batendo palmas em troca, enquanto jantávamos.

— Vimos buscar a Sandra para ir se perfumar e sair conosco, indo ao "show" de hoje.

— Ir se perfumar? Que história é esta? — indagou mamãe.

— E', sim, senhora; porque lá só entra gente muito cheirosa e não moça com cheiro de gambá...

— Vocês sempre com estas graças sem graça — disse eu. — Que gambá, coisa nenhuma; tomara fossem vocês limpos como eu...

E foi-se por aí a fora, naquele tom de anarquia familiar até conseguirem convencer papai de que me viriam buscar de auto para trazer de volta no máximo à 1 hora. Nunca saíra de casa para voltar a tal hora com ninguém, mas à vista de já estar eu "uma moça formada", e das

companhias merecerem confiança, ficou tudo assentado.

Sentamos a uma mesa naquela enorme sala e logo depois se aproximou um homem — já propriamente um senhor, pois que tinha cabelos grisalhos, embora pele lisa e não aparentasse senão uns 45 anos — mas para mim de 17 anos, era um senhor. "Toma mais um gozinhos só"; "toma agora mais um pouquinho"; "este whiskey é melhor do que o outro".

Já estava tonta; ria de tudo e sentia que o pescoço não aguentava mais a cabeça; já tinha dançado milhões de vezes naquela sala cheia de luzes e bolas de cor. Tinha escorregado também. Depois não se lembrava de mais nada. Acordara às onze da manhã numa casinha defronte à praia com coqueiros anões — daqueles que com as mãos se apanham os cocos estando de pé, no chão — e com um gradil de madeira à frente. Na cama, larga, tinha um fundão como se outra pessoa tivesse estado junto. Cabeça pesada. Dores de não se aguentar e suas coisas atiradas por cima dos móveis.

Seis meses vivia morando com "Mister Berew" — Biru, como o chamava sempre. Ele era de um país do norte da América; havia-lhe contado tudo com minúcias até de mais: muito boa pessoa para se lidar, mas que com os papéis da Pretoria não podia mexer porque na sua terra tinha mulher e filhos.

Papai quis matar todo mundo e principalmente ele. Mamãe inchou de chorar; a Polícia mesmo começou a se mexer mas depois ficou quieta que ele era influente e não convinha escandalos. O casal vizinho mudou-se às carreiras, de noite, como soube depois. Era gente ordinária que vivia de expedientes semelhantes; prometiam apresentar por tantos dinheiros ao sr. Fulano uma senhorita de família de poucos recursos, que também com o dinheiro ficasse sossegada. E mudavam de pouso quando o fato se consumava. Daí vinha o dinheiro deles.

Nos primeiros meses foi uma luta para ele ajeitar papai, mas um cheque de quarenta mil cruzeiros resolveu também aquela situação. Nunca pensei... Papai comprou a casota que morava e no fim fez que esquecia tudo. E até o Biru ia comigo lá comer "buxada" e beber água de côco verde, esticado nas rédes. Gostava dele apesar de tudo; era meigo e passeávamos muito; foram meses de muita felicidade e alegria.

Um dia, ao acordar, tinha na mesa um bilhete e um cheque de cinquenta mil cruzeiros no meu nome. "Tenho que voltar por ordem do Governo. Não fique triste. Não posso te levar. Good-bye. Remember me. E fique com este dinheiro para despesas futuras. Remember me. Good-bye".

Remember me... Remember me... Good-bye... Lembre-se de mim... Adeus... Foi-se embora e nunca mais tive notícias. Voltei para a casa de papai e mamãe. Naquela tristeza toda é que o dr. Augusto, que era amigo lá do pessoal, foi se chegando. E tinha automóvel e conhecia toda a história e passou a querer me confortar em pequenos passeios à beira-mar.

Aconteceu o que sempre acontece nesses casos. Aí então não sai de casa, não; ia sempre de dia, que ele tinha também seus compromissos — a um cantinho que arranhou para nós. Ia tudo bem, mas eu não gostava dele, embora fosse muito bem tratada e me desse todo o carinho que tinha. Eu tinha a necessidade de homem; não sei se é feio pensar ou dizer isto, mas é a verdade. E demais, precisava esquecer aquele ingrato Biru e ele me ajudava a isso.

Depois de quatro horas da tarde o tempo me custava a passar — dessa hora em diante o Augusto ia para o escritório e em seguida para a casa dele — e eu, cujas amigas tinham sumido, consegui então começar a cantar em uma estação de rádio, depois das dezoito horas. Tinha "uma voz meiga e triste" — como anunciava o locutor e todos diziam — mas, pudera, se ainda eu era toda tristeza, e a meiguice que trazia ainda não dera inteiramente a ninguém! Não me sentia completa e o peso da vida me era hostil. Foi então que uma ida ao Rio de Janeiro, com possibilidades de um emprego, me apareceu como um futuro, como uma coisa diferente que me desse alguma vibração. Quem como eu nunca saíra do Recife, que vontade tinha de conhecer o Rio! Devia ser formidável entrar e sair dos grandes ônibus e nas ruas cheias de gente não ver cara nenhuma conhecida! Marly, que era uma das poucas amigas que ainda escreviam, dizia

0 "Ao I
já vende

CR
totaliz

Relação
pr

5 prêmios
ZEIROS

SWEEPST
LHÕES D
com 5 M
SV

4 prêmios
ZEIROS -

5 prêmio
NHENTO
2609 —

Inte
Dê

Inte
Dê

"Ao
Amânci
RUA
Cx. Pos

que era
em que
sair à
ninguém
rente a
não havi
cinhas",
para si
que era
mais ain
que par

Falei
sejo; ac
porque
devido i
isso o c
sava qu
portanto
o que
que já
mentos
vido a
tem un
dissera
não ac
eram c
em cor
na hor
mais c
dos ou
madre
Acho
Rio, p
lhorar
o que
recia
tanto
uma
tratos

San
baixa
maré
fluên
cima
uns
pesso
segu
E pe
"A
mam
junt
e q

O "Ao Mundo Lotérico"

já vendeu até hoje a grande
cifra de
CR\$ 242.339.759,00
totalizando 2428 prêmios

★
Relação dos últimos grandes
prêmios vendidos:

5 prêmios de 5 MILHÕES DE CRUZEIROS — 11813 — 11923 — 30057 e 19591

SWEEPSTAKE 17513 com 3 MILHÕES DE CRUZEIROS — 10651 com 5 MILHÕES DE CRUZEIROS SWEEPSTAKE 1948

4 prêmios de 2 MILHÕES DE CRUZEIROS — 11491 — 2639 — 25238 e 27364

5 prêmios de 1 MILHÃO E QUINHENTOS MIL CRUZEIROS — 2609 — 28030 — 7131 — 37556 e 16469

★
Aos sábados
Cr\$ 2.000.000,00
Inteiro ... Cr\$ 350,00
Décimos ... Cr\$ 35,00

★
As quartas-feiras
Cr\$ 1.500.000,00
Inteiro ... Cr\$ 200,00
Décimos ... Cr\$ 20,00

★
Pedidos

"Ao Mundo Lotérico"

Amâncio Rodrigues dos Santos
RUA DO OUVIDOR, 139
Cx. Postal 2005 — Rio de Janeiro

que era distraída de mais a vida na loja em que se empregara. E de noite "podia sair à vontade com quem quisesse que ninguém dava palpite". Era muito diferente a vida de "cidade grande"! No Rio não havia "conversa de comadre", "trancinhas", intriguilhas: todo mundo vivia para si mesmo; e havia a Mãe Natureza, que era linda como em nenhum lugar, e mais ainda cinemas refrigerados e sorvetes que pareciam arranha-céus...

Falei com ele que este era o meu desejo; achou ótima a idéia, principalmente porque sempre ia e vinha ao Rio de avião devido às representações comerciais que a isso o obrigavam. Havia ocasiões que passava quase um mês fora do Recife. Achou, portanto, uma idéia principesca, por ter o que tinha sido dito e mais ainda porque já havia na casa dele uns aborrecimentos por minha causa, ou melhor, devido a "outra mulher". Coisa vaga. "Ele tem uma mulher com casa montada" — disseram à senhora dele; ela parece que não acreditou porque as nossas fugidas eram de dia, mas a tal amiga (?) soprou em continuação — "na certa andam juntos na hora do trabalho", e outras verdades mais de gente que se mete com a vida dos outros. Trancinhas, conversas de comadre.

Achou então que eu poderia ir para o Rio, pelo menos por uns tempos, até melhorarem as "falações" do Recife. Isso, o que ele me disse, mas a mim me parecia que eu também já não lhe interessava tanto como no princípio e que essa seria uma boa saída, sem briga e sem maus tratos, para o nosso caso.

★
Sandra continua imóvel. O mar já tinha baixado muito na esquisita manobra de maré em que dizem ter a lua tanta influência. Mas como? Como é que lá acima aquela lua branca e parada em que uns vêem uma cara de santo, outros uma pessoa a cavalo, como é que a lua consegue mexer com um mar tão grande? E para onde chupa ela a água que some? "Ah! E depois de convencerem papai e mamãe — que só me deixariam viajar junto com meu irmão André, de 16 anos, e que também iria para a casa de nossos

tios para tentar trabalho — é que foi a verdadeira luta, a de conseguir passagem de navio. Navios, eram muito poucos, que a guerra acabara e o tráfego ainda não estava restabelecido. Avião, eu tinha medo e não queria. As passagens arranjadas através de não sei quantos "pistolões", eram num navio superlotado que já tivera os camarotes quase todos requisitados pelo Exército. Diziam que nele viajariam quase cem soldados mutilados de guerra, que tinham ido dos campos de batalha italianos aos Estados Unidos, onde lhes colocaram aparelhos e fizeram tratamentos e de lá enviados ao Recife em navio americano. Iam agora então naquele navio nacional até o Rio, de onde regressariam às suas casas, nas mais distantes regiões. Foram conseguidas passagens mas sem acomodações: — "é tratar de se ajeitar em cadeiras, rédes ou mesmo em tapetes" — dissera o comissário.

★
Veio-lhe então à mente a imagem do navio grande e cinzento mugindo longamente três vezes como um enorme animal a querer alguma coisa: queria andar pelo mar; e de uns tubos de ferro que se viam, escapava sob a forma de pressão, num leque de fumaça e gotas d'água, toda a raiva que tinha de estar preso ao cais.

Um borborinho de gente à paisana e soldados, numa movimentação diferente da dos outros navios. Ambulâncias, com uma grande cruz muito vermelha, chegando ao cais, soltavam de um em um os pracinhas. E generais também lá estavam; havia muita continência pra cá e pra lá e um silêncio grande se instalou quando tocaram o Hino Nacional, seguido de palmas de toda gente. Tudo porque eles eram heróis da guerra: os pedaços de carne e de ossos que faltavam tinham sido carregados pelas balas para que no Brasil houvesse calma de vida. Eram heróis, ex-combatentes, muitos dos quais com o peito cheio de medalhas e fitinhas coloridas.

Subiam a estreita e balouçante escada com um saco às costas e muitos deles exibiam, em vez de mãos, recurvadas garras de metal brilhante; de muletas e pernas postiças nem se fala, que era só ver a dificuldade de andar. Havia um que um alemão qualquer arrancara as duas pernas com uma rajada de metralhadora, pois andava com pernas mecânicas, só capengando um pouco, e lembro-me bem da boa gargalhada que soltou quando, após dar alguns passos no convés, como modelo de modista, fazendo voltinhas, perguntou-me qual das pernas era postiça...

— A da direita, respondi.

— Pois são as duas, disse-me gargalhando e batendo com os nós dos dedos nas coxas de alumínio... — São as duas... Ha... Ha... Ha... aqueles americanos trabalham bem com suas ferramentas...

No cais estava o Augusto debaixo da sombra de um guindaste preto; papai e mamãe na outra ponta não o viam meio escondido a jogar beijos. Era preciso isso assim, porque em casa nós nunca dêramos a perceber o que havia. Ele continuava sempre a ir lá visitar a família e até discretamente se meteu na questão da viagem, mas tudo com muita "linha", muito "na moita".

★
Sandra se ajeita na pedra cujo calor recebido daquele sol que já pensa em desaparecer, a ela se transmite pelo contacto. Enche os pulmões daquele ar puro, lubrificando o sangue e dando mais vitalidade ao seu cérebro. Pensa:

"Eu tinha, debruçada na amurada do navio, um apêto grande no peito, mas também uma sensação de alívio. Era como se estivesse morrendo e nascendo de novo. Depois ia conhecer a tão falada Cidade Maravilhosa.

Quando o navio desgrudou do cais o último cabo — uma grossa corda com um disco preto de metal (que depois me informou ser para impedir a subita de ratos ao navio), senti-me dona de mim mesma. Emprego, já existia em vista um que me arranjara a Marly. Só me preocupava, e assim mesmo muito pouco, é onde ia me recostar à noite, mas o meu irmão já havia se apossado de umas cadeiras, e uma defronte à outra era uma cama em condições dormíveis.

No convés, os soldados estavam meio desarrumados com suas bagagens à frente; de repente, como se puxados por barbantes à moda de "guignol" ou teatrinho de "marionettes", todos se levantaram. E' que chegara o oficial. Era um rapaz alto e simpático, com uma farda que lhe assentava bem. Disse umas palavras e mandou um outro ler uma lista fazendo chamada do pessoal. Depois do "Pronto!" ou "Presente!", o cidadão punha o saco ao ombro e descia para suas acomodações. No fim ficou ele sozinho. Deu um "peteleco" no bico do quípi, pôs as mãos na cintura e ficou parado olhando os restos da cidade que ainda se viam. Em seguida, parece que o tal "complexo militar" que diziam existir nos homens de farda, dele se apossou, pois que se empertigou todo e tomou uns ares de comando, rumando para o meu lado. Pensei que fosse me olhar. Nada. Passou raspando minha saia que o vento transformava em bandeira — "believe or not", o mastro era eu — e seguiu em direção ao bar.

Parece que os soldados gostavam dele, porque sempre que podiam o rodeavam e estavam a rir juntos. A noite havia serenatas cheias de canções italianas aprendidas com as "signorinas" nas escapulidelas de folga, choros, anedotas e mágicas. Até eu me meti a fazer uma tal que é um falso nó num lenço e que se desmancha num minuto com grande embasbacamento do público...

Dava gosto ver a alegria dos mutilados: um tinha só metade do rosto normal, pois com a outra metade ria de um modo esquisito e repuxado, mas ria a toda hora e por qualquer coisa. Era ainda moço — no máximo 35 anos. No princípio aquele riso me fazia mal, como a todo mundo; sentia pena misturada com repulsa, mas com o correr dos tempos fui me acostumando.

O oficial estava sempre no meio deles e animá-los, sem preocupações de hierarquia, mas, se com eles se divertia, também era visto, de manhã e à tardinha, todo sério e perfilado num degrau mais alto, com a turma muito quieta e respeitadora formada à sua frente. Eu gostava de ver como se separavam bem as duas personalidades de homem viril e de militar e essas observações me divertiam e ajudavam a passar o tempo.

Certa hora de certo dia, não sei mesmo por que, achei que devia confortar o moço da cara ferida — Mário, se chamava ele — e passei a caminhar pelos passadiços e convés em sua companhia, depois das refeições. Era um funcionário já bem destacado — chefe da Carteira de Descontos de um banco bastante importante do Rio. A guerra pegara-o nos seus 33 anos, numa convocação extemporânea e da qual não pudera se esquivar. — "A Pátria não se serve só pegando na espingarda" — dissera na ocasião — "serve-se de todas as formas, e para isso de balas não tenho vocação". Mas tivera que trocar mesmo o fino terno de linho branco pelo complicado equipamento que ainda usava.

Embarcara soldado raso, misturado na massa das fileiras e voltava primeiro sargento. Pena é que visse sempre nas suas divisas o pedaço de carne sangrento que o obus deixara pendurado por um resto de fibras musculares...

Aos poucos fui conseguindo saber das suas promoções, todas por bravura: a de cabo, ao minar uma ponte principal; a de terceiro sargento, na destruição de uma casamata; a de segundo, na tomada de Monte Castelo, e a última já nos Estados Unidos, lhe chegara quando os cirurgiões tinham acabado de acertar sua fachada.

Assunto não nos faltava. Eu até já achava bonito aquele seu riso desajeitado e repuxado pela cirurgia plástica que lhe pusera uma bochecha tirada de parte do braço esquerdo. E fomos caminhando todo dia e misturando sem sentir as nossas almas.

A vida de bordo, com um amor, é qualquer coisa de muito difícil descrição. Aquêles horários certos, aquelas badaladas chamando às refeições e ressoando pelos corredores, as festinhas à noite, o vento constante carregando os pensamentos mais graves, o mar e as amuradas de tubos de ferro com salvavidas decorativos pendurados, a limitar nosso mundo real — sempre estimulam a imaginação de uma maneira "diferente", fazendo a sensibilidade se expandir muito além de suas possibilidades habituais.

(Continua no próximo número)



Até você está em perigo

de ter **PIORRÉIA!**

De cada 5 pessoas — 4 estão ameaçadas

Gengivas moles e sensíveis... gengivas que sangram ao escovar os dentes... são sinais de que a implacável Piorrêia — que mina as gengivas e faz perder os dentes — está à espreita.

Se notar qualquer destes sintomas de mau agouro — acatele-se! Comece a proteger-se logo contra a Piorrêia usando o método **experimentado** Forhan. Escove os dentes duas vezes ao dia (fazendo, ao mesmo tempo, massagem nas gengivas) com Forhan's para as Gengivas — o único dentífrico que contém o adstringente especial do Dr. Forhan para evitar a Piorrêia. Exames clínicos recentes demonstraram que 95% dos casos ameaçados de Piorrêia apresentaram notável melhora em apenas 30 dias deste tratamento simples.

Vá ao seu dentista com regularidade. Siga as indicações dele. E para manter seus dentes firmes e brilhantes, suas gengivas são e vigorosas — comece a usar **hoje mesmo** o dentífrico Forhan's.

Escove os dentes com **Forhan's**



4FPI0

A BELEZA É OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feia quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O creme de alface "Brilhante" permite a pele respirar ao mesmo tempo que evita os panos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

E' um produto dos Laboratórios Alvim & Freitas S. A.

A FEITICEIRA

(Continuação da pág. 22)

Uns, o apoiaram; outros, o contestaram. Beijaram mais uma vez a branquinha, ergueram-se, e continuaram a marcha, palrando, no piso um do outro, subindo e descendo os morros de areia movediça, enquanto o mar, distante, bramia surdamente as suas mágoas, vindo bater de encontro aos rochedos silenciosos, naquela noite enluarada e calma.

Ao chegarem à casa do Zé Matias, já o baião estava cerrado, ao som da viola do Zé Rita, que p'ra isto estava só, naquelas ribeiras.

Na latada, fracamente iluminada por duas candelas de azeite, saracoteavam-se as praias, escorrendo suor das frentes, cingidas a latagões de cigarros na boca e cravos brancos espetados nas blusas de dril azul.

Chico Peba, ao entrar, saudou muito alegremente a boa companhia, e castanholou logo a uma trigueirita que, ao avistá-lo, sorriu-se com um fulgor no olhar, como se por ele só estivesse esperando.

Caboclinho pachola e ladino, às suas lérias não resistiam as mulatas.

Ele próprio gabava-se de ser o mais querido galo daquelas redondezas.

Por saber disso foi que, mais tarde, a Quitéria do Romualdo, — mulher que não se apertava com pouca coisa, — vendo-o pinotear muito chegado à trigueirita, que era sua filha, chamou-o de parte, para os pés de cajueiros que circundavam a morada do Zé Matias para dizer-lhe:

— Seu Chico, ói: preciso sabê, já, neste contente, o qui é qui você qué cá Zabel! Si qué é casá, tá direito, num me importo, é só pedi ela ao Romualdo, qui é pai, e si ele consinti, munto qui bem, porque tudo qui éle qué eu tomem quero. Agora si você qué é impolá, e pensa qui faz cum ela o qui fez cá Felícia, tire o cavalo da chuva, tá munto mal enganado, porque cumigo você incronta!

Quem me avisa meu amigo é!...

Chico Peba, que ignorava completamente que alguém soubesse das suas relações com a Felícia, antes do casamento dela com o Pedro Zamboque, caiu das nuvens, ao ouvir o que lhe acabava de dizer a velha Quitéria. Contudo, não quis dar-se por achado e, para averiguar até que ponto sabia aquela mulher o seu segredo, murmurou, aparentando um grande assombro:

— Sá Quitera, vancê tá alefantando um falso testemunho a eu e à Felícia!...

— J que?!... — rugiu a velha, a abanar-lhe o queixo. — Depois você inda tem corage de querê negá? Pensa qui eu não sei tudo?!... Se alembra daquele dia das guabirabas, nas Vertente? Hein?!... Matos tem olhos, seu bole, e eu vi tudo!

Si num falei, si num botei a boca no mundo, é porque eu já sabia do pelêgo da Zabel cum você, e tive medo cá minha fia num endoicesse, e, dispois, babau! nem mel nem cabaça!

Si não! Hum!... hum!... Adispois, cuma a Felícia discunfiou qui eu sabia da marosca, chegou-se a mim, munto encalistrada, botando verde, intê qui eu num me pude contê e destampeí, p'ra mode assossegá ela:

— Felícia, minha nêga, faça de conta qui num sei de nada, qui nada se assucedeu cum você e o Chico. Caiu num pôco.

E cuma eu sabia qui o Pedro Zamboque era doidim pur ela, dixê mais:

— Qué sabê duma coisa, tolaiona?

Num te fia em cunveça do Chico, não, qui éle só tem é lorota. Agarra-te có Pêdo, qui qué casá cuntigo; é só t'abri a boca.

Ela ouviu o meu consêio e casaro.

Mais porém você num tem visto cuma tá Pêdo, do casamento p'ra cá?

Anda mode qui tonto, varado, e pur que? Porque discunfiou qui a Felícia já num valia nada quando casou.

Ela já me pediu até pur quanto santo hai, qui eu num descubra, porque o marido já lhe dixera qui se chegá a tá a certeza, si fô o qui éle pensa, qui mata ela, mata o causadô da sua desgraça e qui adispois vai se afogá no fundo do má.

Pur isto lhe aviso, seu Chico: si você inda quisé té uns dias de vida, ou largue minha fia de mão ou case logo cum ela.

Oi qui o Pêdo, onte, num sei si porque encherrou qui eu era sabedoria dalguma trapaçada da Felícia, o qui é certo é qui veio onde eu tava e me dixê:

— Sá Quitera, eu tenho qui té uma cunveça ca sinhora, apois eu sei qui só a senhora é quem pode me assossegá o espírito. Pode sê?

Eu sabia o qui éle queria, mas me fiz de desentendida, e lhe arrespondi:

— Apois sim, Pêdo, si fô coisa qui eu saba, pode contá q i lhe adeclaro. Me espere amanhã ao mei dia. Eu, de proposto, num ia dizê, mas si éle preguntá?

Agora, seu Chico, você tá vendo em qui pé tá este nofrazjo. Eu num sou muié p'ra mode faltá cum a verdade, nem qui seja arrojada de fogo! Num quero dizê cum isto qui você case cá Zabel, não sinhô, apois eu só arrechebo o qui me dão de bom gôsto, e mesmo assim eu num vejo outa pur aqui qui se cumpare cum ela, tanto em boniteza, cuma em juízo, e qui sabe até lê carta.

Só sim, lhe digo: si você casá cum ela, qui anda mode qui enfeitada pur você, sou obrigada, pur amô à minha fia, coitadinha, a menti, metê papa na boca do Pêdo e deixá éle ca muié descansada, apois agora vêvem é num inferno!...

No samba, começara a quadrilha, com os levantus e os balançê roncados pelo Mané de Quadro, atracado à mulher do Zé Matias, toda rescendente a patchouly. Os

ares procuravam-se, açodadamente. E a Isabel, da Quitéria, que não encontrara o Chico, que a tinha tirado para uma polca, procurava-o ansiosa, por toda a parte, entre os pares, até que um irmãozinho lhe dissera, chamando-a para um canto:

— A mamãe tá cunveçando cum éle lá nos pé de cajueiro, Zabel, e tão falando em ti: tu pensa?!...

A moça ficou com a música na orelha, cônica de que a mãe estava, mas era a tratar do seu casamento com o namorado.

Ela bem lhe avisara, à tarde, quando se aprontavam para a festa:

— O Chico hoje há de se decidi, pelo sim ou pelo não, qui eu num aguento é andá impuiada! Logo num tá vendo!...

Teve receio de que a mãe, com a sua rudeza, desgostasse o Chico, e éle lhes ficasse tendo ódio, e foi procurá-lo.

Sim, antes queria morrer do que ser causadora da mais leve sombra de desgosto àquele rapaz!

Era doida por éle, por éle daria a vida, mas desde o momento que visse que éle não queria desposá-la, teria paciência; calar-se-ia, e nem por isto o amaria menos — sentia.

Não sabia ela, porventura, que éle andara com a Felícia — segundo concluirá das meias palavras da mãe — e com outras mais, e algum dia deixou de adorá-lo? Junca!

O seu amor era sublime de resignação.

Quanto mais éle a feria, com as suas volubilidades, mais o venerava ela, silenciosamente, e era por éle, só, que toda manhã, cedo, ia à cacimba buscar água para regar as saudades e os cravos do canteiro com que o presenteava, aos domingos, quando éle passava p'ra Arara, p'ra casa do seu Anastácio, onde ia fazer compras.

Chico Peba, aos pés dos cajueiros em flor, estava numa prensa medonha! ou ficaria, naquele momento, comprometido formalmente a casar-se com a filha da Quitéria, que o olhava, terrível, esperando uma resposta, ou teria de fugir, porque era bem capaz de Pedro Zamboque vir a saber tudo!...

Assim, na alternativa de, ou morrer às mãos do valente pescador, em cujos olhos julgara ter descoberto, por vézes, sombrios clarões, ou casar-se com a trigueirita, por quem sentia mesmo uma paixãozinha séria, — optou por esta saída do cruel dilema em que o pôs a velha Quitéria, e por isto foi que, ao ver a moça que acabava de chegar, curiosa, murmurara, com a voz tremendo ainda do susto que raspava:

— Zabel, eu tava aqui dizendo a sá Quitera qui queria casá cum você.

E' fo seu gôsto?

— Tá bom, Chiquim! Isto nem se pergunta! Você sabe qui nem ca mamãe e o papai num quisesse...

— Assim é qui tu é, ingrata?! — prorrompeu a velha, num soluço. Cuma é qui este cão te virou o juízo assim, p'ra mode tu esquecê amô de pai e de mãe?! Apois fica sabendo qui tu só casa cum éle, mais é porque eu quero, ouviu?!...

Depois, meio ressentida, meio prazenteira, lançou os braços em volta do pescoço da filha, confundindo os seus abe'os com os da moça, enquanto o rapaz, diante delas, de pé, contemplava-as, extasiado.

Dali mesmo Quitéria, não cabendo em si de emoção, gritou pelo marido:

— Romualdo! ó home! Vem cá!

Esquentado das pingas que ingerira, éle veio, muito olgazão, aos pulos, blasonando:

— Qui novidade hai, hein?! Si é de paz, munto qui ben; si num fô, vá dizendo logo, qui eu derrubo tudo num gope, qui eu sou home cuma trinta, nasci foi de tempo, e coice de ovejia num me assusta!

— Tá bom!... Tu já vem cas tuas veneta!... — atalhou Quitéria, puxando-o pela mão para junto da filha que sorria encostada a Chico Peba. — E' preciso qui tu saba qui o seu Chico aqui qué se casá cá Zabel, e qui u num sou contrara a isto, não. Qui diz?

— Minha vêie, eu aí num sou carne nem peixe. Você foi qui a teve, faça dela o qui quisé. Mesmo assim, si é do gôsto dela, nós num temo nada qui vé cum isto.

Entretanto, dirigindo-se à rapariga, com voz meiga:

— Mas porém tu qué mesmo, Zabelinha?

— Quero — balbuciou ela abraçando-se ao pai, o qual, comovido, estreitou-a um instante de encontro ao peito, indo depois apertar a mão a Chico Peba, dizendo:

— Apois home, visto isto, se prepare p'ras festa do Passos agora em setembro. O qui tem de se empenhá se empenha logo. A moça é sua. Ela já tava boa de casá, qui moça é cuma melancia: passou do tempo, não presta. E agora vamo dançá qui é mió.

E voltaram todos quatro, muito alegres, para a festa que ia no seu auge, com os sapateados fortes dos dançadores entusiasmados.

Na cozinha, enquanto faziam café para os convidados, as comadres iam comentando as novidades dos arredores, contando cada uma o que sabia.

Veio à baila a tristeza do Pedro Zamboque, tida ja como real feitiço, e todas eram de opinião que quem lho havia botado fôra a Quitéria do Romualdo, e isto — explicavam — por ter a esta ouvido dizer algumas vézes, que só ela, Quitéria, sabia o que éle tinha, e que era capaz d' curá-lo, torná-lo bom e alegre como outrora.

Quitéria, que chegara, e apanhara algumas frases no ar, a respeito, reforçou a opinião vencedora da cozinha, deu corpo àquelas superstições, anunciando-lhes, muito risonhamente, o próximo casamento do Chico Peba com a filha, pois éle lhe tinha pedido, havia pouco, debaixo dos cajueiros.

Parabenizaram-se efusivamente, como se diz nos jor-

nais, mas intimamente despeitadas, todas as que tinham filhas casadouras.

— Cumadre Quitera, — arriscou Delfina do Isidoro, — num digo isto p'ra mode desfazê no Chico, não! mas porém eu tenho cá p'ra mim qui o Chico num é de se coisa boa... Deus premita qui eu minta, mais si me pernuncio dêste jeito é porque quero muito bem a Zabel, qui até minha afiada de fogueira é. Estes rapaz de hoje em dia... Cadê o Pedro Zamboque?!... E' ciúme da muié, qui faz medo, e matrata ela todo o dia.

A Felícia chega anda qui parece um espeto de assá tripa, tãe magra está! Nem parece mais c'aquela.

— Magra, verdinha! E éle num tira os óio de cima dela!

— O qui éle tem é feitiço, muié! tu num tá vendo logo! — disse uma velha tirando o cachimbo da boca desdentada para reacendê-lo ao fício que arrancara das trempes.

Quitéria, para melhor ocultar o que de real havia naquela história, corporificou tais superstições, concordando com o feitiço de Pedro Zamboque e acrescentando que ia tirar-lho, haviam de ver!

E dito é feito.

No dia seguinte, dirigiu-se à cabana de Pedro Zamboque, onde o encontrara na eterna faina dos consertos das rédes rasgadas nos arrastos.

Estava só, sorumbático.

Felícia tinha ido bater roupa na lagoa ali perto, ao pé do morro da Volta.

— Mas o qui é qui você tem, cristão, qui anda a mode qui lesado? — disse-lhe Quitéria, ao entrar, cumprimentando-o, muito expansiva.

— Ah! cumade Quitera! — respondeu éle, tirando a máscara do queixo e levantando-se para dizer-lhe adeus, com mostras de viva satisfação, — eu ando mesmo em teme de ficá mais é doido, e num sei porque me enasquelei qui só você dará jeito nisto.

Ora num me negue, cumade, pur a vida de seus fios, pur o bem qui você qué ao seu Romualdo, pur a salvação de sua alma, pur tudo quanto é sagrado, me diga uma coisa: você viu a Felícia, quando era moça, junto c'o Chico Peba alguma vez?

Quitéria tremeu pela mentira que ia soltar, — a primeira, na sua vida! — mas que era necessária, pois se assim não fizesse, que seria da filha, do Chico Peba, da Felícia e dele próprio, Pedro Zamboque?

Sua consciência impôs-lhe a mentira salvadora de tantas desgraças:

— Cumpade, p'ra qui eu hei de dizê qui num vi?! Vi, sim! Mas cuma?

Em que circunstância! Oiga:

Naquela apanha de guabirabas das Vertente (você sabe...) ia eu adiante, ela atrás, e o Chico Peba no meio. Apois bem: quanto mais devagá eu ia, mais éles iam-se ficando p'ra trás! Afinal, fiz de conta qui num queria vê nada, e dei de maclá. Um pedaço adiante, mandei cas meninas fosse indo ca Zabel na guia, e me escondi nas moitas de mufumbo do Riacho das Cabras, só p'ra mode vê o qui era c'o Chico queria ca Felícia...

Éles vinham, vinham vindo, numa convessinha baixa, intê qui se emparearo cumigo, sem me vere. Aí ela se voltou p'ra éle, perguntando o qui era qui éle queria; e vai, éle dixê, p'ra ela, neste português: "Felícia, meu bem, eu quero é me casá cum você. Você qué?". Ah! meu sinhô! Num lhe conto!... Ela ficou cuma cobra quando perde o veneno! E sabe o qui ela lhe arrespondeu, pode aquerditá, cuma tá vendo esta luz? Apois bem: Ela fechou a carranca, fitou o Chico e arrequereu: "Ói, seu atrevido: seja esta a derradeira vez qui você fale em querê casá cumigo. Tou cansada de lhe dizê qui só me caso si for c'o Pedro Zamboque, qui foi quem me caiu em graça. Ouviu?". Éle ficou com a cara de André, e ela foi-se. Tai! Era isto qui você queria sabê? Num discunfie de sua muié, não, cumpade, qui você assim ta condenando a sua alma, apois ela era uma moça donzela ajuizada, quando entrou p'ra sua casa, e qui toda a vida só quis bem foi a você!

Neste instante entrava Felícia, sobrajando uma grande trouxa de roupa, muito lavada, sem casaco, com os seios a quererem romper a camisa de mandapolão três X, bem anilada, e toda ela porojando frescura, mocidade e vigo.

À sua chegada, calou-se Quitéria, mas, ao abraçá-la, de costas voltadas para Pedro Zamboque, que estava exultante, piscou-lhe os olhos, muitas vézes, como a exprimir-se-lhe eloquentemente:

— Fica descansada. Teu marido engolirá a pilula que lhe dei, e de cara bem alegre.

Pedro passara subitamente por uma completa metamorfose moral!

Muito contente, abraça ali mesmo a mulher, pedindo-lhe carinhosamente que "fosse fazer café para sá Quitera" e se gabando de qui estava bom, bonzinho daquela zonzeira, qui parecia uma tentação do capirôto.

★

Eis a origem da fama de grande feiticeira de que de então para cá tem acompanhado a Quitéria do Romualdo.

Foi por isto que ela ficou sendo, e para todo o sempre, a criatura mais mandigueira daquelas praias, só pelo feitiço que arrancara a Pedro Zamboque, o qual, como todos tinham visto, estava se consumindo em vida.

Ele próprio asseverara, aos que pasmavam da sua transformação, que fôra a Quitéria quem o salvara, milagrosamente, puxando-lhe das entranhas um grande cururu todo espetado de alfinetes, amarrado de cabelos e inchado como um baiacu...

Chico Peba era o único que não tinha confiança nenhuma nas virtudes mágicas da sogra, mas, por sua vez, não se cansava de apregoar também que a sogra tinha oração forte.

Ainda há pouco tempo era a Quitéria reputada, no

O TEMPO PASSA...



...mas o que é bom fica.

Pode-se assim dizer da AGUA INGLESA GRANADO que há mais de 60 anos é usada com os melhores resultados nos casos de ANEMIA, CLOROSE e CONVALESCÊNCIAS.

TÔNICA E APERTIVA

ÁGUA INGLESA GRANADO

CABELOS BRANCOS?

LOCÃO

Brilhante



Fume! Mantenha porém, seus dentes livres das anti-estéticas Manchas de Nicotina!

O Creme Dental Nicotan (fórmula original americana) é recomendado especialmente para fumantes. Remove completamente as manchas da nicotina acumulada nos interstícios dos dentes e causadas pelo uso contínuo do cigarro. Nicotan dá aos dentes um brilho deslumbrante e às gengivas uma coloração natural e sadia. Não ataca o esmalte. Não contém pedra pómei nem substâncias ácidas ou corrosivas. Tem sabor de cerejas.

NICOTAN

CREME DENTAL ESPECIAL PARA FUMANTES

SENUN

Agua absolutamente Estéril pela Ação da Prata Incorporada

★ Moringues fabricadas pelo processo esterilizante

SENUN



ESTERILISANTE

Puxi, a mais competente e infalível feiticeira de que já houve notícia por aquelas praias.

E esta fama se espalhou tão depressa, a crescer de tal forma, que ela própria, portadora destas maravilhosas faculdades se julgou, acabando por transformar a sua camarinha num gabinete de altos estudos escaraboféticos, literalmente cheia de amuletos, batinhos, corujas empalhadas, sapos cravados de espinhos de man-facarus, dentes de menino pagão, cavei-ras de virgem, e uma infinidade de acessórios necessários às altas investigações científicas da transcendental arte da feitiçaria moderna, cujo domínio ela tinha naquele trecho de hinterland brasileiro.

REVOLUÇÃO NA CINEMA-TOGRAFIA COLORIDA

(Continuação da pág. 29)

— Maurice Chevalier também veio — diz-me Pagnol. — E ficou zangado comigo porque não o convidei para "rodar" um filme... E ficou com ciúme de Tino. Mas eu lhe respondi: "Pensa bem, Maurice, na tua figura cantando uma ária de Schubert"...

Charlie Chaplin, o grande Carlitos, queria fazer rodar uma versão à sua maneira da "Mulher do padeiro".

— "Muito bem — respondi a Carlitos (disse-me Pagnol). — mas desde que você reapareça com a bengalinha e com seus apatões. Ele me respondeu, por sua vez, amado, que não estava brincando."

Há um mês, Pagnol não pode ir sequer à sua casa. Está lá em "L'Abbaye", com Jacqueline Bouvier ("La Belle Meunière") seu filho Frederico... E em família que Pagnol faz a revolução do filme em cores...

Cidadezinha do Interior

(Cont. da pág. 21)

O vigário já ia longe, rumo da Matriz de São José. Na calçada fronteira ao bar, uma jovem loura, bonita toda a vida, que estava comprando pé de moleque na casa do Talão, suspirou fundo... fundo... De dar pena.

Todavia devemos humildemente observar que este negócio de mula sem cabeça é linda, são. Não existe mesmo não. E' linda pura.

VII

Na porta do hotel um guarda-freios estava dizendo que os passageiros do expresso estavam danados com o acontecido, desafôro, uma pouca vergonha etc, pois até aquela hora, por causa dum desencarilhamento adiante de Três Rios, o pessoal estava que estava faminto, sem jantar até aquela hora.

Por isso vinha chegando mais gente que, em matula, entrou na sala de jantar. Dona Florinda quase fica doida.

— Meu Deus, esta Leopoldina é o azar da minha vida... Onde já se viu tanta gente numa vez? Ah! meu Deus, eu acabo louca com isso... Os senhores vão ter um pouquinho de paciência, tem jantar pra todo o mundo... E' coisa de minutos. Quem manda a comida aqui ser bem feita e muito farta, né mesmo? Antes assim, tenham paciência, essas cozinheiras só matando essas diabos! O gente! vamos parar com essa folia aí dentro que o pessoal tá de lingua de fora e com pressa, meninas, andem com isso, ah! meu Deus, eu acabo maluca, maluca, né mesmo?

E dava ordens, se desdobrando. Tia Juliinha veio ver se o Ocride tinha vindo naquele trem, ainda daquela vez não vieram... Torção de açúcar redobrou de atividade, era menina elétrica! Os que ainda estavam batendo papinho em torno da mesa maior, hóspedes e visitantes, os irmãos Oscar e Acácio, Gouveia, Chico Marques, Anterinho, Felício, o fiscal dum lanceo, o barbeiro dos grandes bigodes à Napoleão III, o sargento e o comandante, todos se levantaram, dando lugar aos passageiros do expresso, e foram para a sala da frente.

Agora, da sala de janta, vinha o rumor de talheres e copos, conversas e risadas, de barriguinta cheia a vida tem mais encantos...

— Depressa, menina (era a voz de dona Florinda) o trem não demora muito aqui. Só o tempo de mudar de máquina. Esta Leopoldina é o meu calvário... Ah, meu Deus. Que bicho deu hoje, Plínio?

Na sala da frente a conversa também estava animada. Só o comandante, geralmente tão conversador, agora estava quieto, pensando, remoendo datas, lembranças, misérias da guerra miserável. Olhos postos numa gravura de cervejaria, representando uma taverna alemã, uns bebedores empunhando copázios, que espumavam, grandes espadas, grandes bigódes, grandes facécias, em torno duma dona boa do século XVII, a taverneira... Estaria vendo mesmo aquilo? Ou, através da parede, olhar perdido, o grande mar que rumoreja até a morte na alma dos marinheiros, quem sabe estava vendo, através da parede, da cidade (na sala de jantar o rádio tocando Strauss...), do município, de toda Minas, além, sempre além, em direção ao norte, a nativa paisagem familiar do seu tempo de menino? Isto ninguém nunca o saberá, pois o comandante não me disse. Estava quieto, fumando cachimbo. Lobo do mar.

Torrão de açúcar, numa folguinha da sala de jantar, as cozinheiras e a dona também servindo, trouxe outra rodada de café. João Adário, que chegara, tomou uma chichinha, depois puxou do bolso um imenso pano, a que os literatos suburbanos ainda dão o nome verdadeiro de lenço de Alcobaga (para mim aquilo era lençol de criança, mas como eu sou um errado, é bem possível que não), deu uma fungada de rapé, e espirrou, satisfeito!

— Aceita, capitão?

O comandante agradeceu, que não. Reparando o açucareiro na bandeja, o comandante sorriu.

— Muito bem, Torrãozinho, muito bem... Vejo que você trouxe o seu xará... Sorveu o cafezinho e deixou-se ficar na poltrona, derreado. Com a colherinha raspou o fundo da xícara, veio um melado escuro de lá, mandou pra dentro. Em tua homenagem, Torrãozinho... — Ah! seu comandante, desguia, sim?

E entrou, rindo, que da cozinha já gritavam da demora.

O comandante levantou-se. Era baixinho e forte. No blusão de couro duas filas de fitinhas coloridas, nacionais e estrangeiras, davam-lhe um ar marcial, embora estivesse a paisana. Bons serviços, dedicação, denodo. E agora, um homem entediado de tudo.

— Senhores que ficam, muito boa noite. Vou dar um "bordejo" por aí, para fazer o quilo...

— Vai fazer o quilo, hein? Depois de tanto tempo, hein? O nosso amigo vai é fazer "aquilo"... trocadilhou o Felício, venenoso como ele só. Quem é que não sabe, hein, que ele anda enrabichado lá pros lados da fábrica de sabão? Pra cima de muá, não, batuta, vá contar isso pra outro... Onde é que já se viu aquilo das oito e meia à meia noite, hein?... Hein, onde é que já se viu?... Quá, quá, quá... O Sena caiu na gargalhada. Ele também tinha uma fulana por lá...

O comandante é que não ouviu o silvo da cascavel... Já ia longe, além da "Casa do COMPADRE" (armarinho e miudezas, pregos de estarrecer! —), a passos firmes, assobiando uma canção guerreira...

Entre o amor e o pecado

(Cont. da pág. 27)

Esava dum título. E com a fama e notoriedade que conseguira em Londres não foi difícil arranjá-lo. Foi o velho e perverso, porém riquíssimo, conde de Radcliffe o escolhido. Ciumento, ele a trazia num círculo de ferro. Mas o rei a conheceu num baile... e um conde não pode se opor a um rei...

Ser a favorita do rei! Agora Bruce não a desprezaria! Ele ele voltou mais uma vez... casado, com uma moça de olhar puro. De nada valeram os dias de horror e amargura que Amber vivera tratando dele, quando a peste negra assolara a cidade. De nada valera sua glória atual, nem mesmo a liberdade, conreguida quando o marido perecera no grande incêndio de Londres. Bruce apenas queria voltar para a América, levando o filho que lá teria um nome e uma casa decente. E Amber deixou-os partir, sem nunca conseguir compreender por que perdera o seu adorado Bruce.

AS MULHERES LINDAS AFIRMAM:



RUGOL

facilita o tratamento da pele porque equivale a 2 CREMES NUM SÓ!

O Creme Rugol simplifica extraordinariamente o seu tratamento de beleza, por ser ao mesmo tempo um creme embelezador e de limpeza! Suaviza, clareia e nutre a pele. E serve também como excelente creme-base. Rugol é muito indicado nos casos de pele imperfeita, com espinhas, cravos, rugas ou manchas. Comece a usar hoje mesmo o Creme Rugol, que dá à cutis maravilhosa brancura-diáfano esplendor de primavera...



Quase todas as imperfeições da cutis nascem nas chamadas camadas subcutâneas, onde é necessário estimular e nutrir a pele.



Aplique Rugol todas as noites, com massagens de 3 a 5 minutos.

CREME Rugol

Mantém em segredo sua idade, porque LIMPA, CLAREIA E EMBELEZA A PELE

Publicidade para a

Revista da Semana

em São Paulo

Tratar com

JARBAS DE FREITAS GALVÃO

Rua Brigadeiro Tobias, 613
2.º andar — Sala 217
Fone: 6-6718

A vida de Walter Scott

(Continuação da pag. 18)

E' que todos eles, por humildes que fossem lhe traziam o mais precioso de todos os presentes — um novo amigo. A moeda da amizade era para Scott pagamento suficiente para a mercadoria da hospitalidade.

La ficando grisalho, conforme escreveu a um dos seus intimos, "mas não acho que a neve tenha esfriado nem meu cérebro nem meu coração". Na verdade, longe de esfriar-lhe o cérebro e o coração, a passagem dos anos iria aquecê-los para novos vôos da imaginação. Tendo-se dedicado à poesia até atingir a maturidade, conseguiu tornar-se um trovador de segunda categoria. Então, voltou sua atenção para a prosa e tornou-se um poeta de primeira ordem.

V

Uma ou duas vezes nos seus verdes anos, Walter Scott tentara escrever um romance em prosa mas desistira considerando isso uma tarefa superior às suas forças. Em 1805 submeteu a um crítico amigo, William Erskine, sete capítulos de *Waverley*. "Jogue-os fora", aconselhará-o desabridamente o amigo. "Estes capítulos são uma prova eloquente de que você não dá para a ficção". Scott não jogara fora os capítulos, contentando-se com abandoná-los num canto. Em 1813 encontrou-os por acaso quando procurava petrechos de pescaria na gaveta de uma mesa velha guardada no sótão. Releu aquêlê comêgo de narrativa e resolveu concluí-la "apenas por achar interessante a coisa".

E assim, sem o saber, Walter Scott passara a dono de uma mina de ouro.

Todavia, ainda depois de conhecer o valor prático de seus romances, não estava absolutamente seguro do seu valor artístico. Deu-nos à publicidade anonimamente, porquanto conforme explicou quase no fim de sua vida, julgara indigno de um delegado ser romancista. Escrevia seus romances clandestinamente, como se se estivesse entregando a algum vício vergonhoso e secreto, e, terminados eles, "os atirava ao vento" — para usar sua própria expressão — "e os abandonava à sua própria sorte".

E o vento, recebendo a preciosa carga de suas narrativas, devolvia-lhe uma carga igualmente preciosa de ouro e glória. Mas era uma glória impessoal. De vez em quando, um crítico perspicaz dava com a autoria de algum de seus romances. Quando Maria Edgeworth acabou de ler *Waverley* enviou uma carta ao seu "Desconhecido autor — *aut Scotus aut diabolus*" (ou Scott ou o diabo). Mas Scott nem afirmou nem negou ser seu o livro. Uma vez, jantando com o Príncipe Regente da Inglaterra, este pediu uma taça para fazer um brinde ao autor de *Waverley*, e olhou de maneira significativa para Scott. O romancista encheu o seu copo até a borda e disse: "Vossa Alteza Real parece pensar que eu tenha algum direito à honra deste brinde. Não tenho tais pretensões, mas tomarei a meu cargo fazer chegar ao conhecimento do verdadeiro brindado a alta distinção que acaba de ser-lhe conferida".

Seus direitos autorais agora vertiam dinheiro a rodo em suas arcas e Scott continuava a vertê-lo dali para o tonel sem fundo que era a empresa tipografica de Ballantyne. E durante todo este tempo ele esteve na trágica ignorância de que o negócio ia de mal a pior. Comprava terras e mais terras, enredava-se numa verdadeira teia de hipotecas, hospedava uma chusma de visitantes, dava jantares e bailes aos camponeses ao relvado do seu solar, andava (apesar de sua perna defeituosa) por montes e vales, ia a caçadas, criava suas histórias ("Quando é, Santo Deus, que esse homem acha tempo para fazer tudo isso?") regalava-se com as honrarias recebidas (inclusive o título de baronete) ia casando os filhos, escrevia mais romances, ganhava mais dinheiro, afundava-se cada vez mais nas desastrosas especulações de Ballantyne — até que veio a bancarrota. Ballantyne faliu e Scott perdeu com isso toda a sua fortuna.

O golpe foi tão inesperado quanto trágico. Mas serviu para transformar Scott de um bom sujeito em um grande homem. Dêsse momento em diante foi ele o herói de uma história mais edificante do que quantas havia escrito. Suas dividas, resultantes da falência de Ballantyne, atingiam a soma de 117.000 libras (cerca de 600.000 dólares). Seus amigos aconselharam-no a declarar-se falido. Como advogado, frequentemente ele indicara idéntica solução aos seus clientes. Agora, porém, recusou teimosamente aproveitar-se desse meio legal de fuga. "Nenhum homem", declarou ele, "há de perder um pêni por minha culpa". Quando os membros de sua família quiseram compadecer-se dele, Scott os expulsou do aposento: "Não suportio", disse, "olhos vermelhos nem assoar de nariz". Pôs-se estoicamente a escrever, escrever, escrever, para pagar todas as dividas. Transformou-se numa máquina viva. Um dia, dois jovens Lockhart e Menzies, jantavam em casa dêste último. De repente Lockhart viu o amigo olhando pela janela, com desassossego.

— Que há? — perguntou Lockhart. — Não se sente bem?

— Não — respondeu Menzies. — Mas isso passará se você trocar de lugar comigo... Daqui vejo uma maldita mão... Desde que nos sentamos à mesa estou a observá-la. Ela enfiteiga-me os olhos... Não para jamais! Páginas e mais páginas escritas são póstas so-

bre a pilha de manuscritos e ela continua infatigavelmente na sua tarefa... e assim fará até trazerem as velas, e ainda depois disso é impossível dizer até quando... E' a mesma coisa todas as noites... Deve ser algum estúpido escrevente, escravo do trabalho, e por ele absorvido..."

Não, não era um escriturário escravo do trabalho, era Walter Scott pagando suas dividas.

Adoeceu devido ao excesso de trabalho. Mas enfrentou a doença como um estóico. "O homem de bem sofre e continua a trabalhar". Quando não podia ficar sentado, ditava da cama seu manuscrito. Havia momentos em que a dor o fazia cerrar os dentes. Mas assim que o espasmo cedia, ele continuava o ditado. Sua mulher faleceu. Entorrou-a ("a sondão é terrível") e continuou a trabalhar. Escreveu romances, poemas e biografias: pagou um quarto de sua dívida, metade, três quartos. Sob a tensão do estorço sua mente cedeu como antes seu corpo cederá. Cometeu o erro de pensar que tinha pago toda a sua dívida — abençoada ilusão. Em seus momentos de maior lucidez, descreveu um homem doente, certo personagem de um de seu romances. Era, na verdade, uma descrição de si próprio. "A poltrona cheia de almofadas, as pernas estendidas envoltas em flanela, o roupão e o grupo de dormir traam a doença; mas os olhos mórtricos, outrora tão ardentes de vida, o lábio palreiro, cuja dilatação e contração davam antes tanta personalidade à sua fisionomia vivaz, a lingua tartarudeante de que em outros tempos jorravam caudais de máscula eloquência e que tantas vezes influíra nas opiniões de sábios a quem se dirigia — todos esses tristes sintomas mostravam que meu amigo estava na condição melancólica daqueles em que o princípio da vida animal infelizmente sobreviveu ao da inteligência..."

Contudo, nos intervalos de seu sofrimento, Scott logrou concluir outro romance: *Roberto de Paris*. E então estava pronto para repousar. "O arado chega ao fim do sulco".

Seus amigos fizeram com que ele desse um passeio pelo Mediterrâneo, numa fragata gentilmente oferecida pelo almirantado. Entre os que vieram apresentar-lhe suas despedidas estavam senhores e damas e um "homem comum" que ele prezava mais que a todos os outros: William Wordsworth. A bordo da fragata começou dois novos romances, por quanto à sua desmemória acudia às vezes o desejo de apressar-se. "Há alguma coisa que preciso fazer antes de morrer". Um dia recebeu a notícia da morte de Goethe. Pediu ao capitão que desse por encerrada a excursão marítima. "Pelo menos Goethe morreu em casa. Vamos voltar para Abbotsford".

Chegou a 11 de julho de 1832. Embora mal pudesse andar, pediu que o sentassem numa cadeira, diante de sua mesa de trabalho. "Agora, dêem-me uma pena e deixem-me algum tempo só". Mas quando a filha lhe deu a pena, seus dedos não conseguiram segurá-la.

Levaram-no para o leito. Ali ficou dois meses e depois fechou os olhos em completo sossego. "Jamais um escultor modelou um corpo em repouso mais majestoso que aquele".

E não era de admirar que parecesse tão tranquilo. Tinha pago toda a sua dívida ao seu Criador no céu. (Do livro "Vidas de grandes Romancistas").

A vagabundagem lírica de Vito

(Continuação da pag. 33)

Antes da primeira guerra expôs no Cairo e em Moscou, onde Gorki foi admirar suas telas. Em Bruxelas, o marechal Lyautey patrocinou sua exposição. Os títulos que dá aos seus trabalhos dizem das terras por onde andou: "Repouso no Oásis", "Tentação árabe", "Uma rua em Paris", "Mercado de Bruxelas", "A feira de Oudjda", numa sequencia interminável. Há quadros seus nos museus de Moscou, Paris, Londres, Bruxelas, Cairo, em toda parte aonde o levou o seu espírito inquieto e onde deixou anos de sua vida. Grande parte dela deixou o pintor na África, onde vive sua alma presa às visões dos desertos, e dos longos caminhos de caravanas. Vito Perona é, sobretudo, um artista errante. A sua pintura, que não se filia propriamente a nenhuma escola, caracteriza-se pela liberdade de interpretação e de técnica. Sua pintura é tão livre quanto sua vida.

OLHOS ABERTOS PARA A VIDA

Muito viveu o pintor de Terni, porém, uma das maiores emoções de sua vida foi-lhe dada por um episódio em Casablanca. Certo dia levaram-no à casa de um amigo. Quando Vito Perona chegou, uma criança acabava de morrer. Seus olhos estavam cerrados para sempre. Perona que jámais havia visto o garoto enquanto ainda vivia, voltou para o ateliê. Ai, estendeu uma tela e começou a pintar o retrato do menino. Mas não o pintou de olhos cerrados. Pintou-o vivo, como devia ter sido em seus breves dias na terra. Levou o retrato ao pai do menino, dias depois. Assombrado, o pobre homem perguntou a Vito Perona como tinha ele podido pintar o menino com tanta semelhança, se não o havia conhecido, principalmente os olhos. Parecia que a criança ainda vivia.

— Que fez o senhor? — perguntou o pai.

— Abri os olhos — respondeu.

Fôra apenas isso. Perona que jámais vira a criança antes, abriu-lhe os olhos para a vida. E a alegria que descobriu na fisionomia do pai inconsolável consti-

tiu para o pintor o maior prêmio que lhe pudessem oferecer.

Na verdade, em quem menos pensa Perona é em si mesmo. Por toda parte onde passa deixa um traço de seu amor aos outros. Onde quer que tenha passado, uma parte do produto de suas exposições é reservada a orfanatos, a instituições de amparo a mendigos, a hospitais, à velhice desamparada. Numa plaquete que contém a sua biografia, editada em Terni, em 1933, vejo que ele realizou ali uma exposição em benefício dos mendigos, dos loucos e dos velhos de sua cidade natal. E assim tem feito pelo Brasil inteiro e está fazendo em Belo Horizonte, ele que não possui lar, nem teto ou, por outras palavras, não tem sequer um travesseiro onde pousar a cabeça.

UM HOMEM QUE PERTURBA...

Belo Horizonte não é um céu aberto para os pintores pobres que vivem de sua arte. Não vivem nela muitos amantes dessas coisas e muitos que o são não podem adquirir objetos de valor. Mas Vito Perona vive de sua arte na capital mineira. Também ele viveu na África. Suas andanças ensinaram ao artista as portas dos restaurantes onde se come por um pouco menos e as pensões onde a cama, embora dura, não está de todo fora da bolsa que não seja inteiramente magra. E sempre se vende um quadro, em qualquer parte.

Enquanto isso o pintor se diverte com a curiosidade que desperta. "E' um louco", "que roupa", "que bigode", ele ouve a toda hora, na rua ou abancado à mesa de um bar, uma caneca de chopp à sua frente. Em troca, ele olha os tipos, as paisagens e os costumes e deles enche seus olhos vivos do menino de Terni, os mesmos olhos daquele jovem que fazia badernas nas ruas, encomodava as autoridades e pintava coisas alegres para seu velho pai.

E' um tipo curioso, não resta dúvida, assim pensam os que o observam de longe, desconhecem a sua vida, ignoram que ele representa neste século da bomba atômica, algo como um daqueles navegadores da Renascença, cujo espírito de aventura perturbava o mundo.

E' verdade que Vito Perona não chega a perturbar o mundo de hoje. Mas um homem de mais de setenta janeiros, que, numa cidade onde ha ainda muito de província, se atira numa bicicleta e sai pedalando pela rua, perturba ao menos... o trânsito. Além disso, chama a atenção geral. E quando alguém informa a algum curioso que ele não é louco, e, sim, um pintor, o sujeito comenta:

— Ahn... logo vi.

Sim, porque ainda há disso em Belo Horizonte, do mesmo modo que em toda parte, porque Belo Horizonte é uma cidade como outra qualquer.

Tetrolina

antisséptico
adstringente
bactericida

O produto preferido pelas
senhoras modernas para a
sua HIGIENE INTIMA.

"MELISSA"

Um folhetim-sintético-ilustrado de REVISTA DA SEMANA — Direitos adquiridos ao King Feature Syndicate.

História de **LE GRAND CANNON JR.** — Desenhos de **JOHN FULTON**



Tom Livingston arrancou a camisa do filho e deu-lhe uma surra.



— Whit, não quer ceifar o meu feno?



— Arranjaremos "um homem"...

Era um dia quente e seco de agosto de 1769. Em Kettleford, província de New Hampshire, cortava-se o feno. Nada se fazia além disso: cortar o feno. Política, pesca, colheitas de batatas, corte de madeiras, tudo, tudo estava esquecido; ou ao menos pôsto de lado. Ninguém estava isento daquele serviço. O jovem Nathaniel Thett, por exemplo, — era o mestre-escola, — brandia uma foice. Também Gavin Gowan, o sacerdote, e Joe Felipe, o ferreiro. Joe era um português, ex-marineiro, que ali chegara numa época em que não havia ferreiro. E a razão do pessoal não se chegar muito a ele, ele a atribuía a Whit Livingston. Era a excelente lâmina de Whit que mantinha viva a obra de Karr, o antigo ferreiro. Por

isso Joe odiava Whit Livingston. Este rapaz, Whit, era o melhor segador que havia em Kettleford. E ademais era querido de todos, desde o seu décimo-segundo aniversário, quando o pai tentara forçá-lo a beber um copo de aguardente e ele não conseguira. Tom Livingston arrancara-lhe a camisa e lhe aplicara uma surra. Só muitos anos depois disso é que Whit tornou a entrar na taverna, para dar um recado. Mas agora, com dezenove anos, alto, calmo e lento no falar, costumava visitar bastante a taverna, mas apenas para ver Melissa, a filha do capitão Butler, o taverneiro. Por isso ali estava naquela manhã de agosto, e o capitão sabia muito bem por que. — Whit,

— chamou ele, — como é, não quer cortar o meu feno p'ra mim? — Whit refletiu um pouco mas Melissa logo declarou que ela mesma ajuntaria o feno cortado. O capitão anteviu logo o seu campo magnificamente segado. Mas estava contando muito com o ovo... Ele e Melissa? pensava Whit. Todo o dia a sós? Tanto era de mais que ele recuou. — Antes preciso cortar o lá de casa — desculpou-se. Melissa largou o que estava fazendo. Plan-tou-se de mãos nos quadris em frente a ele. — Não quer, não é? — perguntou. — Então vamos arranjar um homem para cortar o nosso.

Whit ficou mudo de espanto.



— Dou-lhe essa garrafa, Joe.



Joe riu. — E' tarde, menino!



Whit teve medo, mas ficou firme.



— E o melhor na sega...

Enquanto Whit corava de vergonha, entrava na taverna o ferreiro Joe Felipe. Saudou-o o capitão Butler: — Estamos falando sobre o feno... — E Joe imaginou o que Whit poderia ter dito sobre feno para deixar Melissa daquele jeito. Butler então lhe propôs que se quisesse trabalhar o resto do dia para ele, teria uma garrafa de aguardente. Melissa acrescentou friamente que estava disposta a juntar o feno cortado. Joe correu os olhos de um para outro, terminando em Whit, que permaneceu impassível. — Feito — disse para o capitão, agarrando logo a garrafa. — Vou tomar já um golinho, por conta.

— Whit então se chegou para o balcão. — O campo é muito grande. Vai precisar de duas pessoas para ceifá-lo todo. — Joe riu alto. — Muito tarde, menino! — O olhar de Whit, fixo no ferreiro, deixou mal à vontade o capitão, que ficou pronto para o que desse e viesse. Joe acabou de beber e bateu com o copo sobre o balcão. — Vá para casa, menino! — disse para Whit. — Por hoje já ouvi de mais sobre a sua sega. — Whit, por puro hábito, disse que tinha uma boa lâmina. — Você e a lâmina do tal de Karr! — rugiu Joe, empunhando a faca, que encostou ao pescoço de Whit. Este ficou

firme. Assustado, mas firme. O capitão foi se colocando em posição, já de trabuco em punho, para maior conforto. De Melissa nem som... A mão de Joe tremia: — Olhe cá! Posso cortar mais feno com essa faca que você com toda a sua lâmina Karr! Vamos lá! Vou-lhe mostrar quem é que sabe segar: José Felipe!

— Está certo — concordou Whit. E o outro: — E com quem segar melhor a trabalha amanhã. Feito? — Whit não respondeu. Foi a voz da pequena que interrompeu o silêncio. Ela falou baixa e lentamente: — Feito!



Gowan expôs as regras.



Whit foi ficando para trás.



Então ele viu Melissa...



Joe brandiu a foice...

Joe, a caminho em busca da sua foice, encontrou um homem. Pouco depois todos já sabiam do duelo, de modo que no campo de Butler juntou-se uma multidão. Gowan, o sacerdote, expôs um plano simples para a contenda: os dois trabalhariam ao comprido do campo, cada um numa faixa predeterminada. Quem terminasse primeiro seria o melhor. Chegou para o lado e bateu as mãos: — Ao trabalho!

Joe lançou sua brçada ampla, ceifando muito mais largamente do que Whit. Este começou logo a ficar para trás, já que não conseguia acompanhar o ritmo do outro. À medida que Joe avançava, a assistência se punha a

ovacioná-lo cada vez com mais intensidade. Whit parou para afiar a lâmina, e quando recomeçou o outro já estava quase a perder de vista. Whit não conseguia produzir tudo o que sabia. Parecia estar com os movimentos presos. Procurava não pensar em Melissa, e nisso também nada conseguia. Ainda ouvia-lhe a voz: — Feito! — E de repente começou a ceifar como um louco, sem preocupações de se poupar para o fim. Foi quando avistou-a entre a multidão, firmes, e Whit começou a andar os dele por um instante, firmes, e Whit começou a andar mais depressa. Havia de lhe mostrar o que era ceifar um campo! Assim recomeçou a ganhar terreno. Os que haviam apostado em Joe silenciaram aos poucos. O can-

saço começava a invadir Whit, que já perdera a noção do movimento. Já o fazia automaticamente. Tudo o que sabia era que era necessário cobrir o espaço que o separava de Joe. Este também já estava cansado, respirando a custo. Pelo canto dos olhos viu que Whit lhe passava a frente, perdida toda a dianteira que levava. Joe ardeu de raiva. E foi quando viu as pernas de Whit se afastando, dois passos, mais dois... viu os músculos rijos da barriga da perna do outro... — Você não presta mesmo, português de uma figa — alguém gritou. Isso doeu em Joe, que caminhou para as pernas de Whit e brandiu a foice com toda força.

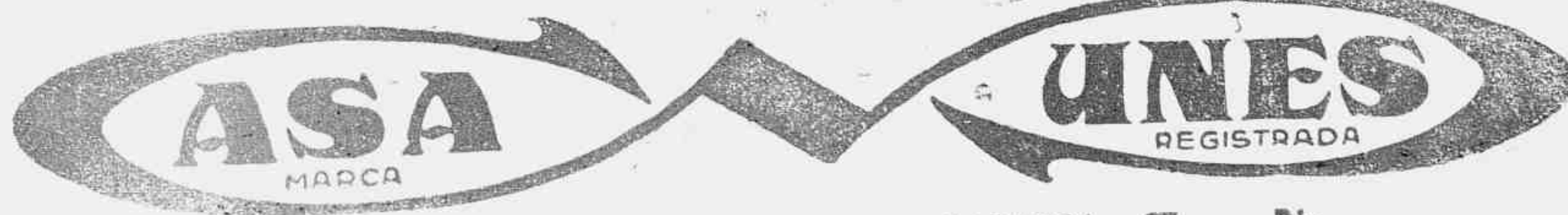


Tudo tão simples... Passadeira de forração Standard lavrada; móveis modernos de pau-marfim, em contraste discreto com as portières de gorgorão de seda verde-musgo, sobre drapé de voile suíço branco; e cadeiras estofadas com gorgorão de côr bordeaux. Simples e agradável...

Mobiliários e Decorações

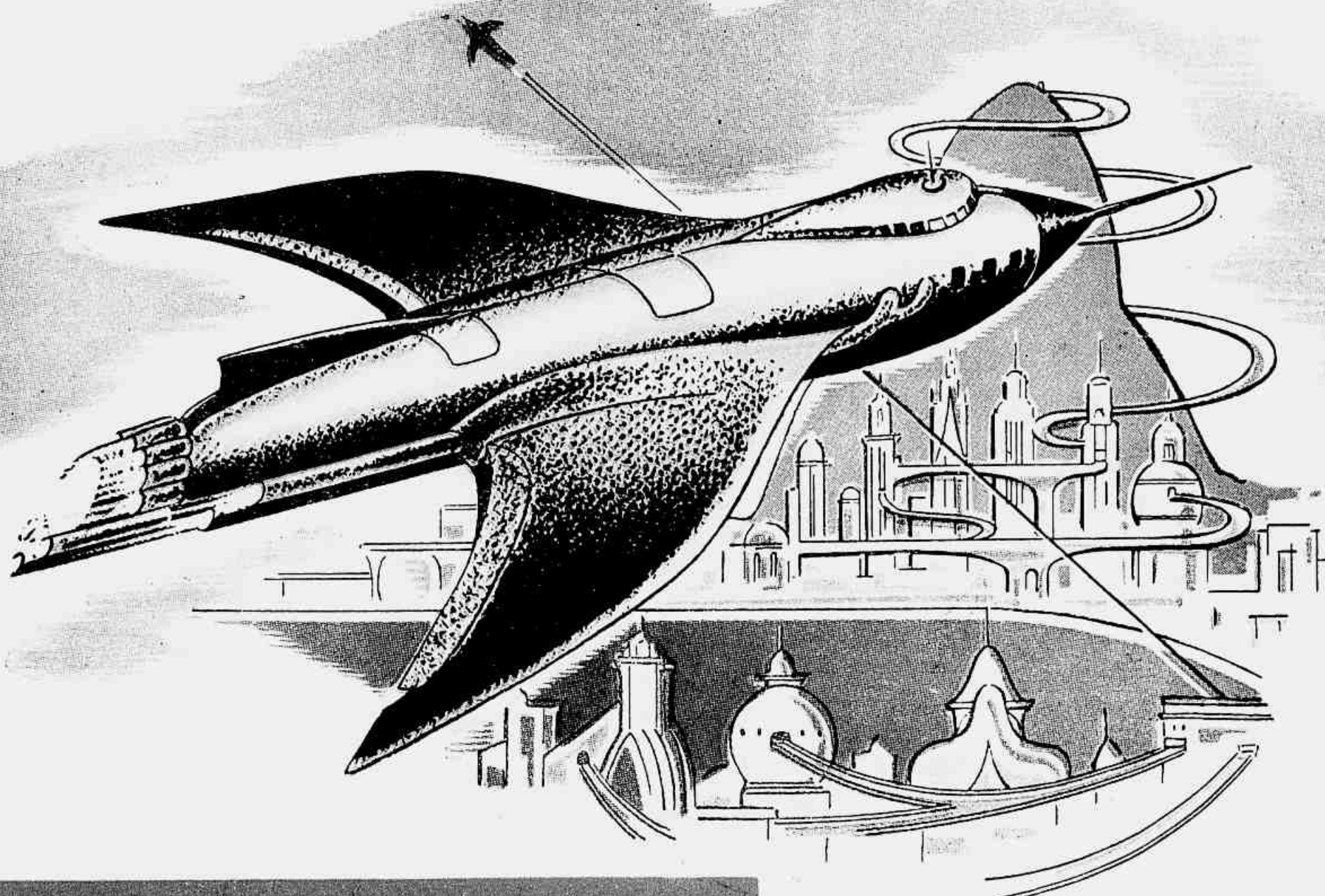
TAPETES E PASSADEIRAS DE FORRAÇÃO

NACIONAIS, FRANCESES, INGLESES, AMERICANOS, PORTUGUESES, INDIANOS, PERSAS, (LEGÍTIMOS), ETC.



Fundada em 1912 — 65, RUA DA CARIOCA, 67 — Rio

CURIOSIDADES Continental



NO BRASIL fumam-se por dia milhões de cigarros Continental. Se você fumasse uma carteira por dia e tivesse de fumar todos esses cigarros, teria que viver até o ano de **2.610!**

CONTINENTAL é o cigarro de qualidade mais popular em todo o Brasil. Ligados ponta com ponta, os cigarros CONTINENTAL fumados num só dia atingiriam 350 quilômetros. Prefira também o cigarro cuja qualidade é atestada por tão larga preferência.

CADA CIGARRO SOUZA CRUZ É SEMPRE
O MELHOR EM SUA CLASSE



COMPANHIA DE CIGARROS

Souza Cruz